



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
Instituto de Ciências Humanas – IH
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História – PPGHIS

**Teto de Vidro ou Labirinto de Cristal? As Margens Femininas das
Ciências**

Betina Stefanello Lima

Brasília
Julho/2008

Teto de Vidro ou Labirinto de Cristal? As Margens Femininas das Ciências

Betina Stefanello Lima

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Rita Laura Segato

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Rita Laura Segato (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Maria Margaret Lopes (IG/Universidade Estadual de Campinas)

Prof.^a Dr.^a Ondina Pena Pereira (PSI/Universidade Católica de Brasília)

Suplente:

Prof.^a Dr.^a Cristina Stevens (LIT/Universidade de Brasília)

Brasília

2008

Dedicatória

Dedico esta pesquisa a todas as físicas entrevistadas sem as quais não poderia ter feito este trabalho.

RESUMO

Este trabalho dedica-se à análise qualitativa dos mecanismos de inclusão subalterna das mulheres nas ciências, neste caso, as físicas. Esta reflexão é realizada a partir de dezenove entrevistas com físicas em variadas posições no Brasil, da participação no evento “*Second Iupap Conference on Women in Physics*” em 2005 e da experiência como analista em ciência e tecnologia do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. A pesquisa foi orientada pelas teorias dos Estudos Feministas e de Gênero. As análises realizadas ao longo desta dissertação apontam para uma rede complexa de mecanismos que tem perpetuado a inclusão subalterna das mulheres no campo científico.

Palavras-chave: gênero, ciências, físicas, ascensão profissional, mulheres, feminismos, carreira científica.

ABSTRACT

This work provides a qualitative analysis of the mechanisms of women subaltern inclusion in Science, in this case, Physics. This study is based on nineteen interviews with female physicists working on different positions in Brazil, on their participation on the “*Second IUPAP Conference on Women in Physics*” in 2005, and on the experience of a Science and Technology Analyst of the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq). This research was guided by the theories of Feminist and Gender Studies. The analysis performed during this work indicate a complex net of mechanisms that has perpetuated the subaltern inclusion of women on the scientific field.

Keywords: gender and science, Physics, scientific career, feminism

AGRADECIMENTOS

Agradeço à vida por ter me deixado conquistar o direito de permanecer respirando, pensando, sofrendo, transformando, acreditando... Não que esta declaração seja um louvor à vida, a morte é também bem-vinda.

Agradeço imensamente às pesquisadoras que me receberam e que me permitiram realizar esta pesquisa. Algumas delas, especialmente, por compartilharem suas vidas, suas dores, suas alegrias e seus dilemas. Sinto-me honrada pela confiança depositada em mim.

Agradeço ao professor José Jorge de Carvalho por me incitar o gosto pela antropologia ainda nas aulas de introdução e incentivo para continuar. Agradeço ao professor José Bizerril e às professoras Ondina Pena e Tânia Mara Almeida por terem me possibilitado um caminho a ser trilhado no conhecimento durante a especialização de antropologia. A estas duas últimas professoras agradeço também o incentivo e encaminhamento ao mestrado e por terem me apresentado à Profa. Rita Segato.

Agradeço a todas as pensadoras (professoras e colegas) a quem tive acesso durante o mestrado e que iluminaram esta dissertação de tantas formas que é difícil nominá-las.

Agradeço à Profa. Diva Couto por suas perguntas e pensamentos temperados de uma sagacidade irônica única e também por toda sua confiança e apoio.

Agradeço à Profa. Tânia Navarro-Swain pelos arrombamentos, nunca definitivos, das grades binárias do conhecimento.

Agradeço à Profa. Cristina Stevens por apresentar os caminhos deliciosos da literatura feminista e da metacficção.

Agradeço à Anette Maia por sua solidariedade infinita e seu saber, cirúrgico e poético cuja influência excedeu em muito a esfera acadêmica.

Agradeço à Profa. Rita Segato por ser uma fonte constante de inspiração e por acreditar em mim quando muitas vezes eu mesma duvidava.

Agradeço à Profa. Ondina Pena pelo seu constante apoio e por suas sugestões ao longo do trabalho.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico por ter apostado no meu projeto, em suas diversas contribuições, cito algumas: Zenilda Pereira por seu profissionalismo e empenho as questões referentes à minha licença capacitação sem a qual não seria possível realizar esta dissertação; Lourdes Queirós por seu incentivo e incessante apoio; ao Prof. José Roberto Drugowich pela confiança depositada no meu trabalho. Agradeço especialmente a duas pessoas maravilhosas que me acolheram no Programa Mulher e Ciência e se tornaram exemplos em minha vida: Sônia Malheiros e Isabel Tavares.

Agradeço à Profa. Margaret Lopes por me apresentar os caminhos que a discussão na área de gênero e ciência têm tomado.

Agradeço ao Marcos por seu companheirismo e bom humor essenciais ao clima, por vezes, tenso e solitário da construção de um saber teórico.

Agradeço aos meus pais por apoiarem minhas escolhas ainda que não concordem com elas.

Agradeço a toda(o)s amigas e amigos por me apoiarem de diferentes formas, mesmo que tenha sido para me tirar do foco apenas da dissertação: Linda, Bárbara, Leonardo, Liz, Alinne, Denise, Fernanda, Marjorie, Célia, Antônia Cristina, Magali, Dani, Flávia, Ivan, Clotilde, Karin, Sandra, Ellen, Claudia, Julianas, Caetano, Giordana e Tana.. À toda(o)s estes que representam as estrelas do meu céu, luzes que dão sentidos a este meu caminho nem sempre claro. Agradeço à tate pela leitura atenta e revisão final.

Índice

SEJAM BEM-VINDA(O)S: A CASA É NOSSA!?	7
Caminhos da Pesquisa	9
No meio do caminho existia um tema.....	14
Enquanto Pesquisadora Feminista	15
Roteiro para a Leitura	17
CAPÍTULO 1	19
Gênero nas Ciências	19
Ciência: Uma Prática Androcêntrica.....	20
Ciência: Um saber Androcêntrico	26
Outra Ciência	29
Um Conto para a História	39
Outra Física.....	43
CAPÍTULO 2	46
Entre Inteligências Descorporificadas e Super-Mulheres: O Drible da Dor	46
CAPÍTULO 3	56
Violências de Gênero nas Ciências	56
Sexismo Automático	59
Sexismo Instrumental	67
CAPÍTULO 4	72
Na Contramão dos Discursos: entre “Ser Mulher” e “Ser Cientista”	72
Casamento e Ciência em Laços e Nós	77
Maternidade: A Realização	85
Formas de Agir em Conflito	91
Trajar-se: Do Ultraje à Armadura	100
Política e Ciência	106
QUE SEJA UM PONTO, MAS NÃO FINAL	119
BIBLIOGRAFIA	123
ANEXOS	128

Sejam Bem-vinda(o)s¹: A Casa é Nossa!?

Admite-se que a mulher estude física, admite-se que ela faça doutorado, admite-se que ela esteja por aí fazendo serviços, mas o que dificilmente se admite é que ela realmente alcance postos mais elevados na carreira. Para verificar isso basta olhar. É muito difícil, e não é difícil porque as mulheres não têm competência, é difícil porque realmente é dificultado ao máximo e porque talvez nem todas são tão ambiciosas, tão decididas como eu fui.

Joanna

O meu tema de pesquisa e inquietação se refere à lenta e escassa ascensão das cientistas nas carreiras em ciências em seu amplo sentido. Nesta dissertação, analiso as dificuldades relatadas pelas físicas referentes à carreira científica². É importante perceber que mesmo em áreas científicas constituídas tipicamente enquanto femininas, por exemplo, nutrição, as pesquisadoras não se encontram no plural em posições de destaque. A princípio, as posições de destaque seriam conseqüências de uma carreira de sucesso. O ápice do sucesso de um(a) cientista pode ser caracterizado por grandes descobertas ou brilhantes teorias que tragam novos caminhos ou resoluções de problemas, modelos de ampla utilização. Entretanto, como mensurar isso? Em tese, as(os) cientistas com este perfil seriam reconhecida(o)s e agraciado(a)s com prêmios e com as melhores bolsas, estariam como líderes de grupo de pesquisa, ocupariam as posições de titular em suas instituições, estariam nas Academias de Ciências de seus países, dentre outras distinções. Considerar que grandes nomes da ciência, em especial os de mulheres, não foram reconhecidos e, muitas vezes, elas foram banidas de seus meios, induz a pensar que são variáveis complexas as que determinam quem recebe os frutos institucionais de uma carreira científica de sucesso. Para fins metodológicos, considero

¹ É complicado encontrar uma forma de escrever que escape do formato sexista e androcêntrico da linguagem. Um modo de expressão em que o feminino é, de maneira geral, invisibilizado pelo plural masculino (exemplo: os cientistas). Inicialmente pensei em escrever conforme sugestão de um colega, Felipe Areda, com o x (exemplo: xs cientistas) como forma de utilizar uma linguagem menos sexista, uma possibilidade de sair do cunho binário e androcêntrico do dito que se faz real. No entanto, esta forma foi esteticamente questionada e considerada pouco palatável, ou seja, de difícil leitura. Assim, escolhi escrever fazendo, sempre que necessário, a menção dupla do feminino e do masculino (exemplo: a(o)s cientistas). Contudo, decidi por alternar as vogais entre parênteses e a ordem em que estas aparecem. Esta forma de escrever, ainda que seja de cunho binário e sexista, confunde, pelo menos, a ordem de inclusão e subverte o referente.

² Farei o esforço para sair da grade binária na qual somos compelida(o)s a aprisionar o pensamento, portanto, não utilizarei a divisão, muito questionável, entre ciências “hard” e “soft”. Sobre esta metáfora de separação das ciências “duras” e “moles”, que nitidamente remete à experiência sexual masculina, Pauline Bart (citada no trabalho de Ângela Lima e Souza, 2002) sugere a substituição por “secas” e “molhadas”.

como um dos parâmetros para definir uma “posição de destaque” o recebimento das bolsas de Produtividade em Pesquisa³ nos mais altos níveis (1A e 1B) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, sem deixar, contudo, de buscar entender quais variáveis estão implicadas neste processo.

A exclusão das mulheres da ciência foi mapeada de duas formas: a horizontal ou territorial, que trata da divisão de áreas do conhecimento caracterizadas em femininas ou masculinas nas ciências, e a vertical ou hierárquica, que se refere à exclusão das mulheres do topo da carreira científica, fenômeno também chamado “teto de vidro”⁴. Na exclusão horizontal, percebe-se o maior número de mulheres em áreas construídas como de menor prestígio. Na exclusão vertical, o “teto de vidro” é utilizado como metáfora ao se referir à invisibilidade das barreiras⁵ que dificultam e impedem a ascensão das mulheres na carreira. Sandra Harding (1996:56), ao se referir à exclusão das mulheres nas ciências, conclui que “A segregação vertical e a horizontal se combinam para garantir a perpetuação desta situação”.

O principal foco desta pesquisa se refere ao “teto de vidro”. Quais são as barreiras encontradas no “teto de vidro”? Como atuam estas barreiras? Quais as estratégias encontradas para superá-lo? Quais os custos desta superação? Também me interessa problematizar a atuação das pesquisadoras enquanto constituídas nas suas experiências diversas, como mulheres. Sua inserção no campo de pesquisa contribui com um outro modo de fazer ciência? Fazer ciência se conjuga no feminino e no plural?

Focar o olhar nas mulheres parece, para muito(a)s, em especial para o(a)s não-estudioso(a)s ou não-familiarizado(a)s com o tema, descabido. Falar em feminismo, então, tem um tom anacrônico ou parece fora de lugar. No discurso veiculado principalmente pela mídia, as mulheres já chegaram à tão desejada igualdade e não têm mais do que reclamar. As oportunidades estão dadas. Muito é divulgado sobre a igualdade já alcançada entre os sexos, por exemplo, em citações sobre já sermos maioria nos cursos superiores e na pós-graduação⁶, mas pouco se fala da baixa representatividade feminina em “posições de destaque” na carreira

³ Estas bolsas são destinadas segundo a definição disponível na página do órgão: “Distinguir o pesquisador, valorizando sua produção científica segundo critérios normativos, estabelecidos pelo CNPq, e específicos, pelos Comitês de Assessoramento – CAs do CNPq.” A bolsa, em seus diferentes níveis, representa status e recursos para a pesquisa.

⁴ Londa Schiebinger (2001: 76-80) utiliza as expressões de Margaret Rossiter: segregação hierárquica e segregação territorial para vertical e horizontal. Ela somou a estas duas segregações a segregação institucional em que cita Harriet Zuckerman: “quanto mais prestigiosa uma instituição, mais as mulheres demoram para ser promovidas.” Schiebinger também explica o conceito “teto de vidro”.

⁵ Estas barreiras são tidas como invisíveis uma vez que não são obstáculos formais.

⁶ Consta nas estatísticas divulgadas pelo Diretório de Pesquisa do CNPq que, em 2004, no doutorado, a distribuição por sexo era masculino: 7.836 e feminino: 8.750.

científica. Conforme apresentam as autoras Marta Garcia e Eulália Sedeño (2006) a participação das mulheres nas ciências se encontra, mundialmente, em torno de 30%, e em altos postos estima-se que em torno de 5 a 10%. Esta taxa ainda é menor nas áreas consideradas masculinas. Conforme apresento no Anexo IV, o percentual de mulheres bolsistas de Produtividade em Pesquisa (PQ) nível 1A tem a pequena variação não-progressiva, nos anos de 2001 a 2006, de 22% a 24%. Na área da física há quatro bolsistas mulheres PQ-1A para um total de 68 bolsas neste nível em vigência⁷.

Já ouvi que esta ascensão é uma questão de tempo... Quanto tempo? Será que esse sistema funciona de forma tão linear assim? Será que por elas terem “igualmente” o título de doutorado, tido como passaporte para a carreira científica, chegarão ao topo da carreira? Será o campo científico, assim, sistematicamente diferente do político, no qual para as mulheres serem eleitas, basta, nos termos formais, o título de eleitor(a) e sua filiação partidária? A eliminação de barreiras formais é suficiente para garantir as condições de inclusão plena das mulheres nas ciências? O que as exclui ou as inclui subalternamente? Quais são estes mecanismos?

Caminhos da Pesquisa

Este trabalho é feito pelas vozes das físicas entrevistadas, nos sentidos que tomaram pela minha interpretação e do que pude fazer emergir destes discursos. São falas localizadas de pesquisadoras de hoje, na física, no Brasil, de diferentes regiões: Sul, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, a maioria do estado de São Paulo. Doze das dezenove entrevistadas são do estado de São Paulo, alocadas em diferentes instituições. São pesquisadoras de diferentes estágios na carreira, inclusive, duas aposentadas e uma estudante de doutorado. A maioria que entrevistei possui bolsa de Produtividade em Pesquisa em todos os diversos níveis: 1A, 1B, 1C, 1D, 2. São mulheres de diferentes idades, origens, classes sociais, linhas de pesquisa, posições na carreira. Entrevistei apenas uma pesquisadora negra, ainda em início de carreira.

Costuro uma colcha de retalhos com os recortes que obtive sobre suas vidas enquanto mulheres e cientistas. Não há um fio que as amarre previamente. Tramo os depoimentos com o discurso das teorias de gênero e feministas. Costuro as falas sobre suas experiências

⁷ Dado consultado em 28/01/2008 em http://plsq11.cnpq.br/divulg/RESULTADO_PQ_102003.prc_comp_cmt_links?V_COD_DEMANDA

próprias de um feminino que não é único. Assim, não assumo que a categoria mulher ou que a categoria cientista tenham um sentido único, mas uma complexa rede de características na qual variados elementos dessa rede estão presentes em diferentes casos. Segundo sugerido por Linda Nicholson (2000:35), utilizo a metáfora de uma tapeçaria: “que adquire unidade através da sobreposição dos fios coloridos, mas na qual nenhuma cor em particular pode ser encontrada.”

Conforme a perspectiva de Joan Scott (1999), assumo o conceito de experiência enquanto mais representativa de uma posição do que de uma essência. Experiências que constituem sujeito(a)s, no caso as físicas, e que são também constituídas por elas, porém não de forma aleatória, e sim nas formas disponíveis no social, no cultural, no histórico, na linguagem. Como a própria autora expressa:

Ser um sujeito significa estar “sujeitado a condições de existência definidas, condições de designação de agentes e condições de exercício”. Essas condições possibilitam escolhas, apesar de não serem ilimitadas. Sujeitos são constituídos discursivamente, a experiência é um evento lingüístico (não acontece fora dos significados). Já que o discurso é, por definição, compartilhado, a experiência é coletiva assim como individual. Experiência é uma história do sujeito. A linguagem é o local onde a história é encenada. (Scott, 1999:42)

Costuro uma versão possível de histórias do presente com as ferramentas, melhor dizendo, com as agulhas que aprendi a manejar neste momento da minha própria trajetória. Infelizmente, na história que costuro, minhas cientistas não serão visibilizadas⁸. Escolhi não identificá-las, pois o comprometimento de anonimato permitiu que me contassem fatos de suas vidas que possivelmente não teriam sido relatados. Em alguns casos, o anonimato foi crucial para que pudessem aceitar o meu convite para a entrevista. Assim, muitos detalhes tiveram que ser ocultados e muito do que ouvi também teve que ser calado a fim de que tivessem sua identidade preservada. Muitas informações relevantes terão que ser omitidas como, por exemplo, o estado ou a instituição à qual são vinculadas. Esta atitude parte da percepção de que a comunidade das mulheres na física é relativamente pouco numerosa e, logo, estes dados já seriam suficientes para identificar as fontes das falas.

Escolhi seus pseudônimos segundo os nomes de pesquisadoras destacados no livro

=200310&V_TPO_RESULT=CURSO&V_COD_AREA_CONHEC=10500006&V_COD_CMT_ASS
ESSOR=FA>

⁸ Afinal, a visibilização das mulheres nas ciências é também um foco importante dos estudos de gênero e ciência.

“Pioneiras da Ciência no Brasil”, de Hildete Pereira de Melo e Ligia M C S Rodrigues. Trata-se de uma estratégia de visibilização da história das mulheres na ciência. As cientistas cujos primeiros nomes utilizarei para substituir os das minhas entrevistadas são: Johanna Döbereiner (agronomia), Elza Furtado Gomide (matemática), Neusa Amato (física), Carolina Martuscelli Bori (psicologia), Bertha Lutz (biologia), Eulália Maria Lahmeyer Lobo (história), Nise da Silveira (psiquiatria), Ruth Sontag Nussenzweig (biologia), Marília Chaves Peixoto (matemática), Maria da Conceição de Almeida Tavares (economia), Victória Rossetti (agronomia), Elisa Frota-Pessoa (física), Marta Vanucci (biologia), Graziela Maciel Barroso (Botânica), Alice Piffer Canabrava (história), Maria Josephina Matilde Durocher (obstetrícia), Blanka Wladislaw (química), Maria José von Paugarten Deanne (parasitologia), Sonja Ashauer (física).

Pretendo deixar, ao longo dos capítulos, suas vozes – ainda que editadas⁹ – para que outra(o)s tomem seus próprios rumos e possam ir além da minha análise.

Destaco que apenas duas entrevistadas têm alguma aproximação com a discussão temática sobre gênero e têm expressado publicamente esta posição. As demais são perfeitamente representativas do universo amplo das mulheres atuantes no campo da física. Muitos relatos apresentados nesta dissertação se aproximam de outros que obtive ao longo do trabalho com pesquisadoras de diversas áreas durante a especialização. Os depoimentos das físicas também dialogam com outras falas expostas nos trabalhos, por exemplo, de Carla Cabral (2006) sobre as trajetórias acadêmicas das engenheiras da Universidade Federal de Santa Catarina e Nádia Lima *et alli* (2003) sobre as experiências de cientistas de diversas áreas na Universidade Federal de Alagoas - UFAL e na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE.

Escolhi a área da física como campo de pesquisa por ser uma área majoritariamente masculina onde, provavelmente, os mecanismos operados pelo gênero estão mais nitidamente expostos. Também por terem sido algumas físicas as organizadoras das primeiras conferências sobre o assunto no Brasil: “Congresso Mulheres Latino-Americanas nas Ciências Exatas e da Vida” em 2004 e “Second Iupap Conference on Women in Physics” em 2005. Tive a oportunidade de participar deste último evento enquanto pesquisadora.

Esta pesquisa está pautada na análise das dezenove entrevistas que realizei com pesquisadoras em física e na observação do Congresso Internacional *Second Iupap Conference on Women in Physics* em 2005, realizado no Rio de Janeiro. Essa observação teve

⁹ As falas foram editadas apenas com o objetivo de torná-las de fácil compreensão.

lugar quando ainda era estudante de especialização em Antropologia da Universidade Católica de Brasília, deste trabalho de campo saíram muitas impressões, posteriormente consideradas e elaboradas ao longo do mestrado em Estudos Feministas e de Gênero e desta dissertação.

A série de conferências sobre o tema de mulheres na física é resultado de uma iniciativa da *International Union of Pure and Applied Physics – IUPAP*. Em 1999, esta organização, preocupada com a sub-representação das mulheres na física em muitos países, formou um grupo de trabalho. Este grupo realizou a primeira conferência sobre mulheres na física em 2002, em Paris. Participei da segunda conferência realizada em 2005, no Rio. Em outubro de 2008, a Coreia será sede da terceira conferência.

A primeira conferência contou com mais de 300 participantes com o objetivo de discutir barreiras locais, dividir histórias de sucesso e propor estratégias de aumento da participação das mulheres na física¹⁰. A segunda conferência foi elaborada com o mesmo intuito da primeira, além de propor pensar os progressos feitos desde o último encontro. A conferência foi realizada em quatro tipos de eventos: palestras, mesas redondas, grupos de discussão e apresentação de pôsteres. A programação pode ser consultada no anexo III. Os tópicos temáticos tratados nos grupos de trabalhos são sobre estratégias para: 1) atrair meninas para a física; 2) ter sucesso na carreira; 3) ter mulheres em posição de liderança em âmbito nacional e internacional; 4) melhorar a estrutura institucional e o ambiente das mulheres na física; 5) aprender com as diferenças regionais e entre países, e 6) conciliar família e trabalho. As participantes se inscreviam em apenas dois dos grupos, no entanto, resolvi participar um pouco em cada um dos grupos como parte da minha estratégia de observação participante. Ao final da conferência foi apresentado um resumo do que foi discutido em cada um dos grupos.

Consegui duas entrevistas formais, gravadas no local da conferência. As outras entrevistas foram somente anotadas e não foram contabilizadas nesta pesquisa, ou seja, não estão entre as dezenove apontadas na dissertação. Apesar de não terem sido sistematicamente contabilizadas, os resultados das entrevistas anotadas foram incorporados a este trabalho. A maior parte das minhas observações foi feita a partir do que ouvi nos grupos de discussão e na conversa informal, seja em grupos no momento da refeição, seja nos percursos de ônibus. Apresentei-me como pesquisadora do assunto e funcionária do CNPq. Minha presença e minhas perguntas direcionaram para que grande parte dos assuntos tratados fosse sobre as dificuldades encontradas na carreira de física por serem mulheres. Considero ter sido

¹⁰ O resumo histórico da conferência pode ser acessado em <<http://www.cbpf.br/~women-physics/>>

relevante o fato de eu ter me apresentado também como funcionária do CNPq, um dos órgãos federais mais importantes de financiamento de pesquisa e formação acadêmica.

No trabalho de campo feito durante o mestrado realizei dezesseis entrevistas formais, todas gravadas. Apenas uma entrevista não pôde ser gravada, já que não foi previamente marcada. Utilizei um roteiro semi-estruturado de perguntas nas entrevistas que poderá ser consultado no anexo II. Este roteiro foi elaborado com perguntas tais como: Como foi sua escolha pela física? Já pensou em desistir da carreira? Teve dificuldades especificamente por ser mulher? Estas perguntas foram elaboradas para orientar a entrevistada a construir o seu discurso sobre sua história de vida enquanto cientista e mulher. É importante pontuar que cada entrevistada aprofundou temas diferentes conforme suas experiências: para umas a maternidade, para outras a luta política, entre outros. A duração das entrevistas variou de trinta minutos a aproximadamente 140 minutos. Somente uma entrevista foi realizada em dois encontros. A maior parte das entrevistas foi feita no local de trabalho das pesquisadoras, em suas salas ou laboratórios. Uma entrevista foi realizada na residência da cientista e outras três foram feitas no decorrer de eventos¹¹.

Após a transcrição das entrevistas, agrupei em tópicos suas variadas falas em temas recorrentes como maternidade, topo da carreira, assédio sexual, agressividade na carreira, e assim sucessivamente. Li e reli o conteúdo de cada um dos tópicos até que pudesse reagrupá-los em capítulos temáticos, analisados segundo as teorias feministas e de gênero. Obviamente, não pude tratar nesta dissertação de toda a riqueza e multiplicidade do mundo que me foi apresentado pelas físicas, portanto, escolhi alguns elementos para analisar.

Esta dissertação também foi elaborada segundo as observações advindas das experiências enquanto analista em ciência e tecnologia no CNPq e expostas como relatos etnográficos.

Conforme propõem as autoras Maria Margaret Lopes e Maria Conceição Tavares (2005:83): “no caso das discussões sobre gênero em ciências, se não se trata mais apenas de darmos a nossa versão ao ‘Why so few?’, como muitas continuam fazendo, cabe agora maior engajamento nas discussões internacionais dessa década, problematizando nossas versões do ‘Why so slow inside sciences?’, acrescentando, ainda, nossas próprias especificidades de “por que a morosidade da inserção das ciências nos estudos de gênero?”

Os tópicos escolhidos pretendem abordar aspectos destas perguntas: por que tão poucas cientistas? Por que tão devagar na ascensão da carreira científica? Que diferença faria

a atuação das mulheres nas ciências? São as três perguntas que guiam minha pesquisa e que permeiam os textos produzidos pelas estudiosas do tema. São perguntas inseparáveis e busco possibilidades de entendimento, principalmente, para as duas primeiras questões.

No meio do caminho existia um tema...

A escolha do tema não foi aleatória, a atuação das mulheres cientistas tornou-se uma inquietação a partir de algumas experiências. Apresento alguns marcos desta trajetória. As desigualdades sociais (raciais, de classe, de sexo...) desde muito cedo me inquietaram; no entanto, as desigualdades decorridas de sexo, em um corpo construído no feminino, afetaram-me mais concretamente: na família, na escola, no trabalho, no ambiente social em que existo. Foi inicialmente no curso de especialização em Antropologia e Mundos Contemporâneos, da Universidade Católica de Brasília, em 2004, que estas experiências tomaram um sentido mais amplo e teórico pelas lentes das relações de gênero.

A partir deste referencial teórico, as evidências da desigualdade de gênero se concretizaram também no campo profissional, no desempenho das atividades enquanto analista em ciência e tecnologia do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, na área da matemática. Desigualdades de gênero observadas no sistema científico, como por exemplo, na interação durante quatro anos com um comitê de assessores¹² formado unicamente por pesquisadores homens, e também na estrutura hierárquica do quadro de funcionário(a)s do órgão, onde as mulheres estão em cargos de confiança menos remunerados e de menor responsabilidade.

Também fui impelida ao tema pela divulgada declaração do reitor da Universidade de Harvard, Lawrence H. Summers, em 2005, em uma conferência do Centro Nacional de Pesquisa Econômica intitulada “Diversificando a Ciência e a Engenharia de Trabalho: Mulheres, Minorias Subvalorizadas e suas Carreiras em Ciência e Engenharia”, em que ele afirmou que a explicação para o menor número de mulheres nos campos das Ciências Exatas

¹¹ Como dito anteriormente, duas entrevistas foram realizadas no *Second Iupap Conference on Women in Physics*.

¹² O Comitê de Assessores é formado por representantes de áreas do conhecimento e tem a atribuição de analisar e julgar os pedidos de bolsas e recursos encaminhados ao CNPq.

deveria ser atribuída a diferenças inatas entre os sexos.

Já interessada pelo tema, participei do Grupo Interministerial “Mulher e Ciência” formado pela Secretaria Especial de Políticas Públicas, CNPq, Ministério da Educação, Ministério da Ciência e Tecnologia, entre outros parceiros. Além das discussões estimulantes, fiquei impressionada com os dados apresentados por Isabel Tavares, analista em Ciência e Tecnologia do CNPq, que podem ser verificados nos gráficos do anexo I.

Enquanto Pesquisadora Feminista

Entendo que pesquisar e (re)produzir conhecimento, na perspectiva feminista, é se permitir escrever o texto na primeira pessoa, é tornar visível minha responsabilidade e comprometimento com o tema, é tomar posição e apresentá-la, é permitir ser concreta(o), comum e local.

Adoto a perspectiva de Donna Haraway (1995) na construção de saberes localizados, ou seja, saberes posicionados, que recusam o descomprometimento do incorpóreo, que assumem sua visão parcial e que permitem, ao tornarem-se parte do que estudam, desenvolverem uma relação interativa entre sujeitos. Assim, abandono a relação binária de apropriação sujeito/objeto¹³.

Estar nos estudos feministas é questionar freqüentemente os termos dos discursos que circulam e concretizam o mundo. É pelo menos suspeitar do feminino conjugado no passivo, do sujeito oculto feminino, da impossibilidade de plural feminino nas esferas de poder, do feminino como objeto, do feminino citado precedido de palavras como “apesar”... É se constituir no discurso e ao mesmo tempo desnaturalizá-lo, desconstituir-se. É encontrar os lugares que são contra-lugares. É escapar para uma heterotopia e encontrar lugares de (re)criação (Tânia Swain, 2003).

Assim, empreender uma pesquisa em estudos feministas passa necessariamente por questionar os pressupostos da ciência conhecidamente androcêntricos da universalidade, neutralidade e objetividade. Valores que, apesar de sua política de não-localização e descomprometimento, incorporam o homem, branco, heterossexual, eurocêntrico, capitalista,

¹³ Esta abordagem será melhor discutida no capítulo 1.

patriarcal, falocêntrico como sujeito do conhecimento.

Assumo uma perspectiva pós-moderna, apresentada por Jane Flax (1991), no sentido de questionar as crenças fundadas na razão iluminista: 1) a existência de eu estável e coerente; 2) o conhecimento científico como objetivo, seguro e universal; 3) o conhecimento como tradução da realidade; 4) a razão como transcendental e universal; 5) a conexão simples entre razão, autonomia e liberdade; 6) a ciência como neutra e necessariamente benéfica; 7) a linguagem como transparência.

Também compreendo o pós-modernismo, conforme delineado por Linda Hutcheon (1998), enquanto fenômeno contraditório, múltiplo, permeado pela desconstrução, desafiador das instituições, que evoca um passado para uma reelaboração crítica, destuidor de fronteiras, desessencializador, de certezas áridas e movediças.

Identifico-me com as perspectivas pós-identitárias e mesmo pós-modernas na tentativa de tornar mais escorregadias as grades mentais em que aprisionamos o mundo. A constante recusa de um lugar singular e idêntico, comumente pautado por um sistema binário e hierarquizado, provavelmente possibilite a formação de grades mentais mais fluídas e libertárias. Grades mentais sim, pois assumo que o pensamento, ainda que subversivo, é constituído nos limites do imaginário¹⁴ social, amplo e diversificado, de caráter histórico e sociocultural. Entretanto, a constituição de identidade ainda é, para mim, estratégia política. A obtenção de direitos, por exemplo, passa por essa amarração identitária. E ainda que recusemos os lugares, tão fechados e rígidos, a nós destinados, nossa sociedade ainda funciona por meio deles.

Por mais que eu questione ser definida por um detalhe anatômico ainda estou imersa e fui constituída por uma sociedade que se pauta nesta diferença. Por mais que problematize essa pauta, por exemplo: no preenchimento do meu currículo Lattes será socialmente necessário que eu assinale “feminino”. Paradoxalmente, foi esta invenção binária e hierárquica, reflexo de práticas discursivas e não-discursivas de hierarquia, que me permitiu observar a pouca representatividade das mulheres em posições de destaque e formular meu projeto de pesquisa.

Penso que, por mais opostas que possam parecer, as estratégias pós-identitárias e

¹⁴ O imaginário não significa deformação do real, é entendido aqui como forma de apreensão, concretização, constituição do real (Bazco, 1985). Ou ainda, a relação do real e do imaginário não é dicotômica, como também enfatiza Tânia Swain (1996: 56): “o imaginário e o real não são como opostos, mas como dimensões formadoras do social, em um processo atualizador imbricado; imaginário e real não se distinguem, senão arbitrariamente.”

identitárias não são excludentes. Ambas estratégias têm seu lugar em uma luta que deverá ser travada em várias frentes. Acredito que posições identitárias são bem-vindas para fazer reivindicações pontuais, e para a reflexão sobre as amarras representacionais e seus resultados concretos, no presente. Considero as posições pós-identitárias como lugar principal da desnaturalização do passado e formulação de novas configurações do futuro, como discursos que emergem e se consolidam contra o discurso “hegemônico”.

Neste prisma, me aproximo da afirmação de Linda Nicholson (2000: 38): “Talvez seja hora de assumirmos explicitamente que nossas propostas sobre as ‘mulheres’ não são baseadas numa realidade qualquer, mas que elas surgem de nossos lugares na história e na cultura; são atos políticos que refletem os contextos dos quais nós emergimos e os futuros que gostaríamos de ver.”

Roteiro para a Leitura

No primeiro capítulo, discuto os principais marcos teóricos que pontuam o debate sobre gênero e ciências. A ciência é estruturada em pilares androcêntricos, ou seja, os requisitos considerados para produzir conhecimentos científicos legítimos obedecem a um formato masculino. O feminino, construído como oposto, parcial e menor que o masculino, é excluído da lógica das ciências, à qual se atribui generalidade e masculinidade. Esta lógica perversa resulta em saberes científicos sexistas que corroboram com a marginalização das mulheres nas ciências. Assim, o feminismo acadêmico é apontado como uma possibilidade de construção de outras ciências.

No segundo capítulo, busco entender as manobras utilizadas pelas cientistas para não se identificarem com este lugar de dor e violência constitutiva do pertencimento ao sexo feminino em uma sociedade patriarcal. Entendo que estas manobras são possíveis segundo a articulação com representações sociais mais amplas como a definição de ciência e de cientista.

No terceiro capítulo, analiso as diferentes violências relatadas pelas físicas em seu percurso acadêmico segundo a perspectiva teórica de gênero e feminista.

No quarto capítulo, analiso os temas abordados de forma recorrente nas entrevistas e destaco nestas falas que os atributos do perfil de um(a) cientista se contrapõem ao que é considerado positivo para feminilidade.

Capítulo 1

Gênero nas Ciências

Neste capítulo, apresento os principais marcos teóricos que pautam a discussão de gênero nas ciências. A expressão “gênero e ciências”, segundo Margaret Lopes (2006), foi utilizada pela primeira vez em 1978 como título de um artigo de Evelyn Fox Keller, a respeito de objetividade. Margaret Lopes (2006) apresenta as três linhas de pesquisa posteriormente formadas no âmbito da temática “gênero e ciências” citadas por Keller: mulheres na ciência, construções científicas de gênero e influência do gênero nas construções históricas da ciência. Esta dissertação se insere principalmente na primeira linha sem, contudo, deixar de abordar questões referentes às últimas duas. Portanto, proponho analisar a atuação das mulheres físicas com enfoque nas dificuldades relatadas para ascensão na carreira, entendendo que estas dificuldades são produzidas pelo patriarcado¹⁵ estruturante tanto do sistema científico quanto da sociedade, em seu sentido amplo.

Assim, a análise sobre a inclusão, atuação e ascensão das mulheres na carreira científica implica em um questionamento sobre a cultura hegemônica das ciências. Trata-se de compreender que a ciência é centrada em valores masculinos e o quanto este padrão androcêntrico¹⁶ restringe a participação das cientistas. A limitada atuação das mulheres nas ciências é percebida pelo pequeno número de pesquisadoras em posições de destaque na carreira científica e pelo quanto seus saberes e práticas são invisibilizados pela história. A

¹⁵ Utilizo o termo patriarcado para me reportar a um sistema diversificado de opressão às mulheres. Conforme afirma Carole Pateman (1993: 18): “a sociedade civil moderna não está estruturada no parentesco e no poder dos pais, no mundo moderno, as mulheres são subordinadas aos homens *enquanto homens*, ou enquanto fraternidade. O contrato original é feito depois da derrota política do pai e cria o patriarcado fraternal moderno.” Pateman aborda em seu livro “Contrato Sexual” que o contrato social enquanto relato da constituição da esfera pública da liberdade civil, institui tanto a liberdade dos homens quanto a sujeição das mulheres. A autora afirma que o patriarcado é o único conceito que se refere especificamente à sujeição das mulheres e ao poder masculino constituído pelo fato dos homens serem homens. Enfatizo, porém, que não me aproprio do patriarcado enquanto uma categoria universal, homogênea e a-histórica. Destaco ainda que mesmo no interior do sistema patriarcal, as opressões às mulheres são distintas uma vez que estas também são alocadas nesta estrutura de forma diferenciada, atravessadas por outras questões como a racial.

¹⁶ O androcentrismo é uma palavra proveniente do grego, “*andros*” se refere a homem. É um conceito que apresenta o olhar masculino como central para a leitura da realidade, onde o homem é a única medida para o conhecimento e para representação global de humanidade.

cultura androcêntrica tem cerceado a atuação das pesquisadoras e este cerceamento não tem impulsionado fortemente para uma mudança na cultura hegemônica das ciências. Trata-se de um sistema de retroalimentação onde o discurso científico hegemônico exclui o feminino¹⁷ das ciências, assim como não se conjuga uma ciência como campo de atuação das mulheres e um lugar possível para o feminino sem a ampla participação das cientistas. As possibilidades de debater questões relacionadas com feminismo, gênero e ciências são estratégias de resistência e ruptura ao padrão androcêntrico na produção científica, para que não apenas as mulheres atuem nas ciências mas também outro(a)s atores e atrizes estejam apt(o)as a levar outros valores e construir outros saberes científicos, como o pensamento negro ao questionar o racismo acadêmico.

Neste capítulo, apresento as discussões teóricas sobre o androcentrismo nas ciências a partir das teorias feministas e de gênero. O tópico denominado “Ciência: Uma Prática Androcêntrica” concentra a análise dos valores e práticas necessárias para produzir uma ciência considerada legítima; o tópico “Ciência: Um saber Androcêntrico” aponta para a produção de conhecimentos científicos marcadamente sexistas e heteronormativos; o tópico “Outra Ciência” apresenta a discussão sobre a possibilidade de produzir ciência de outras formas e expõe algumas contribuições teóricas feministas ao conhecimento científico; o tópico “Outra História” situa a discussão feminista e de gênero no campo da História, e finalmente, “Outra Física” aponta para a possibilidade da diversidade dos olhares das mulheres ser vetor de mudança na produção de conhecimentos na Física.

Ciência: Uma Prática Androcêntrica

Diversas autoras, em especial Sandra Harding, Evelyn Fox Keller, Londa Schiebinger e Donna Haraway, apontaram para o caráter androcêntrico das ciências. Os parâmetros para produzir uma ciência considerada legítima estão configurados segundo o androcentrismo. Este orienta a produção de um saber descorporificado em que a mente é separada do corpo e

¹⁷ Destaco que a palavra “feminino” é uma construção binária que só faz sentido a partir do seu oposto masculino. Também não entendo que as mulheres sejam necessariamente as portadoras do feminino embora, por pertencerem ao sexo feminino, sejam automaticamente enquadradas desta forma pelos discursos hegemônicos. As mulheres são usualmente associadas a uma categoria conjugada no singular, o “ser mulher”. No entanto, destaco que as mulheres, dispostas em um lugar comum pelo discurso hegemônico, são submetidas, ainda que de maneiras diversas, à socialização feminina. Portanto, tornam-se prováveis agentes de outras formas de produção do conhecimento científico.

possui primazia sobre outros componentes corporais. A dicotomia corpo e mente operada na cultura científica também está relacionada com as representações sociais: do corpo associado ao feminino e da mente ao masculino. Assim, tanto o corpo quanto o feminino são marginalizados nas ciências.

O saber descorporificado apresenta-se na forma de uma prática de pesquisa orientada pelos valores da neutralidade, universalidade e objetividade. Estes valores excluem corpos, uma vez que o conhecimento é gerado a partir de um ponto não-localizável. Assim, os únicos sujeitos de conhecimento, que pretensamente podem excluir seus corpos na produção do conhecimento, são o que Donna Haraway (1995: 27) chama de “os que ocupam as posições de dominadores auto-idênticos, não marcados, incorpóreos, não mediados, transcendentais, renascidos”. A posição de dominante está alocada segundo a estrutura do “Patriarcado Capitalista Branco” que define o homem, branco, de países colonizadores enquanto quem deve produzir e para quem deve ser produzida ciência.

A relação hierárquica entre sujeito e objeto também responde ao formato androcêntrico das ciências. Na pesquisa científica, pressupõe-se um sujeito que analisa a fim de gerar um conhecimento para a dominação e controle do objeto. A idéia de observação pressupõe um sujeito que observa o objeto em uma ação que não supõe interação, e sim dominação, já que o(a) observador(a) assume a posição de sujeito e o(a) observado(a) de objeto. Esta relação de dominação entre sujeito e objeto tem sido associada ao disposto no gênero em que feminino é tomado enquanto objeto e o masculino enquanto sujeito. Também se questionam as razões pelas quais, ao contrário de uma relação hierárquica, no formato das relações de gênero, a pesquisa não seria orientada para uma relação de interação, por exemplo, entre sujeito(a)s.

O modo de produção científico também se pauta na pretensão de supressão da subjetividade. Novamente, encontra-se a relação dicotômica entre subjetividade e objetividade estruturada na forma do gênero onde a objetividade associada ao masculino é a postura mais valorizada para um(a) cientista. Assim, os valores associados ao masculino, dos quais as mulheres são consideradas naturalmente desprovidas, são os adequados para produzir conhecimentos científicos.

Nesta perspectiva, Sandra Harding (1996) aponta que as características balizadoras tais como a objetividade, a preferência pelo modelo quantitativo e o raciocínio linear são representadas como masculinas e são as mesmas necessárias para produzir conhecimentos científicos legitimados. Por conseguinte, não é aleatória a configuração do cientista enquanto um ser descorporificado, ou seja, que observa seu objeto de estudo de um ponto de

observação não-passível de localização. De que lugar é possível observar sem ser observado? Acaso seria também coincidência que a imagem do cientista tem sido editada como apenas sujeito de pesquisa e não como objeto? Como se sua presença não fosse percebida e não condicionasse suas possibilidades de pesquisa? Esta representação do “ser cientista” e “do fazer ciência” estão muito longínquas, não casualmente, do construído como feminino: em sua imagem associada ao corpo, à subjetividade, ao lugar de objeto. Esta imagem está desenhada segundo o formato da própria masculinidade.

Um olhar não-localizado de um ser descorporificado é a ferramenta para a construção de um saber pretensamente universal já que este se torna não-localizável. Somente nesta configuração de “fazer ciência” é possível anunciar um saber: neutro, universal e objetivo. Santiago Castro-Gómez afirma que este modo cartesiano de fazer ciência, ainda no topo da legitimidade da produção do conhecimento científico, necessita da distância entre sujeito e objeto (objetividade) e impõe a decomposição do todo em partes. Assim, ele afirma que a colonialidade do saber obedece a um modelo epistemológico da modernidade ocidental chamado “*Hybris do ponto zero*”. O autor explica que no início da formação do paradigma epistemológico das ciências houve uma ruptura no modo como a natureza era vista. A visão orgânica e integral de natureza, em que a humanidade era parte integrante, foi substituída, com a formação do sistema capitalista e expansão colonial, pela separação do ser racional (cultura) da natureza. Dentro dessa visão fragmentária e hierarquizada, o conhecimento é destinado não mais para compreender as ligações entre todas as relações do todo, mas a decompor a realidade para dominá-la.

Segundo o autor, a “*Hybris do ponto zero*” é caracterizada pela forma em que a ciência moderna gera conhecimento como se estivesse no lugar de Deus, em uma plataforma invisível e situada fora do mundo, mas diferente de Deus, por primar pela visão analítica e não-orgânica do mundo. A “*Hybris do ponto zero*” é explicada como o pecado da desmedida em que a ciência moderna pretende ser um ponto de vista acima de todos os pontos de vista, sem se considerar um ponto de vista.

Evelyn Fox Keller (1989) também afirma que o desenvolvimento da ciência moderna, a partir de uma visão mecanicista das ciências, emerge e reflete a ideologia de gênero. A autora aponta Francis Bacon como a ponte de transição entre as concepções herméticas e mecanicistas. Keller compara as metáforas dos discursos herméticos com as dos discursos mecanicistas, por exemplo, enquanto para os primeiros a imagem utilizada era de um(a) hermafrodita, no sentido de uma fusão de masculino e feminino, para os mecanicistas era de um super-homem viril, no sentido do homem (masculino) dominar a natureza (feminino). As

metáforas mecanicistas abordam a ciência enquanto poder, dominação e uma força suficientemente viril capaz de penetrar e subjugar a natureza:

A meta da nova ciência não é o intercâmbio metafísico e sim a dominação, não é a união mente e matéria e sim o estabelecimento do 'Império do Homem sobre a Natureza'. O triunfo daqueles que se agruparam de um modo geral como 'filósofos mecânicos' representou uma derrota decisiva da visão da natureza e da mulher como algo divino, e de uma ciência que, de acordo com isto, havia garantido a ambas ao menos certo respeito.

(Keller, 1989: 62, tradução minha¹⁸)

O discurso central da ciência moderna é estruturado por metáforas de controle e dominação, seus objetivos são a apropriação e a manipulação de uma natureza que não interage, é inerte. As características normalmente associadas à natureza também são “naturalmente” aplicadas às mulheres, já que natureza e mulher são construídas como sinônimos, ou melhor, como termos metonímicos. A relação hierárquica que se estabelece, na pesquisa científica, pressupõe um pesquisador na posição de dominador que será masculino, já que a natureza coisificada é significada como feminina.

Mary Gergen (1988: 112), em uma leitura de vertente psicanalítica, também analisa o conceito de objetividade nas ciências enquanto uma construção masculina. A autora propõe que a preferência pela separação entre sujeito e objeto de pesquisa, ao invés de um modelo de interdependência entre eles, segue o modelo masculino de desenvolvimento desenhado pela psicanálise, em que a construção de uma identidade pessoal masculina pressupõe separação e diferenciação em relação aos seus agentes maternos/femininos¹⁹. Assim, o teor da relação e os termos envolvidos estão definidos para uma configuração masculina com as quais as mulheres, em outros processos de construção de identidade, não estariam imediatamente identificadas. Esta abordagem de desenvolvimento da identidade masculina é baseada na teoria apresentada por Nancy Chodorow (1979: 72): “um menino, em sua tentativa de obter uma identificação masculina ilusória, frequentemente define essa masculinidade em termos amplos e negativos, repelindo tudo o que é feminino ou relacionado às mulheres”. A

¹⁸ “La meta de la nueva ciencia no es el intercambio metafísico sino la dominación, no es la unión de y materia sino el establecimiento del ‘Imperio Del Hombre sobre la Naturaleza’. El triunfo de aquellos que han sido agrupados de un modo general con ‘filósofos mecánicos’ representó una derrota decisiva de la visión de la naturaleza y la mujer como algo divino, y de una ciencia que, de acuerdo con ello, habría garantizado a ambas al menos cierto respeto’.

¹⁹ Esta abordagem também aparece nas obras de Sandra Harding (1996) e Evelyn Fox Keller (1989).

interpretação psicanalítica²⁰ do processo de individuação masculina apresentada por Chodorow parece ser uma possibilidade de explicação teórica para esta estrutura de gênero cravada nas ciências e na nossa sociedade, em que há um banimento ou inferiorização de práticas, saberes e valores considerados femininos. Este processo é produzido à semelhança da construção da própria masculinidade de negação e menosprezo do feminino: em que a entrada no simbólico, no afirmar-se ser humano, significa a negação do materno constituído no feminino.

Ao invocar como necessárias as características como objetividade e neutralidade para a produção de conhecimentos científicos legítimos, cria-se uma separação estanque entre a atividade científica e a sociedade, como se a(o) cientista não fosse um ser cultural, social e histórico. Ruth Hubbard (1988) expõe a construção da objetividade para as ciências naturais:

As ciências naturais alcançam sua objetividade considerando a natureza e os fenômenos naturais (inclusive as outras pessoas) como objetos isolados. Para isso os cientistas dessa área comumente negam, ou pelo menos ignoram, seu relacionamento com os 'objetos' de seu estudo. Em outras palavras, os cientistas nas ciências naturais descrevem suas atividades como se eles e as atividades existissem num vácuo. Neste vácuo, então, eles fabricam fatos e formulam leis. Tomemos, por exemplo, as 'leis do gás ideal'. Elas pretendem descrever o comportamento de partículas (moléculas de gás) que não têm relação umas com as outras ou com outras substâncias – partículas que não são reais, mas 'ideais'. (Ruth Hubbard, 1988: 30)

Este afastamento da(o) pesquisador(a) garante a suposição de que o conhecimento científico seja incomparavelmente superior aos outros conhecimentos produzidos no seio da própria sociedade. Este isolamento do(a) cientista sugerido pela objetividade não busca apenas uma distância entre sujeito e objeto, busca uma distância hierárquica entre sujeitos distintos de conhecimento: o público em geral, o(a)s pesquisado(a)s, entre outros. Esta é uma manobra para garantir autoridade, pois a fala científica, conforme divulgada, não é de um ser dentre nós, ou seja, nenhum(a) “não-cientista” possuiria as características necessárias e legítimas para questionar os conhecimentos científicos produzidos. Nesta manobra de retirada de voz, toda(o)s não-cientistas são tornado(a)s objetos.

A universalidade é outro conceito utilizado para mascarar a produção de verdades e tem sido utilizada em larga escala para justificar os pontos de vista dos grupos dominantes e

²⁰ É nítido que este modelo de individuação passa por papéis e uma estrutura familiar definida e estática, não levando em consideração as novas organizações familiares como as de famílias

também como formas de opressão às mulheres, colonizado(a)s, negro(a)s, entre outro(a)s. Ilana Löwy (2000) traz importantes elementos para o questionamento da ciência construída enquanto universal, neutra e objetiva. A autora expõe que um dos argumentos utilizados para se afirmar que a ciência é universal refere-se à representação de natureza enquanto universal, estável, com leis imutáveis. Além desta descrição de natureza ser questionável, parece mais uma tentativa de uma separação radical entre humanidade (cientistas) e natureza (dados), como se fosse possível qualquer acesso direto e imediato a esta natureza, e como se os diversos olhares e manipulações não construíssem a própria natureza. Ilana Löwy afirma sobre a fabricação do conhecimento pretensamente universal: “segundo eles, não é porque são universais que os conhecimentos científicos circulam, eles são universais porque circulam” (Löwy, 2000: 31). A autora explica que para que as leis da gravidade se tornassem válidas para e o(a)s habitantes da Melanésia, foram precisos o ensino destas leis nas escolas, a formação de professore(a)s, a impressão de livros e a contínua ligação com os centros deste saber no exterior. Segundo ela: “este é o preço da manutenção de uma natureza universal, estável e previsível” (idem, 2000: 31).

São conceitos, metáforas e imagens de todo um sistema androcêntrico que erguem fronteiras entre o masculino/científico, em um lado, e o feminino/excluído da ciência em outro. São fronteiras fundadas em dicotomias, tais como: objetivo e subjetivo, racional e emocional, sujeito e objeto, cultura e natureza, mente e corpo, ciências duras (*hard sciences*) e ciências moles (*soft sciences*) que configuram quem pode produzir ciência e para quem a ciência é produzida. Estas equações de valores são construídas pelo, para e no sistema de gênero que define como sujeito do conhecimento o homem enquanto representante do masculino em um modo de fazer ciência cujas habilidades e características necessárias e valorizadas são tidas como masculinas. A ciência dita universal é uma ciência branca, masculina, elitista, ocidental, colonial, ainda que sua forma de apresentar-se tente mascarar suas características invocando um sujeito universal, isto é, que representa a todas as posições. O molde para atuar em ciências é pré-determinado e coercitivo. É uma ciência feita por pouco(a)s e para pouco(a)s.

Ciência: Um saber Androcêntrico

Não apenas o modo de fazer ciência é androcêntrico como também os saberes científicos, enquanto conhecimentos socialmente constituídos e produzidos, muitas vezes, são sexistas e androcêntricos²¹. Conforme aponta Londa Schiebinger:

O poder da ciência ocidental – sua metodologia e epistemologia – é celebrado por produzir um conhecimento objetivo e universal que transcende as restrições culturais. Com respeito a gênero, raça, e muito mais, entretanto, a ciência não é neutra. Desigualdades de gênero, incorporadas nas instituições da ciência, influenciaram o conhecimento saído destas instituições. (Londa Schiebinger 2001: 206)

Uma vertente importante dos estudos realizados em gênero e ciência propõe analisar os saberes produzidos pela ciência. Fabíola Rodhen (2001), por exemplo, analisa a institucionalização da “medicina da mulher” ou da ginecologia de nossos dias como uma ciência da diferença. Conforme a autora afirma, os fenômenos exclusivamente femininos como a gravidez e o parto eram assuntos estudados na obstetrícia. O surgimento da ginecologia demonstrou o interesse em posicionar a mulher como um objeto de investigação mais precisa, agora reduzida à função dos seus órgãos sexuais e reprodutores. Não existe semelhante especialidade para os homens, o conhecimento médico não considerou necessário explicá-los em função de seus órgãos genitais e reprodutores, ou seja, sua sexualidade não foi vista como um problema a ser estudado para explicar sua natureza humana. Nesta ótica, muitas teorias foram utilizadas como argumentos legítimos e verdadeiros para impedir o acesso das mulheres, por exemplo, ao estudo. Segundo Rodhen (2001: 77), o argumento comum utilizado no final do século XIX era que as mulheres, principalmente na puberdade, não poderiam estudar para não gastar a energia necessária ao amadurecimento dos órgãos sexuais e reprodutivos. Esta preocupação com o desgaste físico feminino e suas danosas conseqüências não era voltada para as trabalhadoras de classes populares, conforme apontou Mary Putnam Jacobi citada pela autora. Mary foi a primeira mulher a ser admitida na “New York Academy of Medicine”.²² A entrada de mulheres na medicina trouxe a esperança da contestação e a formação de outros discursos médicos com argumentos que ajudariam a justificar a inclusão das mulheres enquanto cidadãs plenas.

²¹ Além de trazerem outras marcas de seu local de produção elitista, racista, eurocêntrico.

²² Pesquisa feita na Internet: <http://ocp.hul.harvard.edu/ww/people_jacobi.html>

A ninfomania e a histeria eram construídas como doenças advindas do mau funcionamento dos órgãos reprodutivos femininos, ou seja, anomalias tidas como tipicamente femininas em que os considerados distúrbios femininos, corporais e mentais, eram resumidos a distúrbios funcionais do aparelho sexual-reprodutivo. Fabíola Rodhen (2001: 142) aponta para um quadro abrangente de sintomas que mostra como qualquer comportamento feminino seria passível de ser enquadrado como histérico: da irritabilidade fácil à falta de energia. Por sua vez, a ninfomania era a construção como anomalia do desejo sexual exacerbado das mulheres em um contexto social em que os homens tinham “naturalmente” mais desejo sexual. A satíriase, nome dado ao distúrbio derivado do excesso de desejo masculino, foi pouco diagnosticada em homens e raramente se falava em castração e reclusão como comumente se aplicava às pacientes femininas. Tampouco, como discute a autora (Rodhen, 2001: 29), comportamentos como adultério e flerte, que caracterizam a ninfomania, eram utilizados para diagnosticar a satíriase. Afinal, os homens não eram definidos pela sua genitália.

Fabíola Rodhen (2001: 42) também assinala que, enquanto a ciência da mulher é a ginecologia, a ciência do homem é a antropologia:

De um lado temos uma ciência do homem que é também uma ciência da humanidade, aquela que permite a instauração da diferença e a comparação entre outras unidades, as raças, os povos, as civilizações. De outro, temos uma ciência da mulher, que descreve e justifica a diferença sexual. O interessante é que ambas têm em comum o recurso a supostos dados biológicos que legitimam visões de mundo e hierarquia sociais.

Assim, se por um lado temos uma ciência, a antropologia, cuja referência é o homem branco e ocidental, do outro, temos um conjunto de conhecimentos, no campo da ginecologia, que tornam a mulher reduzida a seu aparelho reprodutor, como objeto de toda a construção da diferença sexual enquanto base para a desigualdade social. As mulheres como sujeitos de conhecimento ou como seres humanos em sua completude orgânica são excluídas ou marginalizadas pelas duas ciências.

Poderia se argumentar que todas estas concepções de mulher reduzida ao seu sexo são noções do passado. No entanto, não é o que aponta, por exemplo, Emily Martin (2006), em seu livro: “A Mulher no Corpo”, em que ela afirma que o corpo da mulher é visto como uma fábrica de bebês. Os fenômenos tais como a menstruação e a menopausa são vistos, segundo esta ótica, enquanto falhas nesta produção. Nesta perspectiva, toda a vida das mulheres é

definida por fases em relação ao seu ciclo reprodutivo (puberdade, menopausa, TPM...), como se o cerne da natureza feminina estivesse baseado na reprodução, e isto seria um dado biológico e não uma construção sociocultural.

Emily Martin (2006) também aponta para o fato de que os processos femininos, por exemplo, a menstruação, são descritos de forma pejorativa, em termos de falência e deterioração. A autora afirma que o revestimento estomacal também possui um processo cíclico de expulsão, mas que este não recebe a descrição negativa da menstruação:

Pode-se escolher entre olhar para o que acontece no revestimento do estômago e do útero negativamente, como falência e decomposição, necessitando de reparos, ou positivamente, como produção e reabastecimento contínuos. Como dois lados da mesma moeda, o estômago, que tanto mulheres como homens têm, cai no lado positivo; já o útero, que apenas as mulheres têm, cai no lado negativo. (Emily Martin 2006: 100)

A autora também traz uma reflexão sobre a Síndrome Pré-Menstrual – SPM, mais comumente chamada de Tensão Pré-Menstrual – TPM, ao apontar para uma lista ampla de “sintomas” psicológicos, emocionais, físicos com os quais as mulheres “sofrem” neste período. Os sintomas da TPM são biologicamente explicados como uma “disfunção da produção de hormônios durante o ciclo menstrual, em particular o hormônio feminino, a progesterona²³”. Estimativas apontam que três quartos das mulheres sofrem de TPM, ou seja, a maioria das mulheres sofre “disfunções” hormonais, o que nos leva a crer que o próprio funcionamento do aparelho reprodutor das mulheres é tido como um problema. Portanto, a TPM, da forma como é descrita, tornou-se uma nova forma de enquadrar a mulher em um sexo-problema, de colocá-la novamente como um ser (des)governado pela natureza, tendente à histeria. Como a autora afirma, são momentos, justificados pela medicina, em que as mulheres podem liberar toda sua raiva e contestação contra o sistema patriarcal que as oprime. No entanto, se de um lado, este discurso biológico da TPM permite esta liberação, por outro, não permite uma reflexão profunda das causas sociais deste mal-estar das mulheres. Emily Martin cita, no início do livro, um trecho muito significativo de Adriene Rich (Do Nascimento da Mulher):

Não conheço nenhuma mulher – virgem, mãe, lésbica, casada, celibatária, tire ela seu sustento como dona-de-casa, garçonete de festas ou técnica de tomografia cerebral – para quem o próprio corpo não seja um problema fundamental: seus significados encobertos, sua fertilidade, seu desejo, sua assim chamada frigidez, seu discurso sangrento, seus silêncios, suas mudanças e mutilações, suas violações

²³ Emily Martin, 2006: 183.

e maturações. (Adrienne Rich apud Emily Martin, 2006: 31)

A quem interessa este discurso de significar processos unicamente femininos como problemas e anomalias? O patriarcado se concretiza em discursos científicos que remetem à natureza os fundamentos das desigualdades entre homens e mulheres. Lewontin, Rose e Kamin (2003: 161) chamam a atenção para a forma com que a influência dos hormônios tem sido utilizada como justificativa para cercear e impedir as mulheres a assumir cargos de comando, como diretoras e presidentas. Os autores explicam que o determinismo biológico constrói que as diferenças humanas de comportamento entre homens e mulheres encontram paralelismo em sociedades não-humanas²⁴ (de primatas a roedores). Este paralelismo carrega uma aparente universalidade das leis biológicas que não pode ser negada simplesmente desejando que essas fossem mais justas. Estas leis são construídas para não admitirem contestação. Outro argumento determinista, apontado pelos autores, afirma que as diferenças sexuais são formuladas segundo a gradual seleção natural, assim as diferenças entre os sexos não somente são naturais como funcionais, ou seja, estas são convertidas em uma grande vantagem para a espécie. Eles apontam como algumas teorias que avaliam o desempenho dos meninos em matemática como superior ao das meninas é tomado como uma evidência que se justifica biologicamente desconsiderando o contexto histórico, social e cultural. Os autores enfatizam a impossibilidade de explicar o comportamento da(o)s humano(a)s somente pela biologia, não há ser humano que se desenvolva sem a influência do seu meio cultural.

Os saberes sexistas e androcêntricos são múltiplos. Há aqueles conhecimentos produzidos em nome de um universal que, na verdade, é um saber unicamente sobre o masculino; há aqueles produzidos sobre a mulher que servem para concretizar diferenças enquanto assimetrias. São saberes produzidos na lógica do gênero que determina enfoques, descrições, objetos de pesquisa, abordagens, pressupostos, teorias sexistas e androcêntricas.

Outra Ciência

A partir das teorias apresentadas, percebe-se que a participação das mulheres nas ciências é efetivada por um processo de inclusão em um mundo já constituído e estruturado

²⁴ Sandra Harding (1996: 88) também aponta para esta ênfase da ciência conforme apresentarei no capítulo 3.

em pilares androcêntricos. Em que medida esta inclusão pode levar à transformação para uma ciência feita com pluralidade de valores e olhares? Nos diálogos entre feminismos²⁵ e ciências, Londa Schiebinger (2001) aponta para um importante debate, ainda binário, que permeia a literatura de gênero, feminismo e ciências. Trata-se do que ela chama de “becos sem saída”: a oposição entre a ciência analisada pelo feminismo da igualdade e pelo feminismo da diferença. De um lado, os feminismos da igualdade buscam a equidade entre os sexos nas ciências, de forma que a ciência se torne também uma tarefa das mulheres. De outro, os feminismos da diferença alertam para o fato de que os termos do mundo das ciências foram construídos por um referente masculino. A inserção do feminino se dará, portanto, pela igualdade segundo o modelo masculino. Assim, os feminismos da diferença propõem a construção de uma ciência feminina. No entanto, ao se determinar os termos de uma ciência feminina, o feminino busca suas antigas essencializadas etiquetas construídas a partir do pólo masculino, ou seja, o feminino torna-se não mais do que não-masculino.

Os caminhos, conforme apontado acima, para pensar e fazer uma Outra ciência se dividem, ou talvez se multipliquem. Marta González e Eulália Sedeño (2006) nos propõem um mapa²⁶ das diferentes vertentes: o empirismo feminista ou ingênuo, o enfoque psicodinâmico, a teoria feminista do ponto de vista, os empirismos feministas contextuais e as epistemologias pós-modernas.

Segundo as autoras, *o empirismo feminista ou ingênuo* não questiona as normas científicas tradicionais e sim critica sua aplicação incorreta, ou seja, teorias repletas de sexismo são frutos de uma ciência praticada inadequadamente. Esta linha teórica não considera que a ciência tenha que ser repensada, preocupa-se com o sexismo presente na ciência sem responsabilizar seus métodos e sua estrutura. Desta forma, a postura epistemológica correta garantiria a produção de conhecimentos livres do sexismo. Considero esta vertente, em parte, próxima ao feminismo da igualdade ao focar na inclusão das mulheres sem se preocupar com a violência estrutural daquilo que já está construído em pilares androcêntricos.

O *enfoque psicodinâmico* trabalha com a idéia de uma ciência feminina, ou seja, diferenciadas pela socialização as mulheres teriam outras perspectivas, práticas e teóricas, sobre a ciência. Parte desta lógica é que as cientistas mulheres, por seu lugar de socialização,

²⁵ Feminismos enfaticamente no plural por contemplar múltiplas abordagens e posições: igualitário, da diferença, da femitude... Descarries (2000) nos oferece um possível mapa dos feminismos.

²⁶ Há outros mapeamentos disponíveis: Margaret Lopes (1998, 2006), Cecília Sardenberg (2002), Alexandra Martinez (2001), Maria Teresa Citeli (2000), Sandra Harding (1996).

desenvolveriam uma imagem mais complexa e interativa do mundo e poderiam, por exemplo, inventar novas formas de relação não-objetificantes com seus temas de pesquisa.²⁷ Uma das críticas feitas a esta linha teórica é que esta parte de uma essencialização do feminino e de uma naturalização da mulher. Além disto, também considero como questionável pensar na socialização das mulheres e não considerar a socialização pela qual passam para se tornarem cientistas. Afinal, as cientistas, em suas diversas áreas, são socializadas para atuarem no meio científico e são compelidas a produzir conhecimento científico e a fazer ciência de modo masculino. Assim, a socialização das cientistas, ainda que na sua diversidade, não pode ser desconsiderada.

A teoria feminista do ponto de vista defende a construção de uma ciência feminista em que as mulheres, em sua condição de marginalidade no sistema, ocupariam uma posição privilegiada de análise como pesquisadoras. No entanto, me pergunto quais mulheres têm esta vantagem epistêmica: as feministas? Quais feministas²⁸ liberais, sociais, da femitude? Quais são elegíveis para ocupar este local privilegiado de conhecimento? E os outros sujeitos marginalizados como população negra, indígena, entre tantos, também são portadores de uma outra ciência ainda que não necessariamente feminista?

Os *empirismos feministas contextuais* argumentam que o foco de análise não deve ser colocado no sujeito de conhecimento, mas na comunidade científica.²⁹ De certa forma, o enfoque na comunidade resolve o problema de quem é o(a) sujeito(a) apto(a) para fazer uma outra ciência, já que esta responsabilidade recai sobre o grupo. É interessante a ênfase dada na comunidade por ressaltar as características sociais da produção de conhecimento científico. No entanto, conforme sublinham Marta González e Eulália Sedeño (2006), esta abordagem não está isenta de questões, uma vez que implica na problematização de conceitos como comunidade e consenso.

As *epistemologias pós-modernas* entendem que produzir ciência é um espaço de negociação, mais de interesses do que de verdades. Este enfoque melhor dimensiona gênero e ciência enquanto arenas de disputa por poder. Estas correntes são fundamentadas nos pós-estruturalismos e no desconstrucionismo e têm sido criticadas por seu relativismo cujo terreno não se considera sólido o bastante para o compromisso feminista.

²⁷ Parte desta discussão pode ser entendida no texto de Sondra Farganis (1997).

²⁸ Conforme assinalou Francine Descarries (2000), dentre tantas autoras, não há feminismo no singular.

²⁹ Segundo Maria Conceição da Costa e Neide Osada (2006), esta visão não defende a formação de uma ciência feminista, mas a inclusão da perspectiva feminista no processo de produção das ciências.

Uma outra forma de apresentar o mapa de implicações entre feminismo e ciências gira em torno do conceito de objetividade. Para Evelyn Fox-Keller (1989), as mulheres, por sua socialização diferenciada, seriam possíveis portadoras do que chama de “*objetividade dinâmica*”, que se define pela relação interativa com o que estuda; ao contrário da tradicional “*objetividade estática*”, que estabelece uma relação de apropriação pela objetificação do que se estuda, característica tida como do universo masculino. Estas categorias podem ser apropriadas pelo acima denominado “enfoque psicodinâmico” e, portanto, as críticas à essencialização do feminino podem ser aplicadas da mesma maneira. Para Sandra Harding, a “*objetividade forte*” é aquela consciente da sua parcialidade e de seu contexto social. A autora é conhecida pela corrente da “*teoria feminista do ponto de vista*”. Donna Haraway (1995) complementa esta argumentação ao enfatizar o conhecimento situado, utilizando o conceito de “*objetividade corporificada*”. A autora considera que a perspectiva parcial e localizada é a única possível. No entanto, a autora problematiza a posição de privilégio ao qual o(a) sujeito(a)s marginais podem estar associado(a)s na produção do saber, ela alerta para o perigo de se romantizar a visão dos menos poderosos. Donna Haraway tem sido reconhecida como uma autora pós-moderna.

As três abordagens - “*objetividade dinâmica*”/“*objetividade estática*”, “*objetividade forte*” e “*objetividade corporificada*” - estão empenhadas em ressignificar o conceito de objetividade. A objetividade tem sido considerada um valor central para a definição de um saber científico. As ressignificações feministas do conceito de objetividade apontam para uma tentativa de não perder legitimidade científica. É desta fronteira discursiva que o conceito de objetividade continua sendo reeditado como forma de legitimação e superioridade do discurso científico? Será tão necessário diferenciar a ciência de outros discursos? Margaret Lopes (2006) assinalou que a busca pela ressignificação do conceito de objetividade representa, para muitas teóricas feministas, a recusa tanto a um construtivismo tido como reducionista quanto ao objetivismo tido como não-reflexivo. A autora também aponta que muitas críticas foram tecidas a estas construções de objetividade enquanto centrais e atemporais nas ciências. A autora também traz a discussão de outros teóricos não pertencentes ao campo de gênero, que lembram que o conceito de objetividade não é monolítico e nem imutável.

Em outro artigo publicado, Margaret Lopes (1997) também afirma que um dos elementos de distanciamento entre algumas teorias feministas de crítica às ciências e a maioria dos estudos sociais sobre a ciência é justamente o conceito de objetividade. De um

Segundo Alexandra Martinez (2001), Helen Longino defende a instituição de uma democracia

lado, os estudos sociais sobre ciência entendem a produção do conhecimento científico como uma construção social e recusam valores como objetividade que podem lhe garantir um lugar à frente de outros tipos de conhecimento. De outro lado, conforme assinala a autora, os estudos sociais da ciência não conseguiram efetivamente inserir a categoria gênero em suas análises.

A partir deste panorama: o que caracteriza um saber especificamente feminista? Para construí-lo basta apenas denunciar e combater o androcentrismo da “má ciência?” Ou será que, de fato, só um saber fundamentado no ponto de vista das mulheres poderá levar adiante uma prática emancipatória para toda(o)s? Ou ainda, será apenas necessário incluir as mulheres nas narrativas teórico-científicas, ou a ciência é estruturalmente concebida por esta exclusão? Para construir um saber feminista e científico é necessário reeditar valores centrais como objetividade? Tanto as respostas como as perguntas são múltiplas. Considero a multiplicidade de respostas como possibilidades não-exclusivas para a construção de um sistema científico plural, complexo, diverso como a sociedade.

Londa Schiebinger (2001), a partir da pergunta “a exclusão de mulheres, das ciências, teve conseqüências para o conteúdo da ciência?”,³⁰ apresenta um panorama dos conhecimentos científicos em diferentes áreas produzidos sob viés de gênero e mostra o quanto a influência do feminismo³¹ abriu novas perspectivas e outras narrativas no discurso das ciências. A autora traz uma importante reflexão, por exemplo, no campo da medicina. Ela apresenta que, enquanto o corpo feminino era pesquisado minuciosamente em razão do funcionamento dos aparelhos sexual e reprodutivo, era, ao mesmo tempo, um corpo esquecido na pesquisa de doenças e medicamentos. A autora pontua que ora o corpo feminino era explicado pelo paradigma da diferença – com o aparelho reprodutor como pilar para toda uma série de diferenças que se refletiam em desigualdades sociais³² – ora era tomado pelo paradigma da igualdade em que o corpo feminino era tido como semelhante ao do homem, o que explicava porque o corpo masculino poderia ser a referência de pesquisa para o organismo humano. Como a própria autora afirma, qualquer um dos paradigmas (semelhança ou diferença) tomava o corpo masculino como referente.³³ A autora nos dá exemplos do

cognitiva: como diálogo de diferentes formas de conhecimento.

³⁰ Londa Schiebinger (2001: 205).

³¹ O feminismo abordado pela autora em sua dupla vertente: a influência associada às conquistas dos movimentos feministas e a influência propriamente acadêmica decorrente das teorias feministas. Sendo a segunda influência decorrente da primeira.

³² Como vimos anteriormente com autoras como Fabíola Rodhen, Emily Martin, entre outras.

³³ “Historiadoras da medicina documentaram que o corpo de 75 quilos do homem branco servia como “modelo de ouro” para a pesquisa e tratamento médico, mostrando por exemplo que os livros típicos

contexto norte-americano de como as mulheres foram excluídas da medicina:

As mulheres também foram excluídas das experiências com drogas, embora elas consumam aproximadamente 80 por cento das drogas medicinais nos Estados Unidos. Até a primavera de 1988, experiências clínicas com novas drogas pela Food and Drug Administration (FDA) eram rotineiramente conduzidas exclusivamente com homens. Os resultados destes testes com drogas foram, então, generalizados para as mulheres, a quem se receitavam (e ainda se receitam) dosagens planejadas para o peso e metabolismo médio dos homens. (Schiebinger 2001: 218)

A autora afirma que drogas amplamente utilizadas como o *Valium* nunca foram testadas em mulheres embora haja uma estimativa que dois milhões de mulheres tomem este medicamento. Ela também cita, dentre muitos outros exemplos, que o “Experimento de Intervenção de Fatores de Múltiplo Risco” utilizado para estudar a correlação entre a pressão sanguínea, o fumo, o colesterol e a doença coronária foi aplicado em 12.866 homens e 0 mulheres. Não surpreendentemente, as justificativas para não incluí-las na pesquisa foram elaboradas a partir das dificuldades de lidar com os seus aparelhos sexuais e reprodutivos. Justificava-se que os ciclos hormonais femininos tornavam a pesquisa mais complicada e custosa. Ou ainda, os pesquisadores temiam incluir mulheres em idade fértil já que algumas experiências poderiam colocar em risco fetos em potencial. Justificativas inaceitáveis, como aponta a autora, que consideram as mulheres verdadeiros úteros ambulantes não-dispostas ou incapazes de controlar sua fertilidade. Os aspectos apontados para a exclusão das mulheres da pesquisa também desprezaram a necessidade de pesquisa com a diversidade da população feminina: grávidas, mulheres em pós-menopausa, entre outras.

Schiebinger (2001) explica que enquanto algumas feministas lutam pela igualdade de pesquisa entre mulheres e homens, outras feministas afirmam não ser suficiente acrescentar as mulheres em estudos já em andamento ou levar em consideração a fisiologia característica das mulheres.³⁴ Estas últimas contestam modelos clínicos e biomédicos centrados no controle das doenças e processos bioquímicos em sistemas de órgãos, células ou genes. Há uma recusa a tratar corpos e organismos isolados de seu meio-ambiente social, cultural e histórico. Conforme alegam, raça e sexo são mais que variáveis biológicas. A autora afirma, por

de medicina discutiam a mulher basicamente em seções sobre reprodução, ao passo que a discussão sobre as partes não-reprodutivas – rins, sistema respiratório, estômago e assim por diante – concentravam-se nos homens.” (2001: 234).

34 Medidas que isoladas podem servir mais uma vez a concretizar o sexo como variável para a diferença e para a desigualdade.

exemplo, que a depressão em mulheres é freqüentemente associada às alterações hormonais quando ela pode ser produzida e intensificada por condições sociais como violência doméstica, discriminação racial ou fatores associados à classe. A autora aponta que raramente as pesquisas americanas levam em conta o fator de classe social, que, em muitos casos, pode ser mais condicionante que os fatores raciais ou sexuais. Ela afirma que explicar os sucessos obtidos na medicina, advindos das críticas acima, não pode ser atribuídos simplesmente à entrada das mulheres como sujeitas de pesquisa, já que a própria entrada das mulheres como profissionais e pesquisadoras da saúde não pode ser tida apenas como razão, mas também como resultado de um processo histórico complexo em que feministas – em diferentes esferas: na política, nas ciências, entre outras – criaram as condições para mudanças na medicina.

Londa Schiebinger (2001: 243) afirma que a primatologia tem sido celebrada como uma ciência feminista³⁵ ou ao menos como um campo no qual paradigmas fundamentais foram repensados a partir do trabalho das primatólogas. Elas questionaram os paradigmas centrados em uma visão reducionista e estereotipada das relações entre a(o)s primatas freqüentemente dividido(a)s em machos dominantes, fêmeas e machos periféricos. Esta abordagem hierárquica, impulsionada pelo contexto histórico da Segunda Guerra Mundial, afirmava que a sociedade primata era estruturada na competição entre machos dominantes e machos menores por limites territoriais. As fêmeas apenas foram descritas como mães e disponíveis sexualmente aos machos, sem qualquer outra função no grupo. Geralmente elas foram descritas como dóceis, não-competitivas e que trocavam sexo por proteção e alimento. Uma descrição bem enquadrada e funcional para um clima pós-guerra, de uma perspectiva colonial, de uma cultura cujo valor de troca do feminino é reduzido à sua capacidade sexual e reprodutiva. A autora cita o trabalho da primatóloga Linda Fedigan, que afirma que a imagem de primatas agressivos foi construída quase exclusivamente a partir dos estudos com babuína(o)s das savanas, e chamou esta tendência de “babuinização” da vida primata. Linda Fedigan explica que outros grupos de primatas poderiam fornecer imagens mais otimistas dos “ancestrais” do(a)s humana(o)s. Primatólogas de sensibilidade feminista têm feito uma reavaliação do papel da fêmea em suas pesquisas. Inicialmente as críticas subverteram o estereótipo da fêmea não-competitiva, passiva, dependente. Esta linha sociobiológica

³⁵Linda Fedigan citada por Londa (2001: 254) sugere que a primatologia é uma ciência feminista e aponta seis características: 1) reflexividade, 2) atenção crítica ao “ponto de vista feminino”, 3) cooperação com a natureza, 4) abandono do reducionismo, 5) promoção de valores humanistas, 6) comunidade científica diversa.

feminista, conforme aponta Schiebinger (2001: 252), foi criticada vorazmente por outras feministas, uma vez que apesar das fêmeas terem sido enfocadas na pesquisa em primatologia, a abordagem androcêntrica não mudou, isto é, a análise do comportamento do grupo permanecia reduzida a questões relativas à reprodução da espécie em termos de uma estrutura competitiva e agressiva. Outras perspectivas, no entanto, centraram-se em enfatizar outros papéis para as fêmeas para além deste enquadramento reducionista ao comportamento competitivo e hierárquico, como no caso do grupo de babuíno(a)s: a tarefa de dar estabilidade ao grupo foi atribuída às fêmeas, já que os machos mudam de grupo para grupo.

Londa Schiebinger aponta para as outras influências advindas dos feminismos e dos movimentos de mulheres, como também no caso da paleoantropologia, com o seu questionamento da tese do “homem caçador”, em que a análise era toda centrada no homem como principal provedor. A tese da “mulher coletora” visibiliza as atividades e invenções das mulheres, apontando-as como principais provedoras. Contudo, a tese da “mulher coletora” foi mais tarde também criticada por muitas feministas por não romper com a estrutura dual da divisão sexual do trabalho, em que homens caçam e mulheres colhem. Margaret Conkey, citada por Londa Schiebinger (2001: 261), propõe o seguinte questionamento:

O que significa, pergunta ela, atribuir ‘a divisão sexual de trabalho’ a símios ou homínidos primitivos? O debate sobre o homem o caçador versus a mulher coletora é, na verdade, sobre as origens de duas instituições sociais do Ocidente: a família nuclear e a divisão de trabalho baseada em gênero. Procurar suas origens é aceitar essas instituições como naturais e legítimas, ao invés de vê-las como produtos de histórias particulares.

Londa Schiebinger também expõe que a escolha do termo *mammalia* (mamíferos) por Linnaeus, enquanto outra referência comum a este grupo poderia ter sido escolhida, ocorreu não apenas a partir das qualidades específicas dos mamíferos como em razão do alinhamento com a política do século XVIII de amamentação materna no sentido de abolição do sistema de “amas-de-leite”.

A autora estende este debate para outras áreas do conhecimento assim como traz outros exemplos dentro da própria biologia. Ela aponta também como a estrutura da heterossexualidade, por exemplo, negligenciou certos tipos de acasalamentos entre organismos do mesmo sexo. Trouxe o exemplo sobre lagartos fêmeas, que se auto-reproduzem, mas que produzem mais ovos quando em pares. Contudo, é possível notar a importação do modelo dicotômico sexual utilizado para entender o comportamento dos

humanos (homossexual e heterossexual) para grupos não-humanos. Da mesma forma, utiliza-se o modelo sexual de casal, ou seja, o sexo realizado “a dois” e não em grupo, como pressuposto universalizável. Assim, é possível perceber que o modelo explicativo da reprodução de lagartos foi elaborado segundo perspectivas associadas ao local, ao tempo, ao sistema cultural de quem produz conhecimento científico.

Outras autoras, como Evelyn Fox Keller (2006), também se propuseram a pensar no impacto dos feminismos nas ciências. No caso do seu artigo, ela cita o estudo feito por Emily Martin sobre a descrição da fecundação em que os espermatozoides ativos enfrentam todas as adversidades do útero e da vagina e disputam entre si a penetração do óvulo enquanto este permanece inerte e passivo à espera do grande herói da criação. Esta metáfora nitidamente tem suas raízes na heteronormatividade que estabelece funções de ativo para o masculino e de passivo para o feminino, em uma imagem centrada no papel masculino na qual qualquer atividade do que possa ser associado ao feminino é invisibilizada. Estas imagens ainda são bastante difundidas por livros e por professores.³⁶ Keller, no entanto, enfatiza não a análise do discurso sexista, mas as suas conseqüências, ou seja, o esquecimento das atividades do óvulo enquanto objeto de estudo: “A atividade do óvulo, suposta não existente a priori, não requeria qualquer mecanismo, e tal mecanismo não foi encontrado”. (Keller, 2006: 3).

A autora, nesta linha de raciocínio, compara a história de duas disciplinas – da embriologia cujo tema de pesquisa central é o citoplasma e da genética cujo enfoque temático é o núcleo – e expõe o fato da embriologia ter sido considerada secundária na escala de conhecimentos. Ela afirma que esta construção hierárquica entre as áreas de conhecimento é conseqüência de dois fatores: 1) a tradicional associação de núcleo e citoplasma enquanto *tropos* para macho e fêmea; e 2) a influência de debates antigos sobre a contribuição paterna em detrimento da materna. Assim, os efeitos maternos – aqueles referentes à influência materna na biologia da progênie – têm assumido importância na biologia. O papel do óvulo na fertilização, por exemplo, pode ser considerado um efeito materno.

A partir deste cenário, a autora se pergunta: quais fatores foram determinantes para esta mudança de agenda de pesquisa? O feminismo poderia ser considerado um destes fatores? Qual foi seu papel? Keller afirma que muitas mudanças foram introduzidas pelas próprias cientistas, ou seja, a entrada massiva de mulheres enquanto pesquisadoras tornou possível uma percepção feminina nas ciências. No entanto, o que a autora enfatiza é como o

³⁶ Uma das entrevistadas na minha pesquisa de especialização em Antropologia era mestranda em biologia e ela contou que ainda, em suas aulas na universidade, a explicação da fecundação se fazia por esta metáfora.

feminismo, enquanto movimento social, proporcionou a abertura de oportunidades para as mulheres e, assim, o alcance de novas perspectivas de ver o mundo e a construção de novos espaços cognitivos. Ela assinala que o próprio espaço do feminismo acadêmico foi precedido pelo movimento social – a conhecida segunda onda feminista, e finaliza por dizer:

Foram as próprias mulheres que mudaram o fazer da ciência? Por seu próprio exemplo trouxeram uma nova legitimação dos valores tradicionalmente femininos para a prática da ciência? Assim colocado, minha resposta seria: provavelmente não. Com poucas possíveis exceções, não acredito que mulheres cientistas tenham procurado ou obtido sucesso na introdução de valores femininos estereotipados no laboratório – de fato a própria lógica parece ir contra tal possibilidade. Como grupo mais recente a ser integrado, as mulheres cientistas sofrem pressões específicas para abrir mão de quaisquer valores tradicionais que possam ter absorvido enquanto mulheres – se não por outra razão, simplesmente para provar sua legitimidade como cientistas. Mas se reformulássemos a questão e perguntássemos se sua presença ajudou a restaurar a equidade no domínio simbólico em que o gênero operou por tanto tempo, responderia com um inequívoco sim. Especialmente, diria que a presença corriqueira de mulheres em posições de liderança e autoridade na ciência ajudou a erodir o sentido de rótulos tradicionais de gênero no próprio campo em que trabalhavam, e para todos os que estavam trabalhando nesse campo. (Keller, 2006: 8)

Um Conto para a História

Era sol e o estômago já dava sinais de sua sabedoria vespertina... Estava na hora de pausar o trabalho e tentar dar um descanso para o pensamento manual dispensado a horas de burocracia, burocracia que cansa o pensamento até não poder mais trabalhar. Uma rotina de burocracia diária realizada em agências governamentais como a que trabalho voltada ao desenvolvimento científico do país. Entre tantos processos, recebo um convite bem-vindo: um almoço com alguém que estimo para conversar; não sobre o clima.

Entre a existência de Deus ou não, iniciamos a conversa sobre minha temática preferida, as condições de desigualdades das mulheres em nossa sociedade, em especial, nas ciências. Ele, conhecedor do terreno das ciências, grande proprietário de títulos, nobre entre seus pares, comentou alguns exemplos de sua percepção sobre o assunto, por exemplo, como a reunião dos pais na escola era, de fato, reunião de mães. Ele comentou também que as alunas do centro onde trabalha, majoritariamente masculino, ao longo do tempo procuravam mais a discrição no seu vestir e menos enfeites femininos... E proclamou uma esperança: “mas não é só assim... veja, em uma votação ocorrida lá no nosso centro de representantes de áreas, foi escolhida uma mulher para coordenadora, só falta a nomeação”.

Muitos sóis se passaram e chega o dia da nomeação... Estou lá, mas nada represento. Lá é o lugar dos representantes dos representantes... São tantos representantes que é difícil, na prática, saber quem está representando quem e o que. Acho que esta foi a forma encontrada para eles mesmos se esquecerem... De maneira que não está ali nem a pessoa concreta nem os representados. Algo está sendo representado... Uma cena, um jogo de poder que ultrapassa os dados formais das representações.

Nomear é algo muito importante, nomear é tornar-se substantivo digno de adjetivos. Ser nomeado é existir, é aparecer, é emergir do ponto cego. Vitória!? - finalmente, teríamos um posto, um dentre tão poucos, ocupado por uma mulher. Talvez uma chance deste corpo feminino também representar algumas das muitas vozes femininas... Ou será que não, seria uma voz assimilada ao coral masculino? Talvez não Vitória, mas Esperança seria seu nome...

Chegou a reunião da alta cúpula de cientistas, cada um representante de uma área de conhecimento; entre eles também estava o presidente da agência, era o momento que Esperança poderia ter seu lugar enunciado. Naquela sala fechada, no topo hierárquico do edifício próximo ao céu, ao redor da tábua, muitos cavaleiros e algumas flores. “Flores”

assim foram chamadas as damas, representantes de suas áreas. Talvez uma forma de mostrar quem era apto à guerra e honrava uma espada. Flores são para o enfeite. Tudo sempre se passava em cima daquele carpete.

Em encontro de representantes, há sempre um designado com o direito de explanar o assunto, vulgo “relator”. Entre as decisões sobre ética nos julgamentos dos pares, sobre a destinação de verbas, e outras condutas, chegava o momento da nomeação. Todos estavam com a listinha de nomes e o número de votos. Esperança reluzia em primeiro lugar pelo número de votos.

Era necessário escolher, nomear. Após o relato, o Supremo nobre, detentor de inúmeros princípios, sugeriu os nomes de dois cavaleiros para coordenador e vice; nada mencionou sobre esperança (agora já em minúsculo). Flores sugeriram que esperança poderia ser vice já que era a mais votada, mas os cavaleiros indicados, segundo o Supremo nobre, eram excelentes. Afinal, Supremo nobre conhecia, muito bem, os cavaleiros para apostar neles. O expressivo número de votos de esperança foi substituído pelos laços de amizade entre cavalheiros. Diante de tal testemunho, Flores se calaram e esperança foi deixada de lado, talvez embaixo do piso carpetado.

Continuava aquele cheiro de carpete incrustado de poeira e outras sujeiras, manchas de café, marcas de sapato. O que não haverá por baixo daquela aparente macia compacta superfície há décadas não removida? Remover, mudar implica em muito custo e em muita negociação. Talvez seja melhor mesmo só dar a aparência de limpo, um aspirador básico. Melhor, para quem mesmo?

Este é um relato etnográfico, conto minha história de um ponto específico, de um ângulo parcial, de uma forma também poética que me permite deixar o meu registro. Esta história nos traz a dimensão do gênero enquanto relação de poder atuando na configuração de outras relações de poder. Os argumentos e atributos relativos ao gênero retiraram a possibilidade da nomeação de uma mulher a uma posição de liderança mesmo sendo a mais votada.³⁷ Também proporcionou a manutenção do poder no masculino, já que o gênero, no sistema patriarcal, sempre opera nos dois sentidos de empoderar o masculino e desempoderar o feminino. Em uma realidade complexa, gênero nunca atua sozinho; fatores no sistema científico como regionalidade, títulos e prêmios, área de conhecimento são também instrumentos de poder.

A história, como bem afirma Keith Jenkins (2005), não é o que aconteceu, é um dos inúmeros relatos possíveis sobre o que aconteceu. O conto acima é a minha versão. Todo relato é uma versão. A História é feita de versões. O autor enfatiza a distinção entre passado e história do passado. O autor explica que a história é um discurso sobre o passado, pois o passado já aconteceu. Ele enfatiza que o passado é nosso artefato, que é elaborado a partir do foco dado por um(a) intérprete a recortes do ocorrido. As lentes do foco utilizado pela(o) historiador(a) estão no presente e ela(e) analisará sua seleção de recortes conforme sua localização epistemológica, metodológica e ideológica. O conhecimento produzido circulará na ordem do discurso e cada leitor(a) usará suas próprias lentes para interpretar o que foi apresentado.

O discurso histórico dominante para apresentar-se segundo os parâmetros do conhecimento científico, da mesma forma que acontece nas demais áreas do conhecimento, se pretende o melhor relato dos fatos, senão o único possível. Trata-se de uma historiografia construída por pesquisador(a)es que pretensamente perdem suas características humanas: de localidade e de parcialidade.

O passado não pode ser dito no singular. Apesar da História enunciar “o passado”, são inúmeros e variados os passados, histórias feitas a partir de diversas perspectivas em torno de acontecimentos. Na eleição de uma versão merecedora da História, muitos passados foram esquecidos, invisibilizados ou enterrados. Na versão mais ouvida, em um berço científico androcêntrico, o passado das mulheres não existia. Suas histórias não foram bem contadas. Como já enfatiza a linguagem até quando a História seria a história deles? Os documentos enquanto monumentos³⁸, pela perspectiva foucaultiana, não foram produzidos também pelas mulheres? Ou foram postos de lado em uma lógica hierárquica de gênero?

As lacunas e deformações oriundas das vozes da(o)s excluída(o)s (negra(o)s, mulheres, índia(o)s...), se fazem ouvir ao reivindicar uma história plural e não apenas dos vencedores ou dos grupos em poder. Muitas das histórias da(o)s excluída(o)s, em especial sobre as mulheres, eram polarizações em que as protagonistas eram descritas como rebeldes ou como vítimas. Nesta perspectiva, muitos discursos emergiram onde as rebeldes eram consideradas pessoas com características excepcionais, uma história dos heróis e heroínas

³⁷ A esta manobra de poder fundada nas relações de gênero chamo de sexismo instrumental. Este conceito será melhor explicado no capítulo 3.

³⁸ Tratar os documentos enquanto monumentos é enfatizar a história enquanto construção discursiva feita em um campo de relações de força. Segundo Margaret Rago (1995: 6): “Trabalhar então os documentos enquanto monumentos significará recusar a crença na transparência da linguagem e a antiga certeza de encontrar através dos textos o passado tal e qual.”

esquecidas. Esta história tanto inspira quanto desanima o(a)s descendentes do(a)s excluído(a)s, já que os exemplos construídos se tornam modelos tão admiráveis quanto inatingíveis.

Surgem suspeitas sobre as lacunas históricas, as lacunas só fazem sentido a partir de um todo androcêntrico, branco, imperialista, capitalista. As vozes da(o)s que até então estavam sem passado só podem ser escritas a partir de um questionamento da historiografia. Parece não apenas necessário contar e acrescentar “paus à canoa”, é fundamental rever o projeto desenhado de embarcação pensado para navegar as águas movidas do passado.

Enquanto se discute como escrever os passados das mulheres também se questiona esta estratégia por seu caráter inscrito na binaridade do gênero. A história delas será necessariamente uma inclusão na história deles? Bastava, por exemplo, escrever uma história das mulheres com destaque em esferas do mundo público, cenário onde se passa a história feita por eles? Ou a história delas seria a história do mundo privado? Ou ainda, até quando o binarismo persistiria?

Rachel Soihet (1997) nos traz elementos deste debate. A autora pontua que a principal contribuição das historiadoras feministas à história foi o descrédito das correntes historiográficas centradas no sujeito humano universal. Ela afirma que o projeto inicial de inclusão das mulheres neste molde de história androcêntrico trouxe inúmeros questionamentos e ambigüidades:

Afinal, a solicitação de que a história fosse suplementada com informações sobre as mulheres equivalia a afirmar o caráter incompleto daquela disciplina, bem como que o domínio que os historiadores tinham do passado era parcial. Fato demolidor para uma realidade que definia a história e seus agentes já estabelecidos como verdadeiros, ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que teve importância no passado. (Rachel Soihet, 1997: 95)

A autora destaca como foram fundamentais as contribuições recíprocas entre a história das mulheres e o movimento feminista, como por exemplo: a construção de uma categoria “mulher” ainda que homogênea e universal e a desconstrução desta mesma categoria enquanto universal pela fragmentação em torno da diversidade: raça, classe, orientação sexual, entre outros. Soihet (1997) também pontua, apoiada principalmente pela leitura de Joan Scott, que a história feita à luz da categoria gênero, não mais em sua dimensão descritiva que beira à naturalização, mas em seu duplo sentido: como “elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e como “primeira forma de

significar as relações de poder” (Joan Scott apud Raquel Soihet, 1997: 102).

Considero que a “história do possível” formulada por Tânia Navarro-Swain (2004) como uma proposta de desestabilizar tradições, destituir certezas, expor evidências no sentido de reviver a multiplicidade e a complexidade do real caminha nos trilhos da história do gênero. Trata-se de ouvir e escrever outra história, escapar da “história do mesmo” por meio do questionamento das binaridades, como público e privado, ou de certezas, como a do sexo/sexualidade como categorias centrais para explicação do comportamento humano para qualquer sociedade.

Há muitas ambigüidades e desafios em criar uma história delas e ao mesmo tempo desconstruir, por exemplo, a categoria mulher. A própria história do feminismo traz este caráter paradoxal, como aponta Joan Scott (2002: 27) ao analisá-la:

O feminismo era um protesto contra a exclusão política da mulher: seu objetivo era eliminar as ‘diferenças sexuais’ na política, mas a reivindicação tinha de ser feita em nome das ‘mulheres’ (um produto do próprio discurso da diferença). Na medida em que o feminismo defendia as ‘mulheres’ acabava por alimentar a ‘diferença sexual’ que procurava eliminar. Esse paradoxo – a necessidade de, a um só tempo, aceitar e recusar a ‘diferença sexual’ – permeou o feminismo como movimento político por toda a sua longa história.

O pensamento feminista é constituído pelo paradoxo de eliminar diferenças e ao mesmo tempo invocá-las. Se, de um lado, o objetivo principal é dar e criar lugares para as mulheres nas histórias, de outro, trata-se de retirar naturalidade à própria divisão dos seres humanos pelo sexo. Desafios construídos pelos feminismos, em teoria e prática, também para outras áreas do conhecimento.

Outra Física

Perguntei a algumas físicas sobre a possibilidade das mulheres, pelo seu lugar na socialização, de produzir conhecimentos em física de outras maneiras. Na maioria dos casos a pergunta parecia descabida – afinal, a ciência é tida como neutra, isto é, os(as) pesquisadore(a)s não são considerado(a)s como condicionantes na sua produção. Para que me entendessem, expliquei brevemente alguns dos exemplos como os da primatologia.

A maioria das físicas que concordou que as mulheres fariam alguma diferença na

física referiu-se às possibilidades de mudanças no ambiente acadêmico/profissional como, por exemplo, em tornar as discussões dentro do departamento mais “civilizadas”.

Uma das respostas que me chamou a atenção foi a fala de uma pesquisadora jovem que trouxe o conflito entre as culturas masculina da ciência e um outro modo de conhecer “mais feminino”:

É difícil porque a gente acaba se moldando ao padrão masculino. A gente não pára para pensar como poderia fazer as coisas de uma maneira mais feminina. Eu não sei, eu tenho que pensar. A gente acaba ficando muito masculinizada no sentido de fazer as coisas da maneira masculina... Eu acho que eu fiquei mais dura, um pouco menos... Assim, não feminina. Victória

Percebi nesta fala que, até minha pergunta, a pesquisadora ainda não havia sequer pensado na possibilidade de construir uma ciência outra ou pensado mais densamente que o modo de fazer ciência ainda segue os moldes masculinos. Realmente, como sugeriu Evelyn Keller (2006: 8): “*as mulheres cientistas sofrem pressões específicas para abrir mão de quaisquer valores tradicionais que possam ter absorvido enquanto mulheres*”. O meio acadêmico exerce coerção no modo como seus(suas) atores(atrizes) se comportam e as regras de comportamento ditadas neste meio, segundo detalharei nos próximos capítulos, são masculinas e podem compor barreiras não apenas para a inclusão e ascensão das mulheres na física como também para a influência de outros olhares, entre eles o feminino e/ou feminista, na construção da física.

No entanto, a fala de Bertha traz novas esperanças e rumos para a questão:

Por que eu acho que outros olhares são importantes na área de exatas? Primeiro tem uma questão muito fundamental, eu quero que a física tenha os melhores talentos do mundo e se eu só vou poder olhar em 50 % da população, estou fazendo uma perda de 50% de pessoas para testar se elas são as mais adequadas para olhar a ciência. A física muito antigamente tinha esta tradição de ser uma ciência feita num canto, lá em uma torre de marfim, enfocada na resolução de um problema pontual. Hoje em dia, a física não é só isso, a área de partículas elementares para complexidade, que é o que eu faço, necessita de várias pessoas trabalhando juntas e colaborando, ou seja, mudou o perfil de quem é este pesquisador ideal para se fazer física. Só que ainda a gente está coletando a pessoa que era boa para fazer a ciência do século 19, então é importante que a gente possa atrair este outro olhar que vai incorporar mais esta habilidade de trabalhar em equipe e conseguir olhar para um problema que tem várias coisas acontecendo ao mesmo tempo. Por que estou mencionando isto com tanta ênfase? Porque vão dizer que a física do final do século 19, início do século 20, era cartesiana: antes se

isolava o problema, este era analisado fora de todo o universo e este mecanismo dava a universalidade do problema. Era como se fosse assim um monte de montanhas, apenas os picos eram observados, a física que a gente faz hoje em dia, que é a complexidade, é como olhar a floresta que fica entre os picos. Você tem para conseguir fazer um modelo físico, por exemplo, para descrição do corpo humano (que é uma coisa que as pessoas estão buscando tanto), no que se chama física biológica, é preciso entender vários fenômenos que acontecem juntos, na verdade, a física está precisando de uma mudança de paradigma que vai acontecer. Outras áreas que isto acontece é em caos e sistemas dinâmicos aonde os processos já não são mais lineares. O pensamento linear é o pensamento do século 19, no século 20 muda a ciência. E nesta mudança já não serve mais aquele modelo do homem isolado. Este perfil do físico mudou. Eu não sei, a gente não sabe exatamente descrever, mas se mudou, é preciso abrir o leque de opções. É preciso possibilitar que as meninas também se interessem pelo fazer ciência.

Assim, para além de uma perspectiva justa, a participação equitativa das mulheres no sistema científico, em todos os níveis, traz a expectativa de incluir e visibilizar outros valores nas ciências, pluralizando seus discursos e tornando possível o diálogo com outros saberes. Tal ciência talvez faça jus ao mundo plural, multifacetado e complexo em que vivemos.

Capítulo 2

Entre Inteligências Descorporificadas e Super-Mulheres: O Drible da Dor

Ao pesquisar o mundo das cientistas percebi que existe uma recusa ao lugar de dor e violência imposto ao feminino. Sim, o meio científico, apesar de seu discurso de distanciamento e neutralidade, como se estivesse fora e acima de nós, é munido pelas lógicas que configuram nossa sociedade e dentre estas: o gênero. A interação com as físicas me permitiu refletir sobre suas mazelas e também sobre algumas de suas tentativas de fuga desta posição de sofrimento.

Ao realizar o levantamento bibliográfico sobre o tema estranhei que, com tanta(o)s pesquisadora(e)s de gênero, em especial, voltadas para a violência doméstica, houvesse tão pouca(o)s e dispersa(o)s pesquisadores direcionada(o)s ao campo das ciências, um campo já bem desenvolvido em países desenvolvidos. A repetição das palavras não é por acaso, fazer pesquisa em um país colonial não é trivial, angariar recursos, jogar com regras importadas, buscar eternamente um local de reconhecimento talvez já seja oneroso demais para realizar, ainda, a leitura de gênero. Mas também podemos pensar quão silenciador é o sistema científico; se quero dele tomar e permanecer parte, devo questioná-lo? Será o modo de fazer ciência tão normatizador capaz de cegar ou tornar alguns temas menos atrativos? Será mais fácil lidar com a dor das outras do que com as suas mesmas dores enquanto pesquisadoras? Apostos em todos os sim.

Uma das entrevistadas me disse que uma das ganhadoras do Prêmio L'oreal para “For Women in Science³⁹” se recusou a conferir uma palestra sobre a questão das mulheres nas ciências em um evento sobre o tema, ou seja, uma das beneficiárias de uma ação afirmativa prefere não se envolver na questão, o que nos indica a dimensão da recusa em assumir e lidar com os problemas derivados de gênero no meio científico.

Eis a resposta de uma pesquisadora de destaque na física quando perguntada sobre a existência de resistência em admitir a discriminação contra as mulheres:

³⁹ Este é um prêmio internacional promovido pela L'oreal e está na sua oitava edição. Esta premiação visa incentivar a participação das mulheres nas ciências. As informações podem ser acessadas no site <http://www.loreal.com/_en/_ww/index.aspx?direct1=00008&direct2=00008/00004>

Você sabe que coisa mais engraçada? Eu cheguei lá em cima e te falo com toda honestidade que é muito difícil, tem preconceito. Eu tenho colegas que estão lá embaixo e que dizem feliz da vida “imagina, não tem preconceito nenhum, eu nunca senti preconceito”. Eu falo para elas: “estão malucas? O que é isso?” Tem gente que acha que não tem, está lá embaixo, nunca conseguiram subir um degrau e fala “feliz da vida” que não tem preconceito, e certamente sofreu. Como podem falar isso? Encontrei várias e falam com a maior “cara de pau” que não existe, eu não sei porque. O que tem na cabeça delas? São tão cegas que não percebem o que acontece em volta ou com elas mesmas? Ou é um jeito de querer negar e com isso vai ser menos pisada? Johanna

Esta professora assume que apesar de ter tido sucesso na carreira teve que enfrentar muitos preconceitos e se espanta com várias pesquisadoras que apesar de não terem subido na carreira não admitem a discriminação e o preconceito sofridos. Johanna fica perplexa com esta atitude de negação e considera uma estratégia para ser menos “pisada”, oprimida.

No caminho delineado por Johanna, outra entrevistada me confidenciou que hesitou muito antes de me encontrar, pois sua estratégia era não dar muito valor a isto, fazer vista grossa. Fazer de conta que não existe parecia amenizar os efeitos da existência do preconceito.

Os homens fazem coisas, perguntam coisas desagradáveis em prova de concurso, fazem coisas. Eu não sei se eu tive sorte, ou se é porque não presto atenção direito a estas coisas, nunca me intimidei com isto. Eu acho que uma das características que a pessoa tem que ter é não ligar demais para as intrigas... Neusa

Esta pesquisadora atribui o seu sucesso ao fato de não prestar atenção às atitudes machistas e sugere este desligamento como estratégia de fortalecimento e resistência. Em outra parte da entrevista, ela afirma acreditar na saída individual para o problema, ou seja, a postura de não deixar as atitudes sexistas a prejudicarem. Como se obstáculos não encarados como barreiras fossem melhor superados, como se os efeitos da discriminação fossem neutralizados pela atitude da indiferença.

Eis mais uma fala recortada de uma pesquisadora sobre a existência de discriminação às mulheres na física e sobre a mesma tentativa de amenizar seus efeitos:

Eu reparei, você fecha um pouco os olhos, você não quer acreditar que exista um preconceito ou exista um tratamento diferenciado: “ah, não comigo, não, foi tudo bem, foi tudo certo, e as coisas não são assim”. Victória

Certamente negar a existência da diferença de condições para homens e mulheres é colocar-se como igual nas chances de superar os obstáculos próprios da carreira. Também é uma forma de ter pertencimento, de não se apartar do restante do grupo formado majoritariamente por homens. Algumas afirmaram que esta postura de recusa poderia ser proporcionada pelo medo. O medo foi conotado em múltiplos sentidos: medo de ser discriminada por lutar contra a discriminação, medo de perder o apoio dos colegas e colaboradores, em sua maioria homens.

Eu nunca senti isso, acho até que fui bem apoiada, eu não tive problemas assim de me candidatar para alguma coisa que eu quisesse muito conseguir. Aliás, eu não queria muito nada (risos). Elisa

Esta é a fala de uma das entrevistadas, quando perguntada se sofreu alguma discriminação durante sua trajetória científica. Trata-se de uma física de renome em sua área no Brasil que certamente por sua concretude feminina sofreu os efeitos de pertencer ao feminino em um sistema de valores em que o masculino é o pólo positivado. No entanto, ela nega qualquer dificuldade e surpreende ao dizer “eu não queria muito nada”, ou seja, por meio desta afirmação é possível interpretar que o seu sucesso ocorreu assim por acaso, como se o sistema conspirasse a seu favor, como se ela não tivesse feito esforço para conseguir chegar onde está. Uma possibilidade é atribuir a facilidade do sucesso aos seus talentos que seriam considerados como algo dado e não conquistado.

O disperso e pequeno número de pesquisadore(a)s dedicada(o)s ao tema, os pedidos de entrevistas não respondidos, os relatos recebidos nas entrevistas bem como os retirados da literatura⁴⁰ me indicaram uma recusa de estar no lugar de dor a que, inspirada no conceito de “drible da culpa” cunhado por Rita Laura Segato (2003), chamo de “drible da dor”. O drible é constituído de manobras, estratégias, mecanismos que permitam às pesquisadoras não se identificarem com a posição de sofrimento.

O “drible da dor” está na presente nas falas e nas atitudes das pesquisadoras. Eis a resposta de Bertha quando perguntada sobre a recusa de algumas mulheres em se reconhecerem na posição de discriminada:

⁴⁰ Como apontado por Nádia Lima (2000: 229): “Merece ressalva o fato de várias mulheres cientistas entrevistadas, que conseguiram atingir seus objetivos de formação e capacitação profissional, impregnadas pelo discurso da competência à moda masculina, tenderem a desconhecer e ignorar os obstáculos existentes para elas na academia; contraditoriamente, passam no seu discurso, a crença que tudo depende de um esforço e competência pessoal.”

*Isto existe e tem uma lógica... **Se tu é uma minoria, tu não quer ser a minoria, tu recusa isso.** Se está sendo discriminada, tu não aceita que está sendo discriminada. **Discriminação é coisa de mulher incompetente**, se tu é incompetente, tu põe a culpa na discriminação. Como eu sou competente, eu nunca passei por isso. O que eu faço? Eu sinalizo para elas situações nas quais elas passaram, e elas não se deram conta que aquilo era a discriminação... Coisas pequenas: tu é tão palestrante convidada quanto os colegas que têm o mesmo número de publicações que tu? Com o teu número de publicações, tu está no teu nível adequado no teu órgão de financiamento? Tu teve em quantos comitês organizadores? Quantas vezes estivestes no CA do CNPq? Foste chefe de departamento? **Sinalizo comparações entre elas e os colegas com o mesmo número e elas vão começar a se dar conta que elas têm que trabalhar o dobro para chegar lá.** E aí elas começam a se lembrar de momentos... É quase cruel... Muitas ficam com raiva... Eu acho que eu tenho que entender que há mulheres que preferem viver na ignorância... Que acharam algum **mecanismo dentro da cabeça delas e de ter algumas pessoas que as protegem**, e elas não prestam muita atenção muito na coisa, sofrem menos: eu não sou como aquelas. Bertha (grifos, em negrito, meus)*

Muitos emaranhados de sentido se repetem nos relatos das pesquisadoras. Enfatizei no grifo algumas destas idéias: o medo de ser apartada por pertencer a uma minoria (tida como um grupo menor, menos valorizado), não arriscar os benefícios das alianças como, por exemplo, certa proteção de pesquisadores. Ela também aponta para a eficácia da sinalização da discriminação, ou seja, o apontamento de situações concretas para promover a auto-reflexão. Muitas pesquisadoras sobre violência contra a mulher utilizam desta técnica, uma vez que muitas mulheres sofreram violência sem a significarem desta maneira. A sinalização de possíveis situações concretas também foi utilizada nas minhas entrevistas, ao amarrar significados sólidos aos conceitos genéricos (discriminação, preconceito, violência de gênero) também dificulta o escape da significação pela generalização ou não-representação das violências.

Esta fala aborda uma das possibilidades de driblar a dor, de esconder-se da sua posição de sofrimento. Segundo Bertha é possível considerar que o “drible da dor” é operado pelo discurso da competência e do mérito⁴¹ que a ciência nos oferece e sobre o qual o sistema científico ergueu seus pilares. Segundo o discurso oficial da ciência, o mérito, entendido

⁴¹ Não faltam medidas para o mérito: número de publicações, número de citação, número de orientações, entre outros. Quaisquer destes parâmetros são questionáveis e problemáticos.

como talento adicionado a esforço, é o valor guia das relações no meio científico. Pelo mérito, segundo este discurso, as posições são justamente alocadas. O mérito premia inteligências e habilidades, qualidades vinculadas a mentes e espíritos, não a corpos. Não há lugar para qualquer discussão que remeta ao corpo: raça, gênero, país de origem; nesta lógica, o mérito não ter cor, sexo, etnia, localidade...

A representação social⁴² que emerge do discurso do mérito é que a(o)s cientistas são inteligências descorporificadas. Mentes e espíritos sem corpos ou localização. Se o sistema científico é gerido pelo mérito, o sexo, a raça, a localidade não importam. Cada pesquisador(a) está na posição que merece segundo seu esforço e capacidade. Assim, é parte da lógica do mérito não fazer sentido atribuir qualquer injustiça ou desigualdade ao corpo, ao gênero. De acordo com esta representação social, basta ser competente para colher os frutos do sucesso. Se não está colhendo estes frutos é porque não é competente. Nesta mesma teia de sentidos, se aponto para a desigualdade, é porque não sou competente. Quem quer estar associada à etiqueta de incompetente?

O modo de fazer ciência tradicionalmente tem guiado o(a)s pesquisadores para a produção de um conhecimento científico desencarnado. Assim sugere a ciência dita neutra, universal, desinteressada feita por pesquisadores cujas presenças não são notadas, de um olhar que não se pretende parcial, de um texto conduzido em terceira pessoa. Um saber que gera dogmas racistas, sexistas, heteronormativos que nunca são responsabilizados ou localizados. O tom do discurso desta ciência desincorporada é de uma descoberta: eis a verdade, eis a realidade. Como se a verdade existisse e tomasse forma por conta própria.

Se temos todo este imaginário⁴³ que exclui o corpo, o que acontece quando este corpo ainda aparece no feminino? Nas entrevistas que realizei, de várias formas havia uma preocupação com o vestuário, com a forma de se apresentar. Algumas das entrevistadas disseram que principalmente no início da carreira se vestiam mais masculinamente (fator às vezes adicionado a outros, como uma onda “hippie”), e que hoje têm a preocupação de sempre estar com ingredientes femininos. Outras disseram que a veste e a postura são determinantes se vão ou não serem assediadas, outra confidenciou que gostaria de ter a ousadia de outra colega que não abriu mão de se vestir femininamente... Também soube que uma das pesquisadoras, que está sempre bem arrumada (maquiada, de vestido, ornada, entre

⁴² Representação social, conceito baseado principalmente na teórica Denise Jodelet (2001).

⁴³ Como condensado de representações sociais de onde emergem as práticas discursivas. Entendido por autores como Cornelius Castoriades (1982), Bronislaw Bazco (1982) e Tânia Navarro-Swain (1996).

outros), recebeu um apelido pejorativo por sua conduta e, talvez, tenha seus trabalhos e atitudes levados menos seriamente, inclusive por outras professoras, porque sua postura extremamente feminina e vaidosa não combina com o que se espera de uma mente inteligente. Não se espera que uma cientista que se nutre da mente se preocupe com coisas supérfluas. Supérflua, outra palavra tão usada no feminino. No imaginário hegemônico, o cientista é pintado (mas não pode estar maquiada) ainda como meio louco, descuidado de si, e ainda que o discurso científico recuse o corpo, o cientista é representado como um homem, branco e de olhos claros.

Uma outra representação social que torna possível o dribble da dor é a não-identificação das mulheres cientistas com o modelo de mulher comum, aquela descrita como sinônimo de mulher no singular.

Na ocasião da abertura do *Second IUPAP International Women in Physics* (maio de 2005), a Ministra Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres – PRE, afirmou que houve certa resistência por parte das organizadoras do evento em solicitar apoio financeiro para realização do evento, pois a Comissão Organizadora não considerava apropriado retirar recursos financeiros de outras importantes iniciativas como, por exemplo, a violência doméstica contra as mulheres. A Ministra explicou que, no seu entendimento, apoiar um evento que refletisse sobre a situação das mulheres na ciência era tão importante quanto outras iniciativas, uma vez que o cerne da discriminação contra a mulher era o mesmo. Ao proferir estas últimas palavras, ou seja, que a discriminação contra a mulher “comum” era da mesma natureza que contra a mulher cientista, houve um perceptível, quase palpável, mal-estar na platéia formada principalmente por físicas das mais variadas nacionalidades e posições (estudantes, professoras). Este mal-estar era percebido por cabeças fazendo sinal de negativo, por aquele rumor contido e pelas conversas em baixa tonalidade. Neste momento, estava ao lado de uma pesquisadora brasileira de reconhecida liderança que, por todos os outros sinais citados acima, informou-me que aquela afirmação era um equívoco.

Essa conferência, da qual participei como pesquisa de campo, foi organizada também com a sistemática de trabalhos de grupo. Fui informada por uma estudante⁴⁴ que, no grupo em que ela se encontrava, uma pessoa, após sugerir maior interação com a área de humanas na compreensão dos problemas ali propostos⁴⁵, recebeu a seguinte resposta: “somos físicas e não

⁴⁴ Doutoranda em física da Universidade de Brasília que se interessou muito pelo meu tema de pesquisa e me fez importantes relatos.

⁴⁵ Como, por exemplo, o problema da educação diferenciada em que meninos recebiam mais atenção para determinadas disciplinas.

feministas⁴⁶”.

Algumas cientistas que entrevistei faziam questão de me mostrar seus êxitos não apenas como pesquisadoras, mas também como mães. Vivi muitos de seus relatos heróicos para conseguirem ser mulher, mãe, esposa, cientista ou/e ser cientista na Física onde são minoria. Pensei: até quando será necessário para as mulheres serem surpreendentes, excepcionais para fazer ciência?

Estar dotada de qualidades como as relatadas, extrema força, teimosia, determinação, que as possibilitaram chegar onde poucas chegaram, as afasta das situações vividas pela mulher constituída no imaginário como frágil, sensível, volúvel... As pesquisadoras são mulheres consideradas e tratadas, muitas vezes, como excepcionais. Muitas vezes, são o único corpo feminino em turmas de graduação de trinta alunos e assim recorrentemente em outros locais. Nesta lógica, não faz sentido colocá-las no mesmo sistema de desigualdade de gênero. Possivelmente, daí certa insatisfação com a fala da Ministra e da não-identificação com as lutas feministas ou com os estudos de gênero.

A representação da cientista enquanto “super-mulher” é possível e dialoga com representações mais amplas construídas por meio de, pelo menos, dois pilares: pela invisibilidade das mulheres na ciência e pela divulgação em massa do modelo de cientista enquanto indivíduo do sexo masculino. A figura da “super-mulher” não combina com alguns tons de alguns dos discursos feministas que enfatizam demais nas cores das mulheres como apenas vítimas do patriarcado.

É comum no “reescrever” a história, na tentativa de lembrar ou dar visibilidade aos(às) excluída(o)s, a construção de figuras épicas ou mesmo idealizadas que são configuradas, muitas das vezes, longe do que é representado como possível e “normal”. São personagens com qualidades representadas como não compartilhadas por toda(o)s o(a)s demais. Marta González e Eulália Sedeño (2006) apontam para o perigo do “Efeito Curie”, em que muitas vezes o “resgate” da história das mulheres cientistas destacadas de seu contexto social (ex. muitas gozavam do privilégio de classe) podem, ao contrário de criar modelos, difundir que somente mulheres excepcionais podem entrar no mundo das ciências.

⁴⁶ Existem várias linhas de feminismo, dentre as quais podemos citar o feminismo liberal ou da igualdade e o da diferença. Assim, como há várias representações sobre o feminismo, como, por exemplo, um movimento de mulheres, em geral masculinizadas, que querem ser iguais aos homens. A expressão não estará sendo utilizada aqui por nenhuma destas abordagens apontadas, e sim pela aproximação que o termo feminismo traz com a posição de mulher. A recusa do feminismo, que também está longe de ser sinônimo de ciências humanas, pode ser interpretada como uma recusa ao lugar do feminino.

Margaret Lopes e Maria Conceição da Costa (2005) problematizam que a ausência das mulheres na história também é uma construção historiográfica. Margaret Lopes, que se dedica ao estudo da vida e contribuição de Bertha Lutz, lembra que o(a)s historiadora(e)s enfatizaram apenas a atuação feminista dela e não deram a mesma importância à sua trajetória enquanto cientista.

A representação social do cientista enquanto membro do sexo masculino pode ser percebida de inúmeras formas. O androcentrismo da linguagem reflete e reproduz a invisibilidade das mulheres e a construção de imagens no masculino; eis um relato de uma pesquisadora que nos aponta como o imaginário relacionado ao cientista, ao físico é configurado no sexo masculino:

Escrevo, por exemplo, um artigo científico; na hora que volta a resposta, eles me tratam como homem, traz meu sobrenome, então já pressupõem que você seja um homem, nunca ninguém imagina que você seja uma mulher. Victória

Em uma experiência solicitada por mim à Profa. Anette Maia, durante a especialização em Antropologia, foi demandado a uma turma de quarta série que desenhasse pessoas fazendo ciência. A maioria das crianças desenhou homens. Algumas meninas (identificadas pelo nome) desenharam homens (considerados por vestimenta, ou por nomes dados), nenhum menino desenhou uma cientista, com exceção de um, que desenhou três pessoas: duas mulheres no andar de baixo, e um homem no andar de cima de um laboratório. A disposição do cientista localizado no alto e das cientistas situadas embaixo será um sinal de hierarquia? Este desenho pode ser analisado no anexo V. Também destaco que o(a)s cientistas desenhados eram majoritariamente pintados com olhos claros (verde ou azul) e/ou cabelos loiros (amarelo). A maioria das crianças e a professora não possuíam o tipo físico utilizado nos desenhos (brancos e de olhos claros). As crianças não se identificam racialmente com a posição de cientista. No caso das meninas, além de não haver uma identificação racial, também para muitas não houve uma identificação de gênero. Esta experiência aponta para a representação de cientista como uma pessoa pertencente ao sexo masculino e branca.⁴⁷

O não-reconhecimento do lugar de dor que passa por estas duas representações – “inteligências descorporificadas” e “super-mulheres” – não permitem que as mulheres compreendam muito de seus problemas advindos de sua condição de mulheres.

⁴⁷ Oportunamente pretendo entrevistar as crianças que realizaram os desenhos, para artigo complementar a esta dissertação.

Com poucas pessoas conversei sobre meus problemas acadêmicos. Você acaba não sabendo que o seu problema é o problema de outra. Você fica fechada ali, tenta resolver, acha que é uma coisa sua.
Victória

*Mas as coisas que eu falo são muito diferentes das outras ou não?
Outras também passaram por coisas muito chatas?* Johanna

Falas que apontam que as dificuldades vivenciadas foram, de certa forma, interpretadas como individuais. Os relatos também abordam a situação de isolamento que elas vivem, a fala permite perceber que Victória e Johanna pouco ou nada conversaram sobre seus problemas de gênero no meio-acadêmico com outras.

Por um lado, a inexistência de barreiras formais favorece a não-mobilização das cientistas. A existência de isonomia salarial, de acesso via concurso público, tudo tão perfeito na forma da lei, em uma igualdade de papel. As barreiras advindas da ordem cultural são apropriadas como de cunho individual ou de difícil mudança.

As representações de “*super-mulher*” e de “*inteligência desincorporada*” dificultam qualquer associação ou aliança sólidas com base na identidade de gênero. Apesar de algumas iniciativas pontuais, como os dois congressos organizados para tratar da temática das mulheres nas ciências, muitas não se identificam com o tema ou não acreditam que estas iniciativas poderiam ter bons resultados.

Ao invés de encontrar uma união consolidada entre as físicas, ligadas pela condição das mulheres nas ciências, o que notei em suas falas é uma relação maior de rivalidade entre as mulheres. Nise contou que não têm amigas na física. Eis o relato de Neusa:

Uma coisa que eu ouço com freqüência vindo das mulheres: Como você conseguiu isso? Betina: isso o topo da carreira? Neusa: qualquer que seja coisa que você conseguiu. Ao invés de falar: “parabéns, que bom que você conseguiu isto”. Como você conseguiu isto? Betina: e isto soa como? Neusa: pra mim soa como “você fez o quê pra conseguir isto?” Neusa

Ao ter publicado em uma revista de alto impacto na física, passar em um concurso, ela conta que o que ouviu das mulheres foi este comentário: de como ela conseguiu aquilo, uma sugestão de que ela fez algo “fora de contexto” para ter obtido aquele sucesso. Também há uma desqualificação do sucesso por parte das colegas mulheres. Segundo ela, os homens ou a

cumprimentam ou não dizem nada. A lógica que parece orientar este tipo de atitude também aparece na fala de Elza quando perguntada se havia mais rivalidade entre as mulheres:

A gente tem que ser bem equilibrada mental, assim, ser bem objetiva, uma personalidade bem assim, para não misturar, até porque ela chegou e eu não cheguei. Será que ela fez um charme e não sei o que... Então, existe esta suspeita, está certo? Elza

E ainda:

*E existe também aquela suspeita de porque a ela **lhe deixaram** chegar e eu não cheguei. Elza (grifo meu)*

Existe uma suspeita sobre os sucessos e feitos femininos mesmo por parte das mulheres. Na fala de Elza sublinhei “lhe deixaram” como se o sucesso fosse algo dado por outros e não, como mais comumente significado, como conquista. O sentido emergente é que sobre as mulheres que se destacam para a pergunta: o que elas fizeram que eu não fiz? Por que conseguiram e eu não? E uma possível resposta, como mostra Elza, recai sobre atributos representados socialmente como possibilidades de sucesso feminino: sedução, charme, beleza. Mais uma vez o corpo feminino em questão.

Houve pouquíssimos relatos sobre uma relação mais próxima entre as mulheres. Enquanto uma me relatou que elas saíam para almoçar e se organizavam para votar se houvesse uma candidata, outra entrevistada negou a existência de solidariedade entre as mulheres e pontuou que só tinha amigas físicas no âmbito internacional.

A falta de sentido de grupo não pode ser associada a algum tipo de “natureza feminina”. Esta falta de coesão tende a acometer grupos minoritários e oprimidos. O próprio automatismo da violência moral que estabelece valores que são incorporados mesmo pelo(a)s que são prejudicada(o)s por esta hierarquia moral pode ser considerado um dos fatores para esta não-identificação e conseqüente não-coesão. Assim, o(a)s discriminada(o)s não encontram nos pertencentes ao mesmo grupo (por exemplo: mulheres, negra(o)s, latina(o)s-americanos(a)s, entre outro(a)s) valores positivados na cultura e tendem a buscá-los nos grupos valorizados (homens, brancos, norte-americanos ou europeus).

Capítulo 3

Violências de Gênero nas Ciências

Logo no início, quando comecei a me interessar pela temática de gênero, me dei conta de algo muito importante: meu mundo jamais seria o mesmo. Nunca me permiti viver em “um mundo cor-de-rosa” com tanta diferença e injustiça andando juntas pelas ruas das classes, das raças, das etnias, das fronteiras, das categorias da diferença... Nem posso me permitir utilizar a expressão “um mundo cor-de-rosa” sem questionar como até as cores são engendradas. A cor rosa representa a submissão, ou seja, de quanto os elementos associados ao feminino são tomados com um sinal negativo, e assim depreciados. A cor rosa, instituída como algo feminino, é ligada à futilidade, à frescura, e mesmo à fragilidade. O mundo no rosa é o mundo da fantasia, pensar em um “mundo cor-de-rosa” seria ser preservado(a) da realidade como se fosse possível que as mulheres, em seus corpos, concretos do feminino, representantes dos pólos negativos de um binário hierárquico que as oprime, não fossem atravessadas por uma realidade tão mais vermelha e crua quanto seus sangues e suas carnes. O rosa, as Rosas não são frágeis, são dores, são resistências...

Falar em gênero em nosso sistema patriarcal é falar em violência. A expressão violência de gênero é utilizada para qualificar a violência. Esta expressão está próxima, na gramática portuguesa, de um pleonismo vicioso, uma redundância. O gênero está configurado em um sistema binário em que, como sugere Rita Laura Segato (2004), o masculino usurpa, retira valor e prestígio do feminino. Até as cores, neste sistema, são emblemáticas desta lógica de sentidos violentos.

Este sistema violento define posições: quem é o referente e quem é referida(o), quem pode e quem deve, quem é violento e quem é violentada, quem é cultura e quem é natureza, quem é sujeito e quem é objeto e assim tão infinitamente. Viver em um corpo feminino é ser necessariamente alocada neste sistema que funciona complexamente com outros binarismos ligados a raça, classe, país, etnia, entre tantos outros.

Viver em um corpo feminino é sofrer violência de tantas, corriqueiras, introjetadas maneiras. As violências, criticamente percebidas ou não, estão aí nas ondas da televisão, nas letras da música, na linguagem, nos papéis sociais definidos, na heteronormatividade sexual e afetiva, nos discursos sexistas dos conhecimentos científicos... Ainda que haja mudanças,

brechas, resistências, estamos toda(o)s ainda constituída(o)s por esta lógica, neste sistema. O sistema científico não é a exceção à regra.

O discurso⁴⁸ tradicional sobre a ciência a representa como neutra, desinteressada, universal. Esta ciência é retratada enquanto um benefício em si para a humanidade. Nestas representações centrais, a ciência carrega o símbolo do progresso, da civilização, da evolução, do moderno... É a cura, a facilidade e o correto. Os dizeres da ciência são ditames próximos aos dogmas da religião. Basta colar a etiqueta de “provado cientificamente” para ganhar legitimidade.

Quando algo não vai bem no mundo da ciência, percebo duas justificativas: 1) a apropriação indevida da ciência, seu mau uso (ex: bomba atômica), e 2) a má ciência: aquela feita de modo enviesado, intencionado (ex: teorias racistas). Para realizar o que se chama de boa ciência no discurso central, a(o) cientista deve ser desinteressado(a), imparcial, neutro(a): um(a) espécie de deus(a) incorpórea(o) cuja presença não interfere na pesquisa ou não é notada. Características não conjugadas pelos seres humanos, encarnados, localizados na cultura, necessariamente parciais⁴⁹.

Este imaginário da ciência nos permite esquecer que esta é produzida e (se) (re)produz em um determinado sistema cultural marcadamente androcêntrico, patriarcal, sexista, heterossexual, branco... Assim, o sistema científico não escapa da relação de valores hierárquicos que pressupõe, por exemplo, o gênero. As ciências, teoria e prática, estão constituídas engendradamente em valores masculinos que retiram seu prestígio de valores feminino: objetividade x subjetividade, dominação x interação, competição x cooperação, entre outros.

O conceito de gênero foi constituído enquanto relacional entre feminino e masculino, mas não de uma relação qualquer. O gênero não pode ser descontextualizado do seu chão patriarcal, gênero nos fala de uma relação de hierarquia onde o feminino está constantemente subjogado ao masculino. Ainda que possa haver espaços pontuais e excepcionais onde esta relação é invertida. O conceito de gênero está calcado na lógica binária de dois pólos: masculino e feminino. Estes pólos representam as matrizes de inteligibilidade categorizando os seres em humanos, numa raiz nitidamente heterossexual. É na heterossexualidade que a dita natureza binária dos corpos assume função.

⁴⁸ Sobre as implicações do discurso e poder utilizo Michel Foucault (1996, 2004).

⁴⁹ Para esta discussão sobre ciência, sugiro a leitura de Donna Haraway (1995), Santiago Castro-Gómez (2006).

Judith Butler (2003), entre outras teóricas⁵⁰, nos alerta: gênero cria sexo e não o inverso. A funcionalidade e a importância construídas para um detalhe anatômico, a genitália, é que criam a categoria sexo. Assim, ao invés da altura das pessoas, escolhemos a cor para imprimir a categoria raça que também opera como categoria de diferença para desigualdade. A diferença sexual como fundamento é (re)produzida pelas ciências como categoria estrutural das relações humanas. Desde a forma de colocar nos genes o destino dos sexos a descrever processos biológicos femininos como, por exemplo, a menstruação, de forma depreciativa.⁵¹

A ciência foi construída em pilares androcêntricos⁵², seu fim pretende-se objetivo, não prevê interação, sua relação é de controle e domínio, pretende a decomposição para o estudo das partes, transforma o que estuda em objeto. Sua prática é competitiva, hierárquica. Os valores masculinos não apenas são os mais prestigiados como há uma constante tentativa de exclusão do que são considerados valores e saberes historicamente ligados ao feminino⁵³.

Em seu cerne, a ciência tradicionalmente feita exclui as mulheres em corpos e mentes, em ideais e práticas. Para adentrar neste mundo, as mulheres paulatinamente são mergulhadas no discurso científico androcêntrico que, muitas vezes, entra em conflito com o discurso introjetado, em diferentes níveis, do que é “ser mulher”. Refiro-me aos discursos centrais que estabelecem os parâmetros mais aceitos na nossa sociedade para a legitimação do que é ciência e do que é “ser mulher”.

Somos o tempo todo processadas, fabricadas.⁵⁴ O discurso do gênero antecede nosso nascimento, encontra-se enraizado no nosso nome. Assumo a perspectiva Foucaultiana, segundo a qual somos parte sujeitas e, na maior parte, assujeitadas: feitas sujeitas, reproduzidas em humanas. Fomos todas educadas e socializadas pelo discurso da feminilidade, ainda que em diferentes graus de formatação, não só pela família e pela escola que representam a educação formal, mas também pela mídia, pelos brinquedos, pelos contos de fada...

Os corpos constantemente operados em mulheres pelos discursos do que deve ser e como deve agir a mulher, no singular, entram em constante disputa com os valores e práticas projetadas pela cultura da ciência. Acredito que esta disputa fica mais nítida em áreas

⁵⁰ Por exemplo: Linda Nicholson (2000).

⁵¹ Sugiro a leitura de Lewontin, Emily Martin (2006), Londa Schiebinger (2001).

⁵² Para discussão sobre ciência androcêntrica e perspectivas feministas nas ciências, recomendo Sandra Harding (1996), Jane Flax (1991), Mary Gergen (1988), Londa Schiebinger (2001), Evelyn Fox Keller (1989), Emily Martin (2006).

⁵³ Por exemplo, sobre a perseguição das parteiras e a instituição da ginecologia sugiro a leitura de Fabíola Rodhen (2001).

⁵⁴ Sobre a fabricação em mulheres e homens, sobre a tecnologia de gênero, recomendo o trabalho de

tipicamente masculinas como a física, no Brasil. Os relatos que tive, por meio de entrevistas semi-estruturadas⁵⁵ e de participação no Congresso “Second IUPAP Conference on Women in Physics”, foram impressionantes.

Ter uma concretude feminina em um mundo gerado e operado à maneira masculina é violento por si só. O binário masculino-feminino é uma diferença a todo momento reproduzida, criada, transformada em uma relação hierárquica e excludente em que, como afirmei acima, constantemente o feminino é sacado de valor, é subestimado, é menosprezado em face ao masculino.

O mundo da ciência é estruturado no masculino, sua institucionalização, como Londa Schiebinger (2001) sugere, é feita sistematicamente com o processo de exclusão do feminino e das mulheres. Apesar deste processo de exclusão, até mesmo pelos processos construídos de invisibilização das cientistas⁵⁶ na historiografia, elas, em maior ou menor número, estiveram presentes e atuantes na história das ciências.

Tentei sistematizar, após e continuamente pesquisar a carreira das mulheres físicas, duas formas de violência: o *sexismo automático* e o *sexismo instrumental*.

Sexismo Automático

O sexismo automático é aquele que, segundo Rita Laura Segato (2003: 12), está incrustado na cultura, responde ao automatismo de um costume que não se revisa. É tão maquinal que muitas vezes nem é percebido e freqüentemente é reproduzido pelo próprio alvo do sexismo: as mulheres. É um sexismo difuso, tido como natural, de algo que já não mais se questiona, resposta já esperada, confunde-se com algo imutável e mesmo “normal”.

O sexismo automático opera segundo a violência moral, de acordo com a definição de Rita Segato (2003:2): “conjunto de mecanismos legitimados pelo costume para garantir a perpetuação do status relativo aos termos de gênero. Estes mecanismos de preservação de sistemas de status operam também no controle da permanência das hierarquias em outras ordens, como a racial, a de classe, a regional e a nacional”. A violência moral de gênero parte de costumes e tradições que fizeram da diferença sexual seu fundamento para as relações

Teresa de Lauretis (1994).

⁵⁵ Entrevistas feitas com dezenove físicas em diferentes locais do Brasil, em diferentes níveis da carreira.

⁵⁶ Como lembram autoras como Margaret Lopes (1997).

entre as pessoas. Diferença sexual que se reverte em múltiplas escalas de desigualdade em que o feminino encontra-se desprovido, subtraído.

Rita Segato utiliza o conceito de violência moral para melhor explicá-lo em contraposição à violência física. Esta se tornou uma categoria de significado evidente, facilmente representável e apreensível e, portanto, tornou-se alvo a ser combatido formalmente pelo sistema jurídico. As violências físicas são mais nitidamente aplicáveis à penalidade da lei. Já a violência moral, por sua natureza difusa, sutil e onipresente, é ainda de difícil representação, pouco apreensível, escapa à formalidade da lei e encontra poucas formas de resistência, uma vez que responde ao automatismo da repetição da tradição. A violência moral produzida segundo as regras culturais do sistema tem aí seu poder de perpetuação e de eficácia.

O sexismo automático como forma de violência moral é perpetuado e reproduzido já que não encontra resistência, não há resistência onde não há percepção do exercício da violência. A violência moral por seu caráter costumeiro, “natural” incita que suas próprias vítimas se transformem em algozes, transforma, por exemplo, as próprias mulheres em perpetradoras de atos machistas e sexistas. Quando a resistência é minada, somos capturadas a atuar como nossos próprios opressores.

O sexismo automático nas ciências opera segundo as representações sociais⁵⁷ associadas ao que é ser mulher de forma singular e homogênea e ao que está rotulado ao ser cientista. Torna possíveis os seguintes casos contados pelas pesquisadoras em física: 1) Ao ser perguntada sobre sua profissão e responder: “*sou física*”, a/o interlocutor/a responder: “*ah! Educação Física*”; ou 2) Ao terminar uma aula em uma turma da graduação uma pesquisadora jovem recebe o seguinte comentário: “*pensei que fosse trote*”.⁵⁸ Falas que mostram o quanto o imaginário central sequer relaciona a física, enquanto ciência, à possibilidade de atuação da mulher e que marcam o tempo todo que ela é uma exceção: um ser fora de lugar, um peixe fora d’água.

O sexismo automático permite também que as bolsas de pós-doutorado concedidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico possam ser divididas em duas categorias sem nenhum questionamento: Pós-doutorado Júnior e Pós-Doutorado Sênior. Júnior e Sênior, quem são as figuras a que se destinam nominalmente estas bolsas? Nomes destinados ao masculino e simplesmente não questionados, desapercibidos, mas que

⁵⁷ Conceito entendido por meio de Denise Jodelet como grades de sentido por onde são possíveis as interpretações.

mesmo despercebidos marcam presenças, delineiam figuras, consolidam representações.

Uma professora física experimental contou que algumas vezes monta equipamentos no laboratório e já ouviu o comentário: “Estranho mulher com ferramenta na mão”. Ela também conta da dificuldade de interação com os técnicos homens, segundo ela, havia respeito, mas pouca interação. A todo o momento os territórios são mapeados, a mulher no papel ou função que não corresponde à sua representação social central é feita notar, está marcada e é tratada de forma diferente.

Além do próprio sistema engendrado de valores, a cena que não se encaixa na sua prevista representação social é, *a priori*, desqualificada e então testada, ou seja, posta à prova. Marília conta, ao ser perguntada sobre as dificuldades em conjugar sua vida acadêmica com o fato específico de ser mulher:

Existe uma dificuldade inicial, em estabelecer o contato, não-valorizada a priori. Depois que conhece, vence esta barreira, e aí sim.
Marília

A primeira barreira é o de ser desconsiderada a princípio, é uma barreira anterior, um obstáculo para iniciar a corrida/carreira, como se na largada de uma corrida as mulheres já topassem com um obstáculo adicional e inicial, enquanto os competidores homens não o teriam. O obstáculo inicial não é o mesmo para todas, mas certamente está lá no peso que um corpo feminino faz em um sistema orientado pelo gênero. É adentrar em mundo com passo atrás, um minuto atrás.

*Eu sentia que, olhando para as coisas que aconteceram nesta conferência em particular (enquanto estudante de posdoc no exterior), olhando hoje, eu tenho a impressão dos homens que falaram de física comigo, que eles falaram [no sentido]: 'vamos ver quanto ela sabe'. Ai quando você “dá uma dentro”, fala alguma coisa, eles “não, realmente”, parece um cachorrinho que aprendeu um truque novo, **tratam você como se você não fosse da mesma espécie**. Não sei se era porque eu era muito jovem.* Neusa (grifo meu)

Esta fala é particularmente forte: “tratam você como se você não fosse da mesma espécie”. A forma como Neusa relata que se sentiu é a de estar previamente inadequada àquele ambiente, devendo, pois, provar aos presentes que tinha habilidades para estar entre eles. Segundo Sandra Harding (1996:88) a ciência, ao investigar a relação de semelhanças e

⁵⁸ Estes casos foram contados por mais de uma pesquisadora, ou seja, não se trata de uma ocorrência singular.

diferenças de machos e fêmeas nas espécies e no interior da espécie humana – entre homens e mulheres – aponta para um resultado paradoxal: aproxima o comportamento dos homens e machos, assim como o das mulheres e fêmeas ao mesmo tempo em que distancia macho de fêmea dentro de uma mesma espécie.⁵⁹ Esta engenharia de gênero produzida pela ciência, apontada pela autora como uma conseqüente característica androcêntrica, reproduz a idéia de que as mulheres são tão imensamente diferentes dos homens que poderiam ser alocadas em outra espécie. Neste sentido, se o habitat “natural” dos homens conjuga características do público e da ciência, o habitat destinado às mulheres é o privado. Pessoas “fora de lugar” são levadas a provar sua capacidade de sobrevivência. Daí a busca da perfeição e do “fazer mais” como tentativa de provar suas habilidades.

Rita Segato (2003:14) pontua que a violência reside na tensão constitutiva entre o sistema de status marcado pelo gênero e o sistema de contrato, ou seja, na forma da lei. Ela compara a condição da mulher a um anfíbio, a uma posição híbrida advinda da sua inserção dupla no sistema total das relações. Se os direitos adquiridos pelas mulheres as abonam para participar das atividades tidas como masculinas, como a ciência; o gênero – na constituição do próprio conceito de masculinidade enquanto tributo do feminino – as marginaliza e oprime.

Na ordem do status, para serem minimamente aceitas, as mulheres são testadas, colocadas à prova pela ética masculina, segundo os valores construídos por eles: ser “objetiva”, apresentar-se de forma incisiva, ter uma postura agressiva, entre outros. Neusa relata e compara esta experiência como um cachorro a ser adestrado, uma relação nitidamente hierárquica onde o cachorro reproduz o que lhe é ditado pelo treinador.

Outra forma de violência relatada é a indiferença. Elza é uma pesquisadora de destaque em sua área, principalmente no exterior⁶⁰, tem uma história de persistência e luta para ter podido estudar e se tornar cientista. O primeiro obstáculo que encontrou foi em sua própria família, que pensava que o melhor destino que uma mulher poderia ter seria o de arranjar um bom partido/um bom marido. No entanto, ela continuou seus estudos às escondidas. Ela traz na voz uma paixão pelo que estuda e pelo que faz.

⁵⁹ Um discurso tão legitimado que atualmente serve até para vender sabonetes diferenciados para o público feminino e masculino.

⁶⁰ Esta é uma fala recorrente entre as físicas mais adiantadas na carreira: que o seu reconhecimento no exterior é maior do que no Brasil.

Poderia dizer que mais que discriminação, é indiferença. Isso é a indiferença, tudo. Tanto assim como o esposo pensa que quem tem que trocar as fraldas das crianças: é a mulher. Se ele puder ajudar, ajuda. Então, você está trocando fralda o dia inteiro e ele nem liga, está certo? Aqui você pode estar trabalhando, ensinando, fazendo o que quiser, também ninguém liga. Eu diria que se você faz alguma besteira séria, aí então cairão em cima. Dificilmente eles vão se desfazer por valorizar qualquer coisa que você fez, está certo? Se você vem, e coloca na frente, eu fiz isso, fiz aquilo. Eles dizem “Hum tá bom, tudo bem”, sim, está bem, ela conseguiu, ela fez. Pronto, acabou. Então, enquanto você vê quando se trata de algum senhor que fez alguma coisa por aí, mesmo assim é bem noticiado. (Risos) É deste jeito! Elza

A indiferença citada por Elza e também abordada por outras pesquisadoras é uma das piores formas de violência que um(a) cientista pode sofrer. Afinal, o reconhecimento do trabalho de um(a) cientista é o que fará com que seja citada(o), com que seja convidada(o) para ser palestrante, é o capital que lhe traz colaboradores, é o vetor da carreira científica. A indiferença é relatada por ela como algo cotidiano, parte dos costumes, por exemplo, das tarefas domésticas. O trabalho feminino só será notado, segundo o seu relato, se for algo a ser desvalorizado, caso a cientista faça uma besteira. Ela utiliza o verbo “desfazer” para expressar a conseqüência para os homens de valorizar um trabalho feito por mulheres, ou seja, valorizar implica para a ética masculina em se desfazer de seu prestígio, de sua própria posição. Também fala da visibilidade que os feitos masculinos têm no mundo da ciência em contraposição à indiferença dada aos femininos.

Uma outra pesquisadora contou que ouviu esta confissão de um colega físico:

Eu vou te falar uma coisa, que eu só falo aqui entre nós dois, quando é momento de eu aceitar que a mulher tenha posição dominante tem alguma coisa dentro de mim que torna isto inaceitável, incontrolável. Não dá para aceitar mulher mandando, não dá, vem de dentro de mim e não há como modificar isto. Agora se você disser que eu falei isto eu nego, estou falando isto entre quatro paredes, da porta para fora eu nego. Blanka

O pesquisador admite que há algo “dentro dele”, enfronhado nele que não consegue conceber que uma mulher venha a exercer um papel de comando ou de superioridade hierárquica. Esta confissão é feita entre amigos e colegas, não em público, já que esta declaração vai contra as regras do contrato e do “politicamente correto”. Ao ser verbalizada, saiu parcialmente da esfera automática que mune o sexismo, mas de toda forma, é uma postura da qual, embora ele tenha consciência, é difícil de se desfazer, para utilizar a

expressão de Elza. Trata-se de uma raiz moral sexista tão profunda que, ao ser arrancada, retira privilégio. O esforço em arrancá-la também parece sobre-humano, pois corresponde, em parte, ao seu significado: recusar uma situação de prestígio dada socialmente.

Uma outra forma perniciosa de violência é o assédio sexual no meio acadêmico, principalmente entre gerações, ou seja, de um pesquisador mais velho com alunas mais jovens. Não tratarei o assédio na sua vertente mais conhecida, que necessariamente implica em uma relação trabalhista hierárquica. Abordo uma violência moral sexual que é parte do cotidiano das mulheres de serem postas como corpos a serem apropriados, mesmo em ambiente em que os corpos não deveriam ser notados, como prega o mundo das ciências.

Rita Segato (2004) coloca que a masculinidade é um status a ser obtido. A masculinidade se conquista ao retirar poder do feminino. O corpo feminino é o local onde grande parte do processo de obtenção de masculinidade é desenvolvido. O corpo feminino torna-se território a ser apropriado, título a ser exibido aos pares como sinal de conquista e honra. É o ingresso para o mundo dos homens.

Esta lógica da apropriação de status pelos corpos femininos permeia as relações humanas e sexuais e torna-se mais um fardo para as cientistas. Marília conta que uma das dificuldades de ser mulher e física é que há muitos homens que querem levar a relação para o outro lado que não o profissional. Conta que no caso dela nunca foi muito crítico porque sabia como não levar aquilo adiante.

Outra física afirma que o componente sexo é sempre uma variável entre as relações profissionais estabelecidas com colegas homens, tanto nas tentativas advindas dos colegas/professores, como do que a comunidade possa comentar sobre uma relação próxima entre colaboradores de diferentes sexos. Algumas pesquisadoras contaram que havia comentários sobre o seu possível envolvimento sexual com um colaborador em relações unicamente profissionais.

No ambiente profissional, em especial no meio científico, o corpo feminino aparece quando deveria estar apagado. Apenas em algumas profissões, como a de modelo e a de esportista, os corpos, sua forma e desempenho, são avaliados como sinônimo de desempenho e sucesso. Ser abordada como corpo onde este não tem lugar é ser desapropriada. As físicas, em seus diversos relatos, estão constantemente sendo retiradas de lugar por serem mulheres, isto é, aprisionadas em corpos femininos.

*Principalmente quando eu era mais jovem porque eu comecei a participar de congresso muito cedo. É comum alunas, principalmente de Iniciação Científica, jovenczinhas, estarem conversando com um cara que você leu o artigo, acha o cara o máximo, e o cara vem passar cantada e você **querer morrer**. Você está achando que o cara está conversando com você porque está achando seu trabalho legal, você está ali se achando o máximo, aí de repente você percebe que não é nada daquilo, que ele quer é sair com você de noite para boate. E fala assim: - Ah, mas você é tão linda, pensei que você fazia parte da organização. Ah, você é aluna? Isso, entre professor estrangeiro com aluna brasileira, é direto. Ruth (grifo meu)*

Ruth faz esta narrativa ora em primeira pessoa, ora em terceira pessoa, talvez uma forma de se distanciar da situação vivida e/ou de dizer que é algo comum às outras pesquisadoras. Ser considerada e tomada apenas como um corpo em um sistema edificado por premiar idéias e mentes é violento. A situação descrita acima é penosa: penso na ansiedade de ir ao primeiro congresso, na preparação exigida para apresentar um artigo, no investimento feito para participar do evento, na alegria em conhecer um pesquisador cujo trabalho é admirado, para tudo “virar pó” ao perceber que não se trata de um interesse profissional e nem mesmo pessoal, mas de um interesse consumista, é ser tornada objeto: um troféu sexual. A decepção é tão grande que Ruth fala no desejo de morrer. Ainda o que deveria ser um elogio traz à tona novamente o preconceito que as físicas não podem ser bonitas.⁶¹ Se ela era bonita era porque não era física, só podia pertencer à organização. O assédio é feito por um professor estrangeiro. Muitos foram os casos de assédio que agregam o preconceito de localidade. Parte dos casos contados tinha mais este elemento discriminador. Agregado ao fato de ser mulher, está o de ser latino-americana, o de ser brasileira. Figuras configuradas como sinônimos da sexualidade exacerbada e facilmente apropriáveis.

Além de driblar as barreiras da inadequação, da indiferença, é necessário lidar com o corpo de mulher, que é escada para a obtenção do título da masculinidade. Na juventude, no início da carreira, são os períodos mais críticos, mas não somente estes. Carolina conta que recebeu uma avaliação⁶² feita por aluno(a)s onde estava escrito que ela era uma professora muito boa ao invés de uma boa professora. Um trocadilho que inverte os termos da relação e a qualifica enquanto corpo. Mesmo em uma relação em que ela ocupa uma posição hierarquicamente superior, relação de autoridade professora - aluno, a questão de gênero foi capaz de subverter a ordem.

⁶¹ A beleza é um atributo construído e valorizado pelas e para as mulheres.

⁶² Alguns departamentos contam com sistemas de avaliação do(a)s professora(o)s e realizam ao fim das disciplinas questionários sobre o desempenho docente.

Cantadas de professores, piadas vulgares de colegas, ser paquerada pelo orientador/supervisor são atitudes que constroem as mulheres, postas como caças, e impossibilitam outras relações como as necessárias para o trabalho. O olhar objetificador que pesa sobre os corpos femininos torna-se um limitador das relações humanas e profissionais e provoca o afastamento e o isolamento de muitas físicas. Algumas pesquisadoras têm reações mais agressivas e conseguem, a partir até de atitudes mais masculinas, frear este tipo de comportamento. No entanto, isto não significa que não sofram assédio, apenas arranjam uma outra forma de lidar com ele que também pode ter um custo emocional. Afinal, estar endurecida é, muitas vezes, um processo de reação. Sentem-se obrigadas a atuarem assim e não é uma atitude voluntária. Estar na posição de ataque, estar sempre atenta e, às vezes, até se munir de características artificiais, não muito próprias do seu ser, como uma seriedade exacerbada, são atitudes que demandam esforço e freqüentemente implicam em perdas.

As mulheres constituídas na teia de sentidos imposta pelo gênero também reproduzem atos de violência dos quais são ou poderiam ser alvos. O feminino é algo menosprezado, descartado por elas.

Sempre preferi trabalhar com homens. Eu não seria orientada por mulher de jeito nenhum, não tenha dúvidas. Mas é muito triste constatar isto. Agora eu tenho uma colega que a gente trabalha mais em sintonia. Temos feito muitos trabalhos juntas. Ela é do estereótipo masculino, a forma de trabalhar, e eu também. Então nós trabalhamos muito bem, a gente não senta para falar da vida dos outros, senta para trabalhar, nós somos muito objetivas. Eu acho que isto falta na mulher, a objetividade. Esta objetividade que a gente adquire, a gente é muito racional, o afetivo é colocado de lado por muito tempo. Nise

Ela afirma que prefere trabalhar com homens e também relata que trabalha com uma colega e tem dado certo porque ambas trabalham de uma forma mais masculina por meio da objetividade. Os predicados e adjetivos masculinos são os de maior prestígio no sistema engendrado de valores, e as mulheres tendem a reproduzir esta lógica ainda que sofram com esta. O relato pode, também, ser interpretado como uma forma de se retirar da esfera de discriminação, uma vez que ela possui predicados masculinos.

Sexismo Instrumental

O segundo tipo de violência de gênero a que me refiro é o que chamo de *sexismo instrumental*, aquele acionado como meio de colocar alguém em seu “devido” lugar (dito como natural). Estas violências são tentativas de assegurar posições de privilégio na hierarquia em situações de divergências, quando e principalmente outros elementos não garantem estas posições. É provável que, nestas situações, sejam utilizados inúmeros recursos, em especial nas ciências, tais como: senioridade, titulação, trajetória acadêmica (prêmios e cargos), regionalidade, área do conhecimento, raça e, em especial, gênero. Segundo afirma Rita Laura Segato, o gênero é um sistema violento:

A falta de correspondência entre as posições e subjetividades dentro deste sistema articulado mas não inteiramente consistente produzem e reproduzem um mundo violento. Este efeito violento resulta do mandato moral e moralizador de reduzir, por todos os meios possíveis, recorrendo à violência sexual, psicológica e física, ou mantendo a violência estrutural da ordem social e econômica em que hoje os especialistas já estão descrevendo como a “feminização da pobreza”. (Segato, 2003: 15)

Neste sentido caminha a interpretação da vivência relatada por Bertha:

*Um colega, uma vez, no meio do debate, me acusou de ter ganho o debate porque eu estava usando um perfume perturbativo, eu me virei pra ele e disse: meu caro, você perdeu o debate porque eu sou muito mais inteligente do que tu, e porque os meus argumentos eram bons.
Bertha*

No meio de uma discussão científica um colega dizer que não ganhou o debate porque Bertha estava usando um perfume perturbativo é o mesmo que não reconhecer o mérito dela, retirá-la da posição de “vencedora”, já que foram os termos de uma competição que foram utilizados. É se utilizar de um atributo feminino, no caso o perfume, na tentativa de minar o sucesso de Bertha.

Algumas pesquisadoras me contaram que após terem sucesso de alguma forma (tirar nota máxima em uma prova, ganhar recursos para um projeto, entre outros) as mulheres receberam comentários do tipo: “*mas também com este sorriso*”; ou ainda; “*com esta saia*”. Entendo estas falas como formas de retirada de legitimidade do sucesso alcançado pelas mulheres, formas de recuperar a posição de prestígio dada pela sociedade ao sexo masculino.

“Desde o início quando a gente fazia graduação e tudo mais, sempre tem aquela história de ficar tendo gozação porque tira nota mais alta porque fez prova de mini-saia. Ou ‘ah! Também aquele professor não pode ver um decote’. Sempre, sempre, sempre existia a insinuação que eu tirava nota boa porque era mulher.” Ruth

No caso, a forma encontrada para subtrair o êxito de Ruth foi afirmar que este não era resultado de sua inteligência e de seu esforço, mas produto dos seus atributos corporais. A nota é colocada como uma concessão do professor, em um jogo de conquista heteronormativa, onde o que está em jogo é o seu corpo. As mulheres são apenas corpos e atributos femininos que desconcertam os homens e os tornam vulneráveis às investidas femininas. Qualquer sucesso nesta perspectiva é interpretado como uma concessão do homem, que se deixou convencer pela sedução do mundo feminino e não por sua capacidade intelectual. Uma violência utilizada, ainda que em tom de piada, para nivelar a posição de status que culturalmente garante o poder masculino com a posição do contrato que prega igualdade. A posição de destaque alcançada por Ruth tornava ainda mais dissonantes as posições prescritas na ordem do status e na ordem do contrato, uma vez que, por tirar as notas mais altas da turma superava o desempenho dos colegas homens.

Outra física contou uma experiência enquanto professora de física do Ensino Médio de Física:

Quando entrei na sala para dar aula me apresentei e ouço de um rapaz: Professora de física, deste tamanho e mulher, você vai ter que rebolar muito para nos ensinar! Respondi: você não se preocupe porque eu não vou rebolar e você vai aprender física. Nise

Os fatos de ser do sexo feminino e de baixa estatura, preconceitos conjugados, foram utilizados pelo aluno para desprestigiar a professora em seu primeiro dia de aula. Mais uma vez, expressões ambíguas, facilmente relacionáveis à sexualidade, como “rebolar”, são utilizadas para lembrar que a principal função das mulheres é ser objeto de prazer.

O assédio também pode ser utilizado como forma intencional de constranger e rebaixar as mulheres cientistas. Eis a fala de uma professora sobre o relato de suas orientandas em uma experiência no exterior:

Foi para Europa, na França, os professores trataram bem e os alunos trataram muito mal, chegaram pra elas, foram duas meninas: o que vocês estão fazendo aqui? Isso aqui é uma escola européia de física. Chegaram a ser grosseiros. Assédio de baixo nível. Falando: você que é brasileira que entende de futebol e as minhas bolas, entende? Johanna

Mais uma vez os preconceitos se cruzam: o sexista e o de localidade, por serem mulheres e brasileiras. Na lógica do imperialismo do saber, apenas os países colonizadores produzem ciência. Uma das pesquisadoras disse que se não fosse o que é considerado “América Latrina”, não teria provavelmente recebido críticas grosseiras e descuidadas de um consultor internacional. No relato acima, além de serem brasileiras e serem por esta razão consideradas menos capazes de entender e produzir conhecimentos em física, deveriam entender de futebol e de sexo. Violências faladas a fim de torná-las inadequadas, menores, ilegítimas. O ato de rebaixar alguém é uma maneira de se dispor acima, mais uma vez o arremesso feito com este objetivo é reduzir o feminino a um corpo usurpável.

Também tive relatos e observei casos em que as mulheres, estando em posição inquestionável quanto à sua competência, tinham suas indicações para assumirem cargos de poder impedidas com a utilização de argumentos ligados ao feminino quando associado à autoridade: encrenqueira, complicada, com problemas de relacionamento pessoal. Foram as características elencadas para impedi-las de serem colocadas em posições de liderança.

No caso relatado por Nise, e diante do meu espanto quando afirmou que jamais seria orientada por uma mulher, ela me explicou que à época havia uma pesquisadora que hoje admira muito e que considera mais competente que seu orientador, mas que foi dissuadida pelos próprios professores colegas a seguir a orientação com ela.

*Porque eu não achava que nenhuma das que estavam ali à minha disposição, tinha competência suficiente, mas eu estava errada, eram pessoas bem competentes. Mas por que eu não aceitava? Os próprios colegas dela falavam: Mas você não vai ser orientanda desta pessoa?
Nise*

Perguntei se os argumentos que usavam contra ela eram por se tratar de uma pessoa complicada e histérica, ela confirma: “ela é uma pessoa que impunha, impunha de uma forma, aí era considerada histérica, desequilibrada, era rotulada deste jeito.” A agressividade conjugada no feminino é usualmente associada à histeria, o que corresponde ao sexismo automático. No entanto, utilizar este argumento para retirar possíveis orientando(a)s corresponde ao *sexismo instrumental*. Se não foi possível retirar autoridade da pesquisadora pelo discurso da competência, então foi acionado o dispositivo sexista para garantir a preferência entre o(a)s aluna(o)s e possíveis orientanda(o)s.

Em casos como este, a capacidade intelectual da tarefa já não foi questionada, talvez por se tratar de cientistas já no topo da carreira. Assim, suas habilidades pessoais conjugadas

no feminino as colocam na condição de mulheres complicadas e inadequadas. Esta vinculação talvez responda ao sexismo automático que rotula que as características necessárias para o exercício do poder são masculinas, das quais as mulheres são tidas como naturalmente desprovidas. Este estereótipo resulta em uma figura feminina inadequada em postos de autoridade. Esta construção permite que a autoridade exercida por mulheres seja criticada por sua forma não-feminina (interpretada como autoritária...) ou por ser feminina demais (interpretada como passiva, diplomática, complicada...).

Outro relato foi de uma pesquisadora que, ao transitar pelos corredores da universidade onde trabalha, ouviu um comentário de baixo calão sobre seus componentes corporais traseiros, proferido por um professor de física, seu colega, dirigido a uma roda de alunos de ambos. Ela decidiu fingir não ter ouvido o comentário. É nítido que o comentário do professor a seus alunos, além de responder ao papel que a heteronormatividade prognostica de apropriação das mulheres enquanto corpos, foi a forma encontrada de rebaixar a professora, de retirá-la de seu status de igualdade profissional, de usurpar sua autoridade, de minimizar a possível ameaça que ela representava.

Interpreto estas falas, estes casos, como formas pensadas e utilizadas estrategicamente para retirar legitimidade dos resultados obtidos pelas mulheres, como forma de minimizar seus sucessos, de retirar e impedir o seu acesso ao poder. O *sexismo instrumental* é utilizado em disputas de poder, como um trunfo, uma estratégia de assegurar prestígio. Uma estratégia utilizada quando recursos legítimos tais como a argumentação científica ou a capacidade técnica, não foram suficientes para garantir posições. Também pode ser vista como uma maneira de inverter hierarquias dadas, como a de professora - aluno, onde se cruzam mais de uma estrutura hierárquica.

O *sexismo automático* e o *sexismo instrumental* estão imbricados, uma vez que este último busca nas raízes das tradições suas armas. O *sexismo automático* é dirigido contra a categoria de mulheres, enquanto o *sexismo instrumental* utiliza-se da hierarquia moral que pesa sobre a categoria das mulheres para personificar a violência no sentido de inverter uma determinada relação de poder.

Os relatos apresentados significam, em parte, o pequeno número de mulheres⁶³ nas posições de poder e prestígio. São tantas as formas de violência de gênero que, apesar da simplificação em duas categorias, não é só difícil crescer na carreira científica como atuar

⁶³ Marta Garcia e Eulália Sedeño (2006) indicam que a participação das mulheres nas ciências se encontra, mundialmente, em torno de 30%, e em altos postos estima-se que em torno de 5 a 10%, esta taxa ainda é menor nas áreas consideradas masculinas.

neste meio em que o feminino é estruturalmente subjugado.

A exposição acima permite dimensionar o quão árdua e violenta pode ser a carreira científica de física para as mulheres por se tratar de barreiras não-formais, arraigadas na própria cultura. O chamado “teto-de-vidro” é uma expressão utilizada para sinalizar as barreiras não-formais que impedem a ascensão na carreira das mulheres a partir de um determinado estágio, ou seja, como se algo as impedisse de chegar nas posições mais prestigiadas de uma profissão. Como podemos perceber, o “teto-de-vidro” é apenas uma consequência de uma série de violências perpetrada contra os corpos e comportamentos femininos. As barreiras não estão apenas no ambiente externo, estão também cravadas internamente. No entanto, por serem barreiras programadas culturalmente, têm a possibilidade de serem alteradas. As culturas e as tradições não são estáticas. Não somos ditado(a)s nem por um destino biológico, nem por um determinismo cultural.

Capítulo 4

Na Contramão dos Discursos: entre “Ser Mulher” e “Ser Cientista”

“Não vejo mulheres como heroínas modelares. Na verdade, vejo-as como marcos históricos ou como lugares, marcos históricos – melhor dizendo arenas – onde se travam embates políticos e culturais cruciais...”

Joan Scott (2002)

Ao longo da minha pesquisa tornou-se evidente o conflito entre os valores exigidos para ser uma “boa cientista” e os requisitos considerados necessários para ser uma “boa mulher” dispostos nos discursos hegemônicos. Conjuguar ciência no feminino não é fácil, são dois mundos opostos estruturados na dicotomia do público/privado que, com base na complementaridade sexual, definem espaços engendrados, onde o mundo público é operado segundo valores masculinos e o mundo privado segundo valores femininos. O que é definido como apropriado e instrumental em uma cultura, é desapropriado e inútil em outra.⁶⁴

É preciso explicitar que as físicas, em sua concretude feminina, enfrentam o embate com o mundo público já construído no masculino em duas esferas intimamente ligadas: na esfera chamada profissional, que é guiada por um código de comportamento comum para as pessoas que trabalham na esfera pública; e na esfera da ciência, no caso da pesquisa em física, que se inclui na esfera profissional, como qualquer outro exercício profissional, mas que tem atributos específicos do meio de produção acadêmico.

A primeira coisa para ser aceita como profissional é agir como um profissional, é não ficar trazendo seus problemas particulares. Alice

Um profissional é dito no masculino pela pesquisadora em física, um e qualquer um, é o universal totalizante masculino visível e promulgado na esfera pública. Trabalhar na esfera pública é se configurar em um ser universal e igual, em um padrão que é necessariamente excludente. É tornar-se uma peça de uma máquina que deve produzir algo, no caso da ciência:

artigos, orientações, aulas, profissionais formados, patentes, seminários.

Joan Scott (2002:29) traz uma importante reflexão sobre esta noção de indivíduo associada à masculinidade. A autora afirma que a palavra “indivíduo” é ambígua, pois é utilizada enquanto sinônimo de protótipo de ser humano, ao mesmo tempo em que aponta para a especificidade humana, isto é, para a configuração de um ser único, particular. A concepção deste indivíduo, de essência comum, foi necessária aos teóricos da Revolução Francesa para lançarem as bases da política estruturada em princípios universais: liberdade, igualdade e fraternidade. Estas bases somente tornaram-se possíveis a partir da abstração das categorias diferenciadoras como classe, sexo, raça, isto é, somente a partir de uma identidade humana fundamental era possível ver todos os seres humanos reunidos em um único tipo. Este tipo, o indivíduo abstrato, no entanto, tinha características particulares e muito concretas, como, por exemplo, era um referente masculino. A autora também destaca que a masculinidade se igualava à individualidade enquanto a feminilidade era sinônimo de alteridade e especificidade.

Na esfera pública e, portanto, no mundo profissional, ainda predomina a idéia deste indivíduo abstrato. Não cabe ser particular e pessoal no ambiente de trabalho. Estas características apenas são possíveis se a divisão sexual do trabalho continua, ou seja, se para cada profissional há uma pessoa responsabilizada pelo lado pessoal da casa, pela família, entre outros. A esfera particular e privada (filhos, casamento, casa, entre outros) ainda é atributo feminino na medida em que a maioria das mulheres se encarrega destas atividades. Como ter estas atribuições e não invocá-las em momentos de necessidade? Como ser particular (atribuição do feminino) e profissional (formatada no masculino) ao mesmo tempo? Eis o relato de uma das professoras:

A primeira gravidez foi terrível para mim porque eu renovei minha bolsa de posdoc (pós-doutorado) e no momento em que engravidei, liguei para a agência de fomento e perguntei como que ficaria minha situação: na hora que eu tiver o bebê, posso tirar uma licença-maternidade? Eles me responderam: Ah, tudo bem, você tranca sua bolsa, não tem problema, e depois de seis meses você pode retomar. - Eu vou trancar no momento em que mais preciso do dinheiro? Neste momento em que vou ganhar o meu filho. Então, é uma situação terrível. E o que você faz? Então, não me identifiquei na ligação e não falei para a agência que tive meu filho. Todo mundo viu que estava com meu filho, eu estava em um instituto extremamente masculino, o

⁶⁴ Outros trabalhos trazem relatos e uma boa discussão sobre o conteúdo apresentado neste capítulo. Sugiro a leitura de Londa Schiebinger (2001) e para um estudo realizado no Brasil, na região nordeste, recomendo a leitura do livro de Nádia Lima et al (2003).

que foi um problema, porque com quarenta dias, exatamente o tempo da minha quarentena e que havia combinado com meu supervisor, eu tive que voltar a trabalhar. Eu levava o bebê num cestinho e a babá e participava das reuniões. Com quarenta dias você imagina que o bebê quer mamar o tempo todo, ela ficava na minha sala, eu ia, amamentava e depois saía, ia assistir as disciplinas, ia fazer as coisas. É lógico não era uma situação confortável para o bebê. E, um dia, um fulano, que eu fico muito chateada com este episódio, ele foi reclamar diretamente para o diretor falando que aquele lugar não era lugar de criança, não era lugar de bebê. Aliás, uma pessoa não, duas pessoas reclamaram para o diretor e o diretor veio falar comigo. Não houve nunca nenhuma preocupação assim: olha, ela está trazendo o bebê, vamos colocá-la em uma sala que não vai atrapalhar ninguém, isso é legítimo, eles poderiam ter pedido para o diretor. Ao invés disto, eles foram falar que eu estava incomodando. É uma questão de postura. Então, ele veio falar pra mim: o que é que vou fazer? Consegui uma sala de colegas que tomaram a atitude, que não se incomodaram com meu bebê indo lá umas três vezes por semana, não foi nada de diretoria. Tinha que dar “mamá”, era muito novo; se eu tivesse tido quatro meses, certo? Não foi o caso, não podia parar quatro meses a pesquisa, um posdoc, imagina que você tem que estar “em dia” com a produção, para renovar sua bolsa senão você fica sem salário, aquela neurose toda, ao extremo. Então, eu sei que eu fiquei um tempo carregando meu bebê, até minha sogra eu cheguei a levar. Victória

Não houve qualquer apoio institucional, nem pela diretoria do instituto nem pela agência governamental de apoio à pesquisa, para que Victória pudesse conciliar a maternidade com sua carreira de física. O modo pelo qual ela driblou estas barreiras foi sabotado por alguns colegas incomodados e pela própria diretoria do instituto ao qual estava vinculada. Não houve qualquer apoio formal nem mesmo qualquer manifestação de solidariedade por parte destes colegas. Era um problema particular, não previsto no meio profissional, que deveria ser resolvido no privado. As esferas pública e profissional são fundadas pretensamente na universalidade e na impessoalidade, mas são operadas segundo parâmetros masculinos. Ser particular no campo profissional é uma situação não-prevista e considerada descabida. A atitude não-solidária destes colegas que levaram o problema à diretoria, além de responder a uma lógica de um sistema estruturado no universal que é, na verdade, masculino, também pode constituir uma forma evocada para desprestigiar a conduta profissional de Victória em um campo como o científico em que a competição é descrita como ferrenha. O problema particular foi resolvido na esfera do privado, entre um grupo de amigos que cedeu um outro espaço para elas (mãe-pesquisadora, bebê e babá).

É importante destacar que não há qualquer tipo de auxílio ou apoio à maternidade

vinculados às bolsas de pesquisa e formação de recursos humanos (mestrado, doutorado, pós-doutorado...). Apesar da bolsa não configurar vínculo empregatício é por meio de uma sucessão de bolsas que, em geral, se sustentam financeiramente os pesquisadores durante boa parte de sua carreira. Esta é ainda uma medida polêmica que deveria ser, pelo menos, pautada para discussão pelas agências governamentais de fomento à pesquisa científica.

Christine Delphy (1970) discute a questão de classes sob a perspectiva do gênero. Para ela, enquanto a classe trabalhadora é explorada pelo sistema capitalista, a classe das mulheres é explorada em âmbito familiar pela classe dos homens no sistema patriarcal. Afinal, as mulheres, em sua maioria, continuam responsáveis pela manutenção da casa e a criação dos filhos, tarefas não-remuneradas, e no caso das físicas, adicionadas ao trabalho profissional de professora e pesquisadora em física.

As múltiplas jornadas de trabalho pelas quais as mulheres são encarregadas ainda permanecem invisíveis e naturalizadas em nossa sociedade. Estas são relatadas pelas físicas como um peso a mais para carregar na corrida por uma carreira científica de sucesso. Eis como Ruth equaciona estas esferas:

Sempre para um conseguir, tem que ter um outro que dê o apoio, senão não consegue. Nesta nossa carreira, você afirmar que consegue constituir família, ter filho e progredir na profissão sem ter apoio... Alguém tem que estar lhe apoiando por trás. É aquele negócio: é pagar as contas, é se preocupar com a escola, com a creche, com o médico, com isto e com aquilo. O Fulano (marido dela) não se preocupa com estas coisas, eu faço tudo. E quando eu não posso fazer? Aí ele faz, contrariado e reclamando. Ruth

Esta é a fala de uma pesquisadora em física casada com outro pesquisador em física. Não fiz a porcentagem de casamentos entre físicos, mas a maioria das minhas entrevistadas era ou foi casada com físicos ou pesquisadores de outras áreas. O casamento entre cientistas da mesma área é chamado de endogamia disciplinar, fenômeno abordado em Londa Schiebinger (2001:189). Durante a entrevista de Ruth, e nesta fala especificamente, ela afirma que a possibilidade de conciliar a progressão na carreira de física com a constituição de família apenas é viável quando existe uma estrutura ou alguém de apoio. Ruth possui uma estrutura montada: escola no período diurno, a disponibilidade de uma funcionária doméstica, mas, ainda assim, para que a estrutura não desmorone, é ela quem se encarrega de abastecer e supervisionar para que tudo continue em funcionamento.

É interessante perceber que a expressão utilizada “ter filhos” possui um significado diverso de “criar filhos”. Esta diferença de significados é construída em outros momentos da

entrevista de Ruth. Para ela não basta colocar os filho(a)s no mundo, ou seja, “ter filho(a)s”, é necessário criá-lo(a)s e educá-lo(a)s. Estas são funções que exigem dedicação e são assumidas tanto como peso quanto como gozo: nas horas “vagas”, no horário não-formal de trabalho (às noites, aos fins de semana) antes ocupado para dar um salto na carreira.

Carreira e “topo de carreira” são substantivos muito utilizados no mundo profissional dessa área. A concepção de carreira remete a idéia de seqüências de níveis, corrida, percurso. O “topo da carreira” representa a linha de chegada deste percurso, o pódio. Espera-se que as condições iniciais de quem corre, assim como o trajeto para a corrida sejam mesmos, ou seja, que a corrida siga o ideal de concorrência justa e igual para toda(o)s. Trata-se de uma competição operada no universal, homogêneo, linear, portanto excludente, que não prevê ou considera questões como gênero, raça, classe, localidade, entre outros determinantes sociais.

Tanto carreira quanto “topo de carreira” pressupõem uma hierarquia de posições em um sistema organizado pelo modelo bolsa de *commodities*, tidas como valor diferencial quantificável agora imposto à ciência, onde “hierarquia” assume um formato e uma definição que antes não tinha. É necessário perceber essa definição de hierarquia ao longo da história da ciência. A luta por posições, a competição entre os membros de uma mesma carreira para chegarem ao “pódio” é inerente a este caráter hierárquico porque, em uma corrida, a premiação é limitada aos primeiro(a)s. A máxima dedicação é freqüentemente invocada para quem quer “fazer carreira”. No entanto, em muitas falas, de diversas maneiras, as físicas enfatizaram que as mulheres não têm por objetivo único a carreira. O casamento e a maternidade são colocados como importantes para sua realização pessoal ao mesmo tempo em que são considerados fatores que prejudicam o andamento da carreira. Se, por um lado, casar e ser mãe são experiências valorizadas por muitas entrevistadas, por outro lado, são tidos como empecilhos para o “fazer carreira” no campo da ciência. Ainda assim, como aponta a pesquisadora Ruth, para muitas, a constituição de uma família não é apenas uma realização, mas uma necessidade.

Eu conheço pessoas que não se sentem bem, se sentem metade de uma pessoa se não tiverem uma família completa: marido, filhos; sentem-se meia pessoa só. Neusa

Os discursos hegemônicos definem que ser mulher é ser mãe e ser esposa. Estes discursos são centrados na funcionalidade do gênero de criar a diferença segundo a heteronormatividade em que homens e mulheres assumem funções distintas e complementares: os primeiros como provedores e as segundas como reprodutoras. Há uma

diversidade imensa de discursos periféricos e comportamentos diversos. No entanto, o impacto deste discurso central continua formatando as subjetividades das mulheres, mesmo entre as que têm parte de suas vidas experienciadas no meio masculino da ciência e da física. Assim, se para muitas o casamento é ou foi central, se criar filhos e tê-los como frutos bem-sucedidos é parte do que se considera fundamental para a realização feminina, estes também são considerados empecilhos para o crescimento profissional. A dedicação tanto para o casamento quanto para a(o)s filho(a)s é também um sobrepeso na ascensão acadêmica e é visto como um obstáculo dificilmente superável para a carreira.

Casamento e Ciência em Laços e Nós

Ser mulher já é ser diferenciada, está certo? Então, você é forçado, forçada a fazer algumas escolhas que são muito violentas como dizer: não vou casar, vou ser cientista. Elza

Fiquei surpresa ao me deparar recorrentemente com o casamento considerado enquanto um fardo ou mesmo como, na fala acima, uma “escolha” violentamente negada. De alguma forma, eu tinha a expectativa de que a maternidade viesse à tona na fala das cientistas enquanto um sobrepeso, mas o casamento não. Na fala de Elza, física que casou com um pesquisador de outra área⁶⁵, o casamento apareceu como uma “escolha” entre ser esposa e ser cientista. Ela é o que poderíamos chamar de uma cientista de destaque, ela não fez a escolha violenta de não casar, mas em toda sua entrevista atribuiu à estrutura familiar o peso de uma ascensão lenta na carreira. Conforme tem sido reportado, a dupla ou múltipla jornada de trabalho é um dos fardos associados ao casamento. Marília e Bertha falam deste papel social esperado das mulheres:

Espera-se da mulher que ela cuide da casa. Tem este aspecto que também sobrecarrega. Este é um stress a mais. O homem é sempre educado de forma que ele não é o responsável pela limpeza da casa, entre tantas coisas. Ele não passa pela segunda jornada de trabalho. Marília

Porque como toda relação com um brasileiro, mesmo no meu

⁶⁵ Ao escolher a física como área de estudo, Elza pesou alguns elementos como, por exemplo, suas melhores habilidades, mas também admitiu ter escolhido a física para se afastar da área do marido a fim de evitar a comparação e a concorrência entre ela e ele.

casamento em que eu me dava bem com o meu ex-marido, era uma relação que eu tinha que fazer tudo. Eu acho que em uma geração a gente não vai mudar essa cabeça dos brasileiros. Tem um ou outro que... Ou você aceita isso e aceita aquela coisa que, com os filhos, é você que vai ter que carregar o trem. Bertha

São falas que remetem à expectativa social segundo a qual a mulher é a responsável principal, senão a única, pelos afazeres domésticos. Estes depoimentos são de duas pesquisadoras que não estão mais casadas. Como muitas outras entrevistadas, se a carreira não foi drasticamente uma escolha, como propôs Elza na sua fala anterior, o término do casamento foi determinado, em parte, pela dedicação à profissão. As duas também haviam se casado com pesquisadores.

Quando você vai ver efetivamente o tempo e a energia que eles dedicam é para carreira: é pra publicar, é pra ter atuação política e é pra crescer hierarquicamente na instituição, eles têm esta ambição. A mulher, se ela não casou, não teve filho, aí sim você vai ver (faz um barulho de aceleração), é a que briga, ela não tem outra coisa a dedicar, ela dedica a vidinha dela naquilo, então elas são tão competitivas quanto, tão brigonas quanto, tão reclamonas quanto, e estão lá seguindo a carreira, são estas mulheres que estão no topo da carreira. Se você pegar estas que estão no topo da carreira e olhar a família delas, ou ela teve aquele baita maridão que assumiu tudo e que permitiu a ela subir ou o que acontece é que ela largou tudo também, então você verá os filhos todos problemáticos, a família toda cheia de separação. Quando eu optei por ter filho, tinha decidido que Tinha que ter filho porque eu conheço várias cientistas que nunca casaram e nunca tiveram filhos e hoje são pessoas altamente complicadas... Eram complicadas no seguinte sentido: ela só valoriza o lado profissional então tudo é o profissional, então ela cobra demais dos alunos, é uma pessoa rigorosa demais, porque o trabalho é 100% de domínio na cabeça da pessoa, aí quando olhava aquelas coisas, eu não quero ser assim, eu não quero só pensar em trabalho, eu quero curtir outras coisas da vida. Eu fiz a minha opção de ter filho sabendo que eu não ia querer ter uma família problemática. Ruth

Ruth afirma que a mulher solteira e sem filhos é a que tem chance de chegar ao topo da carreira. Esta condição é elaborada enquanto pressuposto para priorização da carreira. Para que o casamento e a(o)s filha(o)s não sejam empecilhos à ascensão na carreira, a mulher deve ter um marido que faça mais que um marido qualquer, alguém que assuma a estrutura familiar. Caso contrário, a família ficará desestruturada. Ela também afirma que as mulheres solteiras com maior chance de sucesso profissional são as mesmas descritas como complicadas por só pensarem em trabalho. A dedicação feminina à carreira exclui o

casamento e a maternidade e vice-versa, este mecanismo funciona como esferas que se ligam e da mesma forma se repelem. No entanto, em sua fala, as mulheres que escolhem a carreira são representadas como mulheres difíceis, complicadas e até com uma vida menos satisfatória conforme ela expressou ao dizer “vidinha” – vida no diminutivo. Os adjetivos usados para caracterizar as mulheres como complicadas não são usualmente conjugados no masculino para as mesmas condições. Os homens cientistas descritos no começo dessa fala que também só se dedicam à carreira não são pintados como complicados, ainda que tenham o foco apenas no trabalho, casados ou não, com filho(a)s ou não. Ela resolveu dedicar-se a alguns de seus outros interesses⁶⁶, mas para garantir que sua família não seja problemática teve que se sobrecarregar. Esta foi a solução encontrada para ser uma mulher completa e feliz, já que mulher dedicada apenas ao sucesso profissional é construída como uma mulher infeliz na vida pessoal.

Como já afirmei, a maioria das pesquisadoras que entrevistei é ou foi casada com outro pesquisador, geralmente também físico. O casamento entre profissionais da mesma área, a endogamia disciplinar, foi retratado enquanto ainda mais danoso ao exercício da profissão do que com profissionais de outras áreas. A história contada sobre Camille Claudel⁶⁷ é a minha inspiração aqui para pensar sobre o que foi relatado por algumas físicas sobre as consequências da endogamia disciplinar. Segundo o filme, Camille Claudel teve sua carreira de escultora impulsionada e também obscurecida por Rodin, seu amante. O filme mostra que durante um período de sua carreira, após iniciar o romance com Rodin, ela seguiu o trajeto artístico dele, ou seja, o seu percurso artístico foi adequado às escolhas profissionais do parceiro. Também é retratado que entre os dois havia uma relação de concorrência: uma disputa por reconhecimento e pela valorização do talento. O filme também apresenta que sobre a obra de Camille Claudel pairava a suspeita da autoria: atribuíam a Rodin o sucesso das esculturas dela. Proponho o possível efeito “*Camille Claudel*” na carreira científica das mulheres na física para o fenômeno da endogamia disciplinar: 1) ao que chamarei de “*carreiras encaixadas*”; 2) ao ofuscamento da mulher derivado do gênero; e 3) à relação de concorrência.

O primeiro efeito reflete o meio em que as profissões estão inseridas e remete à própria idéia de carreira enquanto competição. Nas falas acima, observei que o casamento pressupõe que, enquanto um(a) decola na carreira, a(o) outra(o) deve ficar responsável pela

⁶⁶ A afirmação de ter outros interesses além da ciência é recorrente nas falas das entrevistadas.

estrutura familiar. Neste momento, gostaria de me deter na estrutura familiar no sentido de funcionamento do casal e não apenas na criação da prole, esta foi uma ênfase muito dada nas entrevistas. O conceito de “carreiras encaixadas” trata do gerenciamento das escolhas profissionais adaptadas para favorecer a continuidade da relação do casal e/ou da família tradicionalmente configurada.

Foram inúmeros os depoimentos de mulheres que não terminaram o doutorado no exterior porque o marido já havia conseguido outra posição no país, ou que foram para tal país não porque era a melhor opção na sua área de conhecimento, mas porque o marido já havia conseguido uma posição para realizar o pós-doutorado lá, ou que não mudaram de cidade porque o marido já estava empregado, entre tantos outros relatos. Isso provocou: mudança de recorte temático, alteração de colaboradores, troca de lugar para realização de um estágio na carreira, desistência de uma oferta de trabalho ou de um trabalho em curso. Estas foram as conseqüências enumeradas para a manutenção do casamento e/ou da estrutura familiar. A concepção de “*carreiras encaixadas*” trata de rupturas e adequações feitas na carreira em benefício da união familiar. São relatos de um percurso feito a fim de que o casal continue junto: com um(a) abrindo mão das suas melhores opções profissionais pelo(a) outro(a). Trata-se do caminho percorrido por meio de janelas abertas onde as portas são fechadas pelo objetivo de “união familiar”. Refere-se a um trajeto possível, mas não à melhor opção de percurso profissional. Houve dois relatos sobre maridos que seguiram as esposas em suas opções profissionais e outros dois relatos de apoio em que houve um remanejamento acertado na vida do casal por um tempo, por exemplo, a entrevistada foi fazer o pós-doutorado no exterior com as crianças e o marido ficou no Brasil com visitas regulares à família no exterior.

Eu não teria conseguido conciliar meu casamento, meu marido e minha carreira. Eu conheço maridos que seguiram as esposas. Eu teria que fazer uma escolha: ou meu casamento ou minha carreira! No meu caso é isso mesmo. Neusa

E ainda:

Eu conheço mais de um caso, de pessoas que mudaram o jeito de gerenciar sua carreira porque ia terminar o casamento. Fez uma opção pelo casamento. É difícil de conciliar! Carreira acadêmica envolve viagens, envolve coisas que, às vezes, o casamento não está estruturado para apoiar isto. Neusa

⁶⁷ Relatada em um filme com o mesmo nome. Eis as informações técnicas sobre o filme: título no Brasil: Camille Claudel, título original: Camille Claudel, país de origem: França, ano: 1988, Diretor: Bruno Nuytten.

As mulheres são construídas em mães e esposas, pilares da família, pelas tecnologias de gênero. Teresa de Lauretis (1994), inspirada em Foucault, denomina tecnologias de gênero as várias formas de implante de gênero (como por exemplo: o cinema) e discursos institucionais (ex. as teorias científicas) como meios de controlar o campo do significado social e assim produzir, fabricar, implantar gênero. As tecnologias de gênero podem ser entendidas como engenharias de inscrição da diferença sexual na ordem do discurso. Tecnologias que fazem corpos e comportamentos, que definem posições e papéis. Desta forma, as mulheres são colocadas mais facilmente nesta posição de adequação, encaixadas na carreira do homem. Afinal, as posições de destaque exigem disponibilidade e dedicação total. Isto só é possível, sem que a aliança conjugal desmanche, se um(a) ceder em favor do(a) outro(a). É muito raro ver um casal em que as duas pessoas têm posições privilegiadas em suas profissões.⁶⁸

O segundo efeito “Camille Claudel” relatado é o ofuscamento que paira sobre as mulheres quando são casadas com cientistas da mesma área. Este ofuscamento é operado segundo o gênero. Há dúvida sobre qualquer sucesso ou progresso da esposa, ou seja, se conseguiu algo, se pensa que não é devido aos seus méritos, mas isso é atribuído de alguma forma ao marido. Segundo as entrevistadas, há mulheres em início de carreira que se casam com professores seniores e, em razão deste casamento com professores em posições privilegiadas, são vistas como “alpinistas” (palavra utilizada pelas entrevistadas). Esta união é interpretada como uma tentativa de subir rapidamente, “dar um salto” na carreira. Eis a fala de Neusa sobre a incontestabilidade de seu mérito:

O que importa mesmo é a qualidade daquilo que a gente faz, eu acho. No final das contas, pode todo mundo falar sobre mim como “aquela chata”, “ah porque não sei o que”, mas quando vai lá olhar meus trabalhos, quantas citações tenho, onde eu publico, o impacto que têm minhas publicações, vai falar o que? Eu tenho algum marido? Não. Porque isso é outra praga, tem muitos casais. Aí por mais que as pessoas tenham uma carreira independente uma da outra, ninguém diz ‘aquele marido está vivendo às custas da fama da mulher’, sempre o contrário. Não é verdade, às vezes, mas é um fato, as pessoas não conseguem separar. Por isso, também não é bom ter sempre colaboração com a mesma pessoa. Neusa

É interessante perceber que ela afirma que seu mérito científico (exemplificado pela

⁶⁸ Como, por exemplo, o casal Curie.

qualidade nas publicações, número de citações, etc) é inquestionável, pois este não pode ser atribuído a outra pessoa já que não tem um marido cientista. Ela se refere ao casamento heterossexual entre cientistas da física como uma praga: fato mais do que comum e ao mesmo tempo danoso. A suposição de que um marido físico pudesse obscurecer seus méritos não foi feita em relação a uma pergunta específica sobre isto, foi uma associação espontânea da entrevistada. No caso desta pesquisadora, ela se previne mesmo em relação ao principal colaborador, afirma ser importante publicar sozinha para garantir que este argumento não seja utilizado contra ela. Ouvi consideração semelhante de outra pesquisadora casada com um físico: ela se recusou a publicar qualquer artigo com ele para que não duvidassem do seu trabalho.

Outra pesquisadora, casada e colaboradora do marido físico, percebe a dificuldade que a imagem desta união pode trazer; eis um trecho da nossa conversa:

Sempre vêm os questionamentos pelo fato de eu ter trabalhado muitos anos com o Fulano, o Fulano é o meu grande co-autor, a gente discute as coisas em casa, a gente discute as coisas aqui no trabalho, a gente divide orientação de aluno porque a gente trabalha no mesmo tema, por exemplo, uma pessoa em uma banca falou pra mim: o que você fez sem o Fulano? Este tipo de coisa me deixava doente. Ruth

Fulano, no caso, é marido da pesquisadora, foi um dos seus orientadores de doutorado, caso que encontrei e que, apesar de espantoso, não é o único. O espanto advém da conduta ser considerada antiética por misturar as esferas: pessoal e profissional, conforme foi expressamente dito por uma delas. Ouvi relatos de pessoas se afastarem, por exemplo, da área de conhecimento de um membro próximo da família para que também não tenham seu sucesso atrelado a outro(a). O critério da “senioridade”, neste caso, opera junto com o de gênero, ou seja, o mérito pode ser automaticamente atribuído ao pesquisador(a) mais renomado(a) ou experiente.

Ruth conta em sua entrevista que a união com este professor sênior certamente abriu portas em sua carreira, por exemplo, de contatar físico(a)s importantes em âmbito internacional e estabelecer colaborações internacionais importantes muito cedo. Segundo ela, estes contatos internacionais não seriam estabelecidos tão cedo na carreira se não fosse pela influência do marido. Ela afirma que, quando é apresentada, é tratada como a “esposa de Fulano”, mas que com o decorrer do tempo ganha espaço e reconquista sua própria identidade. Assim, se portas são abertas pelo marido ao estabelecer contatos que só teria mais tarde na vida acadêmica, estas mesmas portas também estão emperradas porque a relação se

inicia com uma perda de identidade própria em função da sua condição de esposa. A posição de esposa não é apenas uma posição sem crédito porque o crédito é tributado ao marido, é também uma posição de débito porque seus méritos podem ser facilmente retirados, colocados sob suspeita, em função da relação com um marido físico, em especial se este estiver em um estágio avançado da carreira. A suspeita de estar à sombra do marido é um enfrentamento constante na vida de Ruth.

O terceiro efeito “*Camille Claudel*” é o da concorrência entre casais. Maria José relata que seu marido sempre oferecia as oportunidades de trabalho aos amigos dele e não à ela. Ela, como outras pesquisadoras, também relata ouvir de seu marido que ela está trabalhando demais sempre que traz trabalho para casa ou precisa dedicar-se ao trabalho no fim-de-semana. Segundo ela, o marido nunca considera que ele trabalha demais mesmo para as condições acima descritas e aplicadas a ela. Ela afirma ser a principal responsável pelas tarefas domésticas e pelo cuidado do(a) filho(a). Ainda que sejam atitudes que podem ser consideradas como automatizadas pelo costume, pelo que é considerado *sexismo automático*, há uma tentativa de boicote à carreira dela. Não há incentivo ou apoio à carreira dela, pelo contrário, há um desestímulo. Estas atitudes apontam para uma preferência pelo trabalho dos amigos ao dela, e também sinalizam para uma valorização do trabalho dele em relação ao dela uma vez que apenas o trabalho dele merece a dedicação de tempo extra (em casa, em horários não-formais de trabalho).

Também ouvi relatos de pessoas que contaram que um dos fatores, e em alguns casos, o motivo central para o término do casamento ou de outra relação duradoura foi a dedicação à carreira ou a ascensão alcançada dentro desta pela mulher, quando ela passa a ocupar uma posição profissional de maior prestígio e visibilidade que a do companheiro.

Tanto assim que naqueles cinco anos, eu realmente dei uma breçada na carreira, mas não adiantou, eu já estava muito demais na frente dele”. Betina: “E a senhora fez de propósito?” Johanna: “a breçada foi absolutamente proposital, só que não adiantou, acabamos nos separando, eu gostava muito dele, sofri muito. E depois disso: aí foi, agora vai (risos), agora vai! Já que não deu certo, agora vou cuidar da carreira. Johanna

Esta é a fala de uma pesquisadora que já possui muito prestígio em sua área. Ela contou ao longo da entrevista que tributa o término do casamento, em parte, ao excesso de trabalho. Na fala acima, ela assume ter dado uma desaceleração brusca na carreira para tentar dar continuidade a um relacionamento estável. Ela conta que o companheiro sofria

visivelmente por estar em uma posição considerada de menor prestígio: não ser físico, não ter o doutorado, entre outros. O exemplo que ela descreveu foi o desconforto dele quando foi homenageada e chamada para ser paraninfa de uma turma. Conforme afirma, a estratégia de desaceleração da carreira não foi suficiente para garantir a continuidade da relação, ela acredita que por estar “demais” na frente dele, ou seja, havia uma hierarquia invertida: ela, ao invés dele, havia alcançado uma posição profissional de destaque. Segundo ela, a brechada não foi suficiente para promover uma mínima equiparação. Quando o relacionamento acabou, já não havia mais obstáculo para dedicar-se plenamente à carreira, ou seja, a manutenção da relação amorosa não era mais um empecilho.

Ela explica, assim, o comportamento dele, teorizando sobre o comportamento masculino:

Então se a mulher está na mesma altura, eles acham que a mulher está acima, se a mulher está abaixo acham que está igual, a mulher tem que estar muito abaixo pra acharem que está abaixo, entende, porque eles são muito inseguros. Johanna

Parte desta reveladora fala se replicou de diferentes maneiras em alguns outros depoimentos das físicas. Falas que reportavam que para ser mulher, na relação afetiva, era necessário ser algo que elas não conseguiam ser e que representava dedicação exclusiva ao marido, maior submissão e aceitação de uma posição inferior como propõe a fala acima.

É difícil porque eu não posso imaginar minha vida de outro jeito. Também não sou uma pessoa que agüentaria ficar só sendo esposa. Não sei te dizer se foi a carreira ou se sou eu mesma. Marília

Por algum motivo que eu não entendo, eu achava que o ideal de mulher era tímida, boazinha, submissa. Só que isso, esta visão era totalmente teórica, eu nunca consegui ser nada disso. Alice

Nestes dois relatos estão as representações sociais do que seria a configuração de uma boa esposa, de uma boa mulher. Afinal, nas falas cotidianas, muitos maridos apresentam suas esposas como: Esta é minha mulher, Fulana. A apresentação de um marido como “este é meu homem”, se acontece, é rara. As identidades de mulher e esposa fundem-se: ser mulher e ser esposa são significados íntimos; a mulher é a esposa. Ser esposa aparece como um dos significados centrais do que é ser mulher. Estas duas falas apareceram no momento em que se falava de relacionamento afetivo. Há uma alusão a como deve ser uma esposa ideal, a mulher ideal como parte de um contrato, o contrato heterossexual ratificado pelo gênero, em que o

papel da mulher é inferior e de prestadora de serviço ao marido.⁶⁹

Maternidade: A Realização

Percebi que muitas das físicas entrevistadas também não fogem ao processo de subjetivação de constituir a maternidade como um dos valores centrais do feminino.

A melhor coisa que eu fiz, foi minhas filhas. Johanna

Eu não posso imaginar minha vida sem ela (filha dela). Blanka

Não troco minha filha por 1000 artigos, nem pelo Prêmio Nobel. Ruth

Estas declarações podem nos dar a dimensão do quanto o(a)s filho(a)s significam para as mães. Trata-se da posição central que o papel da maternidade assume na vida e na trajetória destas cientistas. A(o)s filho(a)s assumem uma importância que remete ao sentido da vida, ao melhor investimento feito, à melhor recompensa que uma mulher e cientista poderia ter. A última fala é especialmente significativa porque inicialmente a entrevistada estabelece uma relação de escolha entre a maternidade e a carreira científica e, em seguida, admite que sua escolha é sem dúvida o exercício da maternidade. Esta foi uma associação livre, já que não houve uma pergunta que poderia provocar esta resposta.

Tive duas entrevistadas que optaram por não ter filha(o)s em razão desta escolha não ser conciliável com suas carreiras e, em um dos casos, também com seu estilo de vida. Uma delas relata que no início a decisão era apenas adiar a maternidade, pois as amigas dela que tiveram filhos desistiram da carreira de física e ela queria prosseguir em sua profissão. Logo, decidiu adiar a maternidade em virtude de um momento mais adequado na carreira para ter filho(a)s. No entanto, ela conta que nunca chegou o momento em que considerasse adequado conciliar a carreira e a maternidade, escolheu, assim, não ter filha(o)s.

Ter e criar filho(a)s são significados construídos enquanto causas de uma desaceleração na carreira. Diante disto, muitas pesquisadoras relataram a necessidade de ser mãe após terem alcançado certa estabilidade na carreira, ou seja, após o doutorado ou o pós-doutorado. De toda forma, a maternidade conotada segunda suas afirmações é uma desaceleração na carreira em qualquer estágio. A escolha da maternidade após o doutorado pode representar apenas uma alternativa menos prejudicial à carreira. Uma das pesquisadoras contou que deixou de pedir a renovação da sua bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ) ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq por não haver

⁶⁹ Carole Pateman (1993) discute este tema.

publicado como deveria e elencou como um dos motivos a vivência da maternidade.

*As pessoas as quais me relacionei no passado, que se tornaram pessoas importantes, tenho vários exemplos, eram **caras** que trabalhavam no final de semana e oito, nove da noite ligavam para orientador, e ficavam ali, o tempo todo, sábado e domingo. Eles não tinham muita vida pessoal não. A vida da pessoa é aquilo. Tem exemplos de pessoas que conseguem ter uma vida, mas enfim, os vários exemplos que eu vi foram assim. Então, eu tenho consciência, não posso fazer isso, não posso me dedicar neste nível.” Betina: “E nem gostaria?” Victória: “Nem gostaria, eu acho bom você ter uma vida, acho importante. **Você é um ser completo**, você não é só física, **não sou só uma física**. Eu sou várias coisas, eu sou mãe de Fulana. Na classe de Fulana, não tenho nome, mas sou mãe de Fulana. Acho importante. Não vou ficar. Nem quero. Se isso vai fazer com que eu perca minha bolsa PQ, paciência! Eu estou nesta fase da vida. De repente, na hora que eu tiver com os meus filhos crescidos, com mais tranqüilidade, eu possa trabalhar no **final de semana** sem muito **remorso**. Agora não posso, agora eu tenho ir para parquinho com eles. Então, é uma opção minha. Victória*

Destaquei em negrito alguns termos importantes deste relato. Conforme venho afirmando, a ascensão na carreira tem sido representada como possível apenas por meio de uma dedicação exclusiva ao trabalho. A entrevistada reedita esta concepção de carreira. No entanto, chama a atenção ela ter dito que os exemplos que ela tem de pessoas que ganharam prestígio são homens, ao que ela se refere dizendo “caras”. É interessante notar que o referencial de sucesso que possui é masculino, de uma forma tida como masculina de agir, onde o único foco de interesse é o trabalho, já que a vida da pessoa se reduz a à prática da sua profissão. Também afirma que sua identidade não se resume em ser física, ela se percebe como um ser completo e não como uma pessoa de um lado só: o profissional. No entanto, não ser só profissional, não se dedicar intensamente a esta esfera pode corresponder a um prejuízo: a perda da sua bolsa de pesquisa já em uma fase considerada estável da carreira. Ela ainda afirma que talvez quando o(a)s filho(a)s cresçam ela possa trabalhar nos fins de semana sem remorso. Desta última afirmação, percebe-se mais uma vez que a ascensão na carreira passa pela dedicação ao trabalho, mesmo em períodos que deveriam ser de descanso ou lazer representados pelo fim de semana. Esta opção de trabalho aos fins de semana, quando possível, talvez não traga muito remorso, ou seja, o remorso estará presente de toda forma.

Johanna também conciliou carreira e maternidade com culpa:

Porque de fato, é muito difícil quando você tem filhos pequenos, é

uma opção terrível. Eu me sentia muito culpada de não ser presente, muito culpada. E por outro lado, é muito difícil você trabalhar direito e estar presente. Johanna

“A culpa é da mãe”, já diria o jargão popular. A culpa e o remorso foram sentimentos muitas vezes retratados nas falas das cientistas. Considero que as entrevistas que fiz foram feitas em uma relação de confiança. As entrevistadas, em sua maioria, se entregaram ao relato e também à análise de suas trajetórias de vida como mulheres e cientistas. Muitos momentos foram banhados a lágrimas ou ao som de risos. Algumas das lágrimas foram vertidas nas lembranças relacionadas à criação da(o)s filha(o)s, por exemplo, da mudança de localidade a que foram submetida(o)s em razão de um maior benefício na profissão da mãe; também as ausências foram mencionadas. Sobre a culpa materna eis a fala de Alice:

Se eu que fui criada sem a mãe em casa, sentia toda culpa por causa da sociedade, quando dizia assim: eu trabalho. “E com quem você deixa seus filhos?” “Deixo com a empregada.” – “Com a empregada! Você tem coragem?” Se eu sofri este tipo de pressão, imagina quem a mãe estava em casa. É o modelo de mulher que você tem. A minha impressão, e é uma coisa muito difícil de se mudar, é a imagem que a própria mulher tem dela. Alice

Este é o interessante relato de uma mulher pesquisadora que não teve o que poderia se considerar uma mãe tradicional, já que foi cuidada pela avó e pela tia, enquanto sua mãe exercia sua profissão. Ela conta que, mesmo não tendo o modelo de mãe tradicional, ela se sentiu pressionada a ser uma mãe conforme a norma social. O fato de deixar as crianças em prol do seu trabalho profissional era sinônimo de ser uma mãe desnaturada e esta imagem é introjetada como culpa.

A cobrança social de como deve agir uma mãe é um tipo de implante. Muitas vezes, elas admitiam, em seus relatos, que o que poderia levá-las a sentir culpa nunca foi um fator de infelicidade para o(a)s próprio(a)s filho(a)s. Por exemplo, as crianças de Johanna, que se culpava por trabalhar muito, tinham orgulho da mãe ser física e gostariam também de serem professoras.

Também encontrei no relato de algumas delas que a tarefa de cobrá-las a serem mães consideradas dedicadas vinha das outras mulheres, em geral, das suas próprias mães.

Para o padrão da minha irmã, das minhas tias: “Como esta criança de 3 anos passa 30 dias longe dos pais?” É um padrão exagerado. “Ela com 1 ano e passar dez dias fora”. Minha mãe ligava: “minha filha, como ela vai ficar?” Ruth

As mulheres mais próximas monitoram a atuação das outras na função materna. Também ouvi que as mesmas avós que cobravam uma postura mais dedicada aos filha(o)s, como na fala acima, também eram as que ofereciam apoio para que a filha pudesse, por exemplo, viajar: cuidando da criança para a filha.

Por outro lado, algumas mulheres apresentavam seus filho(a)s como investimentos de sucesso. Muitas entrevistadas não se apresentam apenas como boas cientistas, mas também como boas mães.

Os meus filhos seguiram esta carreira (ela cita as carreiras) porque eu sempre estive do lado. Inclusive a minha filha se você visse, ela tem habilidades matemáticas, ela tem habilidades computacionais mesmo [em outra área], eu passei isso para ela. Então, o conforto que eles tiveram, eu propicieei. Isto foi uma escolha. Marta

Nesta fala, a associação do sucesso dos filho(a)s ao seu desempenho como mãe está bem representada. As realizações do(a)s filha(o)s também são suas, os sucessos alcançados por ela(e)s são atribuídos ao que ela propiciou. Esta dedicação é significada enquanto escolha. Se de um lado, as mães e esposas ausentes são as razões para a existência de filhos problemáticos e famílias desestruturadas, por outro, as mães dedicadas são determinantes para o sucesso do(a)s filha(o)s.

Blanka afirmou que mulheres e homens entendem poder de forma diferente e trata, em parte, da realização alcançada pelas mães por meio de seu produto: filho(a). Eis sua fala:

O homem entende como “poder” ter a última palavra e decidir na prática e no concreto como as coisas vão ser do que lhe interessa, as coisas que ele considera válidas. Para a mulher o “poder”, em geral, significa mais o que ela consegue através dos entes queridos dela. Então, a mulher se realiza através do que os filhos conseguem, ela se realiza através do que o marido consegue, através do que os pais conseguem, esta é a realização. E precisa, de certa forma, ser assim, porque se a mulher não se doa, ela não tem como criar filhos e não tem como a humanidade continuar. Então, a mulher tem empatia com o outro, o homem não tem empatia com o outro. O homem está centrado em si: é o que ele quer, é o que ele acha, é o que vale. A mulher tem empatia, ela quer o desejo do outro. Blanka

Apesar da essencialização do que significa o poder para homens e mulheres, ela aponta a concepção de que parte importante da realização feminina se faz pelos resultados dos investimentos feitos no casamento e na maternidade, da sua dedicação para propiciar

conquistas aos filha(o)s e ao marido. Blanka afirma que esta função é uma exclusividade da mulher, papel do qual a humanidade não pode abrir mão com o risco de perecer.

Durante as entrevistas, tive dois relatos de pais chamados “pães”, expressão utilizada por elas, no sentido de expressar que seus maridos ocupavam um papel central na criação do(a)s filho(a)s. O exemplo dado, nos dois casos, foi explicar que quando os filhos choravam na escola ou à noite chamavam primeiro pelo pai. No entanto, estes foram relatos únicos. Nas falas de todas as outras entrevistadas mães, a maternidade – legitimada por um discurso formador da própria feminilidade - era tão central quanto um fardo a ser carregado.

Este ônus/bônus social está na contramão das exigências da atuação profissional e científica. Da maneira como a estrutura familiar e a estrutura profissional/científica estão montadas, não é possível conciliá-las, é necessário fazer escolhas. O que deve ser priorizado, neste período? As formas de arranjar esta escolha foram diversas: não ter filhos e/ou não voltar a casar, ter filhos após o doutorado, ter um filho por tese e dedicar-se à carreira com mais afinco após algum tempo do(a)s filha(o)s crescidos...

Algumas pesquisadoras atribuíram ao casamento e à maternidade não só a desaceleração na carreira, como também a razão pela qual algumas mulheres desistem da carreira de físicas. Eis a fala de Ruth:

Alunas que desistiram não, mas que você sabe que vão acabar e que não vão adiante, por quê? Porque não deram a virada quando deveriam. Já teve um filho durante o mestrado, durante o doutorado. Então, por exemplo, ela vai defender com um menor número de publicação que outra pessoa. A chance de conseguir bolsa de “posdoc” é mais difícil. Se consegue o “posdoc”, já tem que encarar todo o problema familiar, tem que ser na mesma cidade, não dá pra mudar de cidade porque o marido tem que acompanhar. Enquanto a mulher quando está sozinha, ela vai para onde ela quer, ela tem a bolsa e escolhe a área, ela escolhe o assunto, ela faz tudo. Se ela tem que conciliar com a profissão do marido, acaba que a pessoa muda de área. Não é assim: “ah, vou desistir de física.” É que ela não consegue a próxima bolsa, aí ela tem que se virar, aí começa a trabalhar num banco, começa a dar aula em segundo grau, começa a trabalhar numa coisa que não é da área, mas ela tem que se virar. Sempre dizendo assim: “Eu estou trabalhando com isto aqui enquanto eu peço outra bolsa.” Mas você sabe que não vai conseguir mais porque aquele tempo que ela ficou, ela não vai estar produzindo mais. Então a chance de voltar... Ruth

A pesquisadora não afirmou estritamente que as alunas desistem da carreira de física em função do casamento e do(a)s filho(a)s, mas exemplificou como estes fatores acarretam na

não-continuação da carreira, o que pode ser interpretado como uma forma de desistência. Os filha(o)s e o marido⁷⁰ são simbolizados como uma outra dedicação que as impede de se dedicar inteiramente à carreira como deveriam. A consequência desta ausência de “dedicação integral” foi apontada: a diminuição no número de publicações. Ruth também destaca as restrições impostas pelo casamento ao caracterizar o problema das “*carreiras encaixadas*”.

Uma outra entrevistada também apontou para uma outra possibilidade de visualizar a equação carreira e família:

É mais uma facilidade que a mulher tem porque a sociedade espera menos dela, mais do que propriamente uma pressão do ambiente de trabalho para que ela não suba. Não sei se isso no fim não dá no mesmo, mas vejo como diferente. Uma coisa é você não ter esta posição porque você é mulher, e a outra é a pessoa se valer do fato de ser mulher ao longo da sua carreira e depois ter feito menos no final das contas porque foi mais fácil. Ou uma coisa que também tem a ver com a mulher ter feito menos porque tinha os filhos ou porque queria satisfazer ao marido. Não é que a sociedade não embuta estas coisas, tudo isto são coisas sociais. Mas a única coisa que estou dizendo é que é menos uma discriminação contra a mulher por ser mulher do que o fato de que a mulher é sobrecarregada com tantas outras coisas, não se espera dela que ela chegue ao topo, se sacrifique tanto, de forma que ela pode cair fora com muito mais facilidade nas horas de pressão do que o homem poderia. A sociedade até incentiva ela faça isto: Para que você está fazendo isto? Você tem seus filhos. Este tipo de coisa: Para uma mulher você já está fazendo muito. Alice

Esta física associa a não-ascensão das mulheres na carreira de física não a qualquer discriminação contra as mulheres, mas aos próprios comportamentos das mulheres, comportamentos sociais fundados nas expectativas diferenciadas para cada um dos sexos. A condição de mulher é, aqui, novamente atribuída aos filhos e aos maridos, mas não é representada como sobrepeso, e sim como desculpa, isto é, como se as mulheres se valessem desta condição, e tirassem proveito dela ao usarem o casamento e a maternidade como justificativas amplamente aceitas para se dedicarem menos à carreira. Alice até afirma que a sociedade a incentiva a utilizar este tipo de argumento.

Outra pesquisadora me relatou que não existe cobrança nenhuma para que ela suba na carreira, ela afirma que para os homens a cobrança é muito maior. Ela exemplifica dizendo que nunca ninguém chegou para ela e perguntou: “quando você vai fazer livre-docência?”, conforme ela vê acontecer com seus colegas homens. Ela conta que para as mulheres se

⁷⁰ As entrevistadas se reportaram às suas relações heterossexuais em que a posição de parceiro é

comenta: “ah, ela acabou de ter filho...” Esta física, apesar de reconhecer o sobrepeso do casamento e do(a)s filha(o)s na sua carreira, afirma que, para ela continuar crescendo, a cobrança e o desejo devem vir dela mesma.

Os relatos acima remetem às expectativas sociais destinadas a cada um dos sexos. Parece aí vigorar plenamente as representações sociais *homem-provedor da casa* e *mulher-esposa-reprodutora a serviço da família*. Estas representações sociais medem o sucesso masculino por sua posição profissional, e o sucesso feminino enquanto “bem casada” e “boa mãe”. Alice, incentivada a se dedicar menos à carreira e mais aos filhos, e Ruth, jamais cobrada sobre sua ascensão profissional em comparação aos seus colegas homens.

Apesar de Christine Delphy (1970) ter caracterizado como exploração das mulheres as infindáveis tarefas relativas à manutenção do lar e a criação da prole, esta exploração, entre as entrevistadas, é relatada como parte do “ser mulher” e como um prazer. Estas são formas introjetadas desde cedo, até mesmo por meio de brincadeiras: de casinha, de bebê. Os brinquedos destinados às meninas vendem este papel de “dona-de-casa” e “mãe”. Estes brinquedos são tecnologias de gênero que fabricam um “ser mulher” na lógica da heteronormatividade.

Se, por um lado, este papel construído é tido como destino natural, também é um peso sobreposto em cima do fardo, maior ou menor, de qualquer trabalho constituído no capitalismo. Por outro lado, a constituição de outros interesses e prazeres como a família podem representar um escape ou uma menor imersão no sistema de mercado, que transforma a pessoa unicamente numa peça de um maquinário incessante. Como Victória afirmou, ela é um ser completo, ela é física dedicada ao trabalho, mas também é mãe. Ela conjuga outras identidades que não apenas de física e não gostaria de ser só física, de se dedicar somente ou quase integralmente à ciência.

Formas de Agir em Conflito

Como se não fosse suficiente o conflito entre as prioridades e os valores dispostos nos discursos da carreira e os da família, há toda uma forma de agir exigida dos cientistas, que não é esperada do comportamento feminino. Por meio da análise das falas, percebi que quanto mais posturas tidas como femininas as físicas tiverem, mais violenta seria a atuação do meio

preenchida pelo construído “sexo oposto”. Não houve menção às parcerias lesbianas.

sobre sua forma de ser e agir. O que me induz a considerar que o fato de você ser do sexo feminino pode ser até tolerável, desde que assuma uma postura masculina. O meio é masculino e exige uma postura masculina, conforme pode ser percebido no relato de Nise:

É uma luta que você tem que vencer. Porque, quando você é argüido, você tem que defender sua idéia, vamos dizer, até a morte, até o final. E você tem que ter argumentos para isto e não são os argumentos femininos. Você não pode chorar no meio do caminho, porque você não gostou da pergunta. Ao contrário, você tem que convencer a pessoa que está te fazendo a pergunta, por exemplo, se ela te coloca uma questão provando que você está errada, você tem que mostrar que ela está errada e você está certa. Com argumentos bem firmes de forma que você convença a pessoa. E isto a mulher não aprende, normalmente a gente abdica. E isto afeta a vida pessoal, já ouvi muitas vezes em casa: - você não está na universidade. Nise

Esta fala é rica pelas representações contidas. Alguns pontos abordados são recorrentes nas falas das outras entrevistadas, tais como: a dinâmica do meio científico. Esta dinâmica é representada como uma luta, um embate entre a(o)s integrantes. O seu modelo explicativo poderia ser apresentado como uma forma de troca de conhecimentos, uma cooperação, mas é construído como uma disputa mortal. A expressão “até a morte” sinaliza até que ponto uma idéia deve ser defendida enquanto a melhor. A partir desta concepção, é possível considerar que lugares plurais e de troca de idéias são exceções ou marginais no meio acadêmico. Também é interessante perceber que há uma forma de lutar e de se posicionar que, como Nise assinala, não é o que indica uma cartilha de comportamento feminino: chorar ou simplesmente abdicar da discussão é absolutamente fora de lugar. Por outro lado, como ela e outras físicas afirmam, este jeito bélico de se posicionar no ambiente da ciência não é bem visto em outros ambientes: como nas relações afetivas ou em nas reuniões de condomínio, entre outros exemplos dados.

A física, seja para homem seja para mulher, é um (incompreensível na transcrição), ninguém elogia nada para ninguém, todo mundo critica o que der e todo mundo é estrela. Todo mundo é estrela, ninguém diz: “muito bem”. Todo mundo lasca lenha, isso seja mulher, seja homem, seja cachorro, passou perto... É como funciona este tipo de mundo. Alice

O mundo da física retratado pela pesquisadora é extremamente violento, a única relação estabelecida, segundo a afirmação de Alice, é a de depreciação do trabalho do(a) outra(o) em busca do seu próprio estrelato. No caso, esta pesquisadora pensa que a violência é

estruturante do ambiente acadêmico da física e que incide sobre quaisquer de seus integrantes independente do gênero. Esta concepção ainda é enfatizada pela expressão “seja cachorro”, para afirmar que não importa quem participe deste mundo, será da mesma forma depreciada(o). No entanto, a agressividade é um valor associado ao gênero masculino, há mulheres e homens que, por suas histórias de vida, aproximam-se ou não de uma visão androcêntrica de mundo, mas é no processo de “tornar-se homem”, na socialização masculina, que se encontra a brutalização, a desensibilização – segundo aponta Rita Segato (2003). Logo, sendo o sistema estruturalmente violento, seus efeitos incidirão mais danosamente sobre sujeita(o)s que não se identificam com este jeito masculino de se comportar.

Tem que ser agressiva, e talvez o que falte de uma forma geral ou até que elas não estejam dispostas é ter este grau de agressividade que é uma condição necessária até para você conseguir fazer alguma coisa aqui dentro. Então, é ruim isso. Carolina

Duas expressões me chamaram a atenção: “condição necessária” e “fazer algo”. Interpreto-as como formas de dizer que esta postura masculina (combativa, agressiva...) é pré-requisito para atuar no mundo das ciências, sem a qual “não se faz nada”. É possível considerar que a agressividade não foi representada como um ingrediente adicional que poderia fazer um diferencial na carreira, esta postura foi representada como imprescindível, uma atitude sem a qual a atuação na física é praticamente inviabilizada.

A postura masculina e também científica, já que a ciência hegemônica está construída em termos masculinos, exigida das mulheres físicas, é incorporada de inúmeras maneiras. Pude perceber nitidamente que algumas mulheres, por conta de suas histórias de vida, que me encontro impedida de detalhar em razão do acordo feito antes das entrevistas, são feitas de muitas lutas e, para algumas, a maneira de lutar ensinada foi segundo parâmetros masculinos. Uma das pesquisadoras, por exemplo, contou-me que os pais lhe diziam, quando ainda era criança, que caso brigasse na rua e chegasse em casa chorando, ela apanharia novamente. São mulheres que foram formatadas em um processo de brutalização (masculinização) antes de chegarem ao ambiente acadêmico, e não tiveram tantos problemas para atuar neste modelo androcêntrico. Outras pesquisadoras, no entanto, educadas a enfrentar as dificuldades do mundo de uma maneira construída como feminina, caracterizada por qualidades tais como tranquilidade, docilidade, o “jeito”, e habilidade de contornar problemas sem confrontos, acreditam terem passado por um aprendizado forçado, sofreram e, ainda sofrem, com esta postura exigida.

O choro, que é uma atitude costumeiramente associada ao feminino, é absolutamente execrável no mundo profissional e, em especial, das ciências: física. O choro ainda é interpretado por muito(a)s como sinal de fragilidade, perda de controle, características permitidas e relacionadas ao feminino, mas abomináveis no mundo acadêmico. Durante a entrevista, uma das entrevistadas me pediu desculpas por haver chorado, outra disse que, se fosse em outro momento da vida, ela teria chorado porque se emocionou muito ao lembrar de alguns fatos.

Você não pode chorar no meio do caminho porque você não gostou da pergunta. Nise

Me desqualificou como se eu tivesse falando um monte de bobagem. Não sei, se eu fosse homem, se ele falaria, talvez falasse. Eu acho que falaria, não acho que é porque é uma mulher não. A diferença que talvez tenha é que eu conheço mulheres que se tivessem ouvido aquilo sairiam chorando dali. Eu chorar? Chorar, não choro não, eu atiro pedra. Neusa

Uma física me confidenciou ter chorado e ter sido incapaz de se defender quando acuada em debate científico mesmo tendo argumentos plausíveis. Para ela foi um dos marcos em sua vida para uma mudança de atitude. Ela acredita que seu adversário científico se utilizou deste recurso para neutralizá-la e deixá-la sem condições de debater. Esta física foi a mesma que admitiu ter se emocionado durante a nossa conversa, mas ter sido incapaz de demonstrar em lágrimas.

A arena científica está montada e as regras estão determinadas e são regras masculinas. O revide na forma masculina de “atirar pedras” é o caminho para adquirir respeito, legitimidade e mesmo uma regra de sobrevivência.

Eu falava para uma orientanda: falando deste jeito mansinho, bonitinho, você não vai para canto nenhum. Você tem que dar porrada. Quando entrar na sala, você que é a especialista, você que “manja”. Mas pra isso você tem estudar muito, “ralar” muito, você de fato tem que dominar o que faz... Se você for uma super competente, mas for de cristal, você está frita, porque o pessoal não quer saber, bate. Se você não revidar, a pessoa bate mais. Se você revida, a pessoa pára. Ruth

Esta fala reporta o processo de socialização no meio acadêmico nos quais os orientadores são os principais tutores. Ouvi que muito(a)s orientadores preparam seus pupilo(a)s para a forma de se apresentar e se comportar, algo que está cotado como tão

importante quanto o próprio teor do trabalho desenvolvido. No caso acima, Ruth orienta sua aluna a deixar de agir de uma maneira tida como feminina, ela tem que “dar porrada”, aliás, a expressão não poderia ser mais masculina.⁷¹ Esta expressão remete tanto à violência quanto à masculinidade, já que a palavra “porra(da)” está associada à experiência sexual masculina e pode ser reportada à proposta de análise de Catherine Mackinnon (1993). Para a autora, sexo é violência; ela cita as expressões utilizadas para abordar a sexualidade, como exemplo: a referência ao órgão sexual masculino enquanto espada (um artigo bélico).

Ruth afirma que não adianta ser apenas competente, se for facilmente atingível como um cristal, a pesquisadora estará destruída, ou seja, “frita”. O conselho dado é que revide para que a outra pessoa pare de “bater”. O pressuposto é que a agressão ocorrerá de toda forma, o que Ruth ensina é se defender atacando, ou seja, agredir para impor limites. “Passada por cima com um trator”, “ser metralhada” são as expressões utilizadas pelas entrevistadas para sinalizar as consequências de uma postura mais tímida, de uma fala hesitante.

Blanka, quando perguntada sobre a necessidade de uma postura mais agressiva em física, responde:

Exatamente, para que te ouçam, senão você é ignorada. O maior elogio que um cientista pode fazer para uma mulher cientista é “she is tough”. Em ciência, o jeitinho é a pior coisa que existe, ele é antiético. Blanka

Novamente, “ser dura” e “ser agressiva” aparecem como pré-requisitos para atuar na física; o preço de não ser assim ao qual Blanka se refere é de ser ignorada, isolada. Ela conta que não há melhor elogio para uma mulher cientista do que ser considerada “dura”. Ela utiliza a expressão em língua inglesa (*tough*) para expressar esta idéia. Um elogio destinado enfaticamente às mulheres, uma vez que ela poderia ter dito apenas cientista. A “dureza”, mais do que outras qualificações importantes para o(a)s cientistas tais como criatividade, genialidade, é considerada, além de uma característica pessoal necessária, a melhor qualidade para uma mulher cientista. Esta “dureza” é também uma característica facilmente associável ao masculino e, não por coincidência, segundo Blanka é a mais desejável para uma mulher cientista. O “jeitinho” é uma palavra textualmente associada ao feminino, é considerada a pior maneira de ser e atuar em ciências, é um comportamento tido contra a ética da ciência. Conforme afirmou em outro momento da entrevista, Blanka não considera ciências humanas como ciências, ela as denominou humanidades. Para ela, a área de humanas não possui o

⁷¹ Talvez apenas concorrendo com a expressão popular para medida de força “colocar o pau na mesa”.

mesmo rigor duro necessário às outras áreas como a física. Mesmo as áreas de conhecimento são organizadas segundo a hierarquia de gênero. Quanto mais próximas de uma cultura androcêntrica, mais prestigiadas.

Quando pergunto se a postura “dura” é algo aprendido no ambiente das ciências ou algo anterior a isto, ela responde:

Nunca fui dócil, este é o ponto, e me enerva as pessoas dóceis... Esta docilidade me horroriza e é por isso que pude ser cientista e pude seguir a carreira de cientista.

E também:

É péssimo para a ciência, você não avança em ciência se você não tiver rigor e o rigor não é dócil, jamais. O rigor está acima de docilidade ou agressividade, o rigor existe, ou você tem rigor e faz ciência, ou você é dócil e você não faz ciência. Todas as cientistas boazinhas são péssimas cientistas porque é incompatível com a lógica da ciência. Na lógica da ciência para começar você deve separar sua parte pessoal, sua pessoa não interessa. Isto a maioria das mulheres não conseguem fazer. Você tem que analisar o seu trabalho como se não fosse você que tivesse feito, tem que ter a capacidade de auto-crítica, tem que aceitar a crítica dos outros como a melhor coisa que pode vir deles, as mulheres não conseguem fazer isto. Elas levam tudo para o lado pessoal. É um terror! Blanka

Blanka afirma que o fato de nunca ter sido dócil foi fundamental para que ela pudesse seguir a carreira de cientista. Ela explica nesta fala que o rigor, requisito para avançar em ciência, se opõe à docilidade e afirma que todas as “cientistas boazinhas” não são capazes de realizar uma boa ciência. Leio “cientistas boazinhas” como pesquisadoras que se aproximam do modelo tido como feminino, como por exemplo, as dóceis. Estas não são aptas para atuar em ciências porque a ciência exige uma postura contrária. Não assumo que as mulheres são necessariamente dóceis ou que deveriam ser. Afirmando que o ideal de feminitude é construído a partir de valores tais como a docilidade. A lógica da ciência, em sua vertente hegemônica, exige o rigor que não é dócil enquanto a lógica da feminitude exige a docilidade. A todo o momento, cientista e mulher tornam-se contraposições em termos.

Blanka fala ainda sobre o que abordamos no começo deste capítulo: ser profissional é não ser pessoal. Agora, em uma nova vertente de significados: ser cientista (profissional) é apartar-se do seu trabalho, é realizar um trabalho sem que este seja parte daquilo que você é enquanto pesquisadora. A proposta, em última instância, assume que trabalho e autoria não

têm vínculo. Talvez a forma de resistir em um mundo minado por críticas seja esta separação construída entre pesquisador(a) e pesquisa. O que se fala a respeito do meu trabalho não diz necessariamente respeito a mim. Ao mesmo tempo parece contraditório, como disse outra pesquisadora, que onde “todo mundo é estrela”, isto é, um espaço habitado por pesquisadore(a)s ávida(o)s por reconhecimento e sucesso, se construa esta separação tão nítida proposta por Blanka.

Uma pesquisadora utilizou a seguinte frase para o processo de brutalização em sua socialização como cientista: “a gente vai, na verdade, se calejando”, ou seja, tornando-se insensível, endurecida. As mulheres físicas, que já não passaram por processos de endurecimento em suas histórias anteriores à vida profissional acadêmica, têm muitas dificuldades neste processo. Para estas, é uma maneira de ser aprendida “na marra”; para outras, que não estão dispostas a ceder a esta cultura, é um ônus à carreira.

Para você querer igualdade você tem que se comportar de uma forma igual. Alice

Eu não gostaria de ver a mulher masculinizada, atuando como um homem, deixando a sua natureza mulher de lado. Eu acho que tem que ser de forma que ela seja mulher e continue sendo mulher, e possa ser aceita nesta forma mesmo. Não ter que virar homem para ser aceita. Marília

Para algumas físicas, a equiparação de posições na carreira científica e profissional demanda por uma igualdade nos comportamentos, uma igualdade que, como vimos, possui um referencial masculino. Trata-se de uma inclusão por assimilação: pela qual para ser aceita é necessário ser igual, e onde qualquer diversidade é apagada ou simplesmente deixada à parte.

Sobre a possibilidade de atuar no ambiente acadêmico da física e não ser assimilada, Bertha relata:

Eu ensino para elas, vocês tem que ir lá e falar. Ninguém vai conhecer vocês se vocês não fizerem isso. É um pacote que não tem nada a ver com ciência, estou falando de habilidades que não têm a ver com a descoberta científica, mas está relacionado com ir bem na carreira. São duas coisas separadas. Ir bem na carreira requer treinamento e é um treinamento que eu passo para eles que eu preenchi assim como preencher um relatório, como escrever um artigo. A habilidade de escrever um artigo não é igual à habilidade de fazer ciência. A habilidade de fazer ciência é ter idéias e conseguir compreender estas idéias, mas tem uma parte importante do fazer ciência que é comunicar esta idéia, é fazer com que as pessoas saibam que esta

idéia é sua. Quando alguém achar que não foi você que teve esta idéia, ir lá e reclamar. Esta atitude um pouco mais agressiva precisa ser ensinada. Bertha: “e as mulheres por sua socialização saem perdendo muito nisso?” Bertha: “muito nisso.” Bertha: “tanto na hora de expor quanto na luta por seu espaço?” Bertha: “exatamente. Mas agora eu pergunto: nós temos que reproduzir exatamente este perfil masculino? Nisso eu discordo. Eu tenho que reproduzir, pois eu já estou imersa no meio e se eu quero ganhar e tenho que ser que nem eles, tão agressiva quanto eles. Mas o meu questionamento é que considero que para ser cientista, não é preciso ser assim. Para ser cientista você tem que ser bom, ser claro sobre suas idéias e tem que ser tranqüilo. Quer dizer, uma mulher poderia de uma maneira clara, tranqüila expor suas idéias.” Bertha: “você acha que ela seria ouvida?” Bertha: “não seria ouvida porque o meio está surdo, então precisa de gente como eu e tire cera do ouvido do meio e dizer: não é assim que precisa ser. Isto vai gerar um relaxamento tanto para homens quanto para mulheres. Têm muitos homens que não se sentem absolutamente confortáveis com este meio. E nós estamos perdendo bons cientistas porque a carreira científica... a gente exige qualificações que não tem nada a ver com ciência. Qualificações que são: gritar muito em um seminário, levantar a voz... É necessário ser pontual e assumir suas posições, mas não precisa dizer: ‘você não sabe nada’, não precisa ser assim. Considero que a forma feminina de liderar tem que ser incorporada ao meio. Como fazer isso? Vai ter muita luta porque o meio está acostumado com esta forma, está acostumado com grito, com interrupção quando alguém está falando, está acostumado com uma forma masculina de ser.” Bertha

Bertha nos conta sobre o treinamento que oferece às suas alunas para que vençam os obstáculos que ela admite que também ter sido obrigada a vencer. Estes obstáculos se referem à postura exigida de um(a) cientista. “Ser agressivo(a)” é dito novamente como postura necessária para “ir bem na carreira”. Ela também afirma que esta postura está separada da definição de um(a) bom/boa cientista; no entanto, Bertha admite que habilidades como agressividade atualmente estão relacionadas ao sucesso da carreira. Assim, são elementos separados, mas também, nos moldes atuais, considerados indissociáveis. Ela afirma que discorda que uma cientista tem que reproduzir este perfil masculino. No entanto, a pesquisadora admite ter que reproduzir o padrão masculino do meio, ser agressiva, para conquistar seu espaço. Este comportamento é necessário, segundo afirma, porque o meio está surdo para uma forma mais feminina de agir e, como pesquisadora já imersa no sistema, tem a tarefa de alertar aos colegas para: “tirar a cera do ouvido”. Ela explica que esta mudança do meio também é benéfica para muitos homens, já que muitos físicos também se sentem desconfortáveis com esta forma de comportamento. Ela considera que há uma perda de bons cientistas, pois estes não conseguem se dispor a atuar segundo esta forma agressiva. É

interessante pontuar que ainda que esta forma de agir seja associada à socialização masculina, muitos homens não se identificam com este formato, assim como também algumas mulheres podem, por terem sido socializadas diversamente de um modelo feminino, identificarem-se com este modo de atuar. No entanto, o que percebi na maior parte das suas falas é este processo ser retrato enquanto uma automutilação. Ilana Löwy (2000: 27) afirma o seguinte sobre as tentativas de inclusão no grupo de poder por assimilação:

Resumindo, toda tentativa de assimilação tem um preço: é preciso se livrar de uma parte importante de sua identidade de origem, portanto, se auto-violentar. Este processo de auto-mutilação deixa sempre cicatrizes. Por outro lado, qualquer biólogo sabe, as cicatrizes não são apenas visíveis, elas também produzem desvantagens: a acumulação de tecido cicatricial diminui a mobilidade. Um esforço de assimilação empreendido com o objetivo de adquirir uma liberdade maior pode, portanto, levar a uma restrição da liberdade. Assim, uma mulher que quer tornar-se “um homem de ciências” deve fazer um esforço suplementar de assimilação e de autotransformação.

Também para outras pesquisadoras há uma preocupação em ser cientista e agir de outra maneira, considerada feminina⁷², e ser assim mesmo legitimada. Há uma tentativa de resistir a um sistema normatizador que, aparentemente, só pode ser operado de forma masculina. Tanto se deixar calejar pelo processo de brutalização quanto resistir a este têm custos que não apenas se refletem no que é considerado ser a vida profissional, mas também na pessoal. Recebi relatos, por exemplo, sobre processos de depressão.

Se você não impõe na sua forma de falar, você é passada por cima como um trator. Eu não era assim, aprendi ao longo e agora estou fazendo uma volta às minhas habilidades anteriores. Isto é uma coisa que inclusive você passa para seu outro ambiente... Tenho trabalhado isso para deixar de ser assim. Marta

Esta é uma pesquisadora que enfatiza que ela não era agressiva antes de se tornar física; o processo de tornar-se física, na configuração padrão masculina, foi algo aprendido ao longo da carreira. Ela afirma que é uma postura aprendida no ambiente acadêmico, mas que ultrapassa este, transborda para outras relações e cenários. Atualmente ela afirma estar trabalhando para ter suas antigas habilidades de volta. Interpreto estas antigas habilidades como formas outras de agir que não seja por meio da agressividade, da voz autoritária, da

⁷² Ainda que este feminino tenha sido naturalizado na fala de Marília.

postura arrogante, do jeito incisivo⁷³ de se legitimar enquanto voz a ser ouvida, espaço a ser preservado, trabalho a ser reconhecido.

Se o discurso central do que é necessário e desejável para compor um(a) pesquisador(a) transita por um caminho que é marcadamente androcêntrico, o discurso constituidor do que é representado como uma “boa mulher” caminha na contramão. O discurso central da feminitude prega a docilidade, a diplomacia (o jeitinho) como formas de agir únicas das mulheres, estes mesmos predicados são considerados prejudiciais ao bom andamento da carreira. Neste conflito de mundos, há aquelas que, como vimos, reproduzem o discurso e defendem a boa ciência ainda que os parâmetros para esta sejam inteiramente masculinos, outras resistem e refletem sobre a possibilidade de outras formas de agir no meio científico.

Trajar-se: Do Ultraje à Armadura

Se “ser feminina”, no imaginário coletivo, é sinônimo de ser vaidosa, “ser cientista” é despojar-se do corpo em favor da mente. No entanto, o corpo feminino é um corpo marcado. Os corpos das mulheres são cárceres, contornos femininos aprisionados na economia simbólica de gênero.

A vestimenta não apenas traja, mas modela o corpo. A roupagem é inerente à pedagogia da diferença dos sexos: com peças, cores e detalhes destinados à utilização quase que exclusiva a cada um dos sexos. Esta tecnologia de gênero acentua as diferenças e serve como um sistema de identificação pela diferença. Neste sentido, o vestir carrega e forma os traços da identidade de gênero. Em meios majoritariamente masculinos, onde o corpo não é um elemento que deveria ser notado como no caso da profissão de cientista na física, as mulheres tendem a abandonar o modo feminino de se vestir e buscam formas neutras e até mesmo formas assexuadas de vestimenta, se é que isto é possível. Esta foi uma tendência encontrada nas físicas:

Acho que a professora tem que saber vestir, não dá para uma professora como eu que dou aula, que tem 60 alunos: 57 meninos e três meninas, não dá para se vestir que não seja como uma “mormon” literalmente. Acho que a questão de se vestir é importante e aqui as pessoas reparam. Se a mulher se veste mais assim é pejorativo. Graziela

⁷³ Todas palavras e expressões utilizadas pelas entrevistadas.

A forma adequada de se vestir para uma professora de física, em seu meio destacadamente masculino, como aponta pela contagem de alunas e alunos, é como uma mórmon, nome dado aos/às seguidore(a)s da igreja “Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias”. Esta menção religiosa a uma forma de apresentar-se remete ao modelo sóbrio e casto de vestir-se. Trata-se de uma estratégia de abolir, apagar o corpo. O apagamento do corpo feminino é também uma maneira de não ser desrespeitada pelo assédio. Como ela propõe em sua última frase, as mulheres são penalizadas por se vestirem mais femininamente, elas são malvistas. O assédio é, muitas vezes, interpretado como consequência punitiva por não se vestir adequadamente, ou melhor, por se vestir femininamente.

É aquilo que eu falo, você acaba tendo que se comportar da maneira masculina para não ficar destoando muito. Principalmente se você está em sala de aula, então você tem que se vestir de uma maneira mais... senão os alunos ficam olhando... eu não sei, eu sempre fui muito discreta também na minha maneira de vestir, mas acho que também por causa desta minha característica: “cientista de ser”. Eu acho que eu gostaria de ser um pouco mais solta, você acaba se moldando ao ambiente. Victória

Victória fala do processo de assimilação pelo qual as pesquisadoras são submetidas a fim de não serem penalizadas por estarem destoando do código masculino. A vestimenta é utilizada como armadura contra o desnudamento do olhar masculino. Esse olhar é treinado para objetificar o corpo feminino por meio de um desejo canibal que consome pessoas por suas partes: seios, bundas, pernas.⁷⁴

A defesa deste olhar é feita por muitas físicas pela construção de um corpo vestido segundo um molde masculino de forma que o corpo feminino esteja escondido. Se no discurso central da feminidade, principalmente em alguns meios, as mulheres são incentivadas a cuidarem do corpo e a enfatizarem seus contornos femininos por meio de trajes e acessórios como, por exemplo, alguns “soutiens” de enchimento que prometem aumentar e levantar os seios; nos relatos das pesquisadoras sobre as características “cientista de ser” aparece a recusa do corpo, uma recusa ainda mais evidente por se tratar de um corpo no feminino. A resistência a invisibilizar o corpo, as investidas em um jeito tido como mais feminino de vestir-se também aparecem nos relatos como formas de enfrentamento do discurso hegemônico, que exclui o corpo feminino da cientista.

⁷⁴ Sugiro a leitura do artigo de Hilan Bensusan (2004) sobre como nossos desejos são agenciados em um sistema heteropatriarcal e sobre como o desejo masculino pode ser esquetejante.

A pesquisadora se define enquanto uma pessoa discreta: discreta, no dicionário⁷⁵, é definida como reservada(o), como quem sabe guardar segredo, e também é associada à religiosidade. O segredo, neste caso, é o corpo feminino, que deve ser guardado, reservado a fim de preservar o papel de cientista. Victória identifica dois determinantes do processo de masculinização de sua forma de vestir: a necessidade de constituir-se como uma pessoa discreta e a pressão exercida pelo meio em sua modelação masculina. Ela expressa a vontade de ser mais solta, o que interpreto enquanto possibilidade de se vestir mais livremente. Esta liberdade a que se reporta é relativa a se vestir mais femininamente, uma vez que ela está aprisionada em uma maneira masculina de se apresentar.

Ao fazer o trabalho de campo, soube de uma pesquisadora que havia sido pejorativamente apelidada⁷⁶ em virtude de sua maneira de se trajar. Tive a oportunidade de encontrá-la e descobri que o apelido discriminativo se referia a sua não-adequada forma de vestir, assim interpretada pelos seus e suas colegas. Fiquei espantada ao verificar que a forma não-adequada se referia a meias-finas, sapato alto, maquiagem, cabelo arrumado, um colar de pérolas e vestido. A forma não-adequada era aquela que trazia símbolos costumeiramente ligados ao feminino. Além, é óbvio, de representar uma preocupação com o corpo quando a figura do cientista está muito associada a um distanciamento do corpo.

A pressão social para que esta pesquisadora resistente se vista de forma considerada adequada ao ambiente profissional da física é exercida tanto por homens quanto por mulheres. Esta violência assume sentido na configuração do ambiente público em um padrão dito universal que é sinônimo de masculino e da ciência em que os corpos são representados como desprovidos de importância. O próprio apelido é uma forma de puni-la por sua opção não-enquadrada de apresentar-se como um “ser cientista” ainda que seja uma forma incentivada na cultura feminina. Não bastaria a ela e as outras pesquisadoras na mesma situação ser uma física competente, ela teria que aparentar isto ao trajar-se em seu cotidiano.

Outra física me contou que tinha um amigo na graduação que disse que perguntaria à sua filha: “você quer ser bonita ou fazer física?” Estas piadas destinadas às mulheres eu já ouvi e li em trabalhos sobre outras profissões tidas como masculinas, como a engenharia,⁷⁷ por exemplo. O tom dado à “brincadeira” é que beleza e inteligência são excludentes. Esta imagem é associada às mulheres consideradas belas ou vaidosas, particularmente àquelas que se destacam por dar importância ao cuidado e à estética do corpo.

⁷⁵ Consulta em dicionário *online* <<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>>

⁷⁶ Preferi não revelar o apelido a fim de preservar a identidade da cientista em questão.

Considero a masculinização do modo de vestir das físicas permeada por três principais pontos: a negação do próprio corpo pela prática científica, a exclusão de atributos femininos da prática científica, a ocultação do corpo feminino como forma de proteção ou uma armadura frente à possibilidade do assédio ao maltrato.

A prática científica, em sua vertente hegemônica, é feita por sujeitos em terceira pessoa, seres incorpóreos que não se localizam em sua fala, não questionam sua presença enquanto pesquisadore(a)s e tratam o produto do trabalho científico como descoberta, isto é, como se o processo de elaboração de “verdades científicas” não fosse parte de uma construção social. O corpo é excluído desta lógica de sentidos que é enfatizada também pela construída dicotomia da mente e do corpo como esferas separadas e contrapostas. A presença e o cuidado do corpo parecem depor contra a valorização da mente.

Esta cultura científica é androcêntrica, como temos visto, e outras autoras⁷⁸ também mostraram o quanto os valores e as práticas femininas são desvalorizada(o)s, menosprezado(a)s: um exemplo disto é a exclusão do saber das parteiras com a institucionalização da ginecologia.⁷⁹ Ao adentrar no mundo das ciências, as mulheres são impelidas a rejeitarem suas formações originais femininas, ainda que estas formações⁸⁰ sejam variadas. O enquadramento, por exemplo, ao modo de trajar masculino: sóbrio, desprovido de muitos acessórios, o abandono das saias e vestidos,⁸¹ é uma tentativa de pertencimento à comunidade científica. Os traços construídos como femininos sofrem um processo de extirpação para serem melhor tolerados em um mundo no masculino. Esta extirpação é o que permite o trânsito mais fluido das físicas nos círculos acadêmicos.

A ocultação do corpo feminino pode ser significada como tentativa de livrar-se do cárcere imposto pelos contornos corporais femininos. É afastar-se do olhar masculino deglutidor, é poder ser mais que um corpo passível de esquartejamento, em outras palavras, é sair de cena como ser apropriável. É a tentativa de se estabelecer enquanto igual, de ser respeitada, e cortejada pelo seu trabalho intelectual e não pelos seus atributos corporais. O escondimento do corpo feminino por meio do processo da padronização masculina aparece como uma busca da cientista de não ser *a priori* deslegitimada por portá-lo.

⁷⁷ Na tese de doutorado de Carla Cabral: *O conhecimento dialogicamente situado: histórias de vida, valores humanistas e consciência crítica de professoras do Centro Tecnológico da UFSC* (2006).

⁷⁸ Como Sandra Harding (1996), Evelyn Fox Keller (1989), Londa Schiebinger (2001).

⁷⁹ Como mostra o trabalho de Fabíola Rodhen (2001).

⁸⁰ Como venho afirmando, as sujeitas são assujeitadas de diferentes maneiras tanto pelo discurso da feminidade quanto pelo do “ser cientista”.

Há mulheres que me dizem: ‘você não podia se vestir assim.’ Tinha que ser de calça comprida, camiseta. Eu não tenho medo do assédio. Eu sei tratar com ele. E as meninas me procuram, eu instruo, olha, mas elas dizem: ‘será que provoquei isso?’. Aquela culpa, certo? ‘Será que é porque eu estou vestindo isso?’ Bertha

Ser reduzida ao corpo pelo assédio sexual é o preço estipulado para quem não se enquadra no código de vestimenta ditado pelo ambiente profissional das ciências físicas. Bertha afirma que as alunas que a procuram em busca de conselho sentem culpa por terem sofrido assédio e elas procuram, muitas vezes, na configuração da roupa, a causa de terem “provocado” esta situação.⁸² Bertha é incentivada pelas colegas a mudar seu modo de vestir como se a forma como se traja⁸³ (em geral de saia e meia-fina) fosse um perigo, uma contravenção a ser punida.

O corpo feminino, e a sexualidade feminina são permeados por alguns discursos que falam tanto da sua passividade quanto da sua periculosidade. Estas imagens circulam da santidade à culpa pelo pecado original, entre marias e evas, de santas a bruxas.

Eu odeio ver mulheres tirando vantagem da sua condição de mulher. Odeio! Isto me deixa muito mal e gostaria que não acontecesse. Porque muitas vezes as mulheres usam sua condição de mulher para tirar vantagem e isso dá lugar para que depois sejam assediadas. Eu acho que na vida existe uma diferença fundamental entre o que é profissão e o que é vida privada, você vai evitar esta situação. Se você evita, tranqüilamente, você cancela este. Elza

Entendo a frase “tirando vantagem da sua condição de mulher” seguida pelo “isso dá lugar para que sejam assediadas” como se esta vantagem viesse da forma de apresentação do corpo feminino, em trajes e gestos, como se as mulheres se utilizassem desta corporalidade feminina para saírem na frente, terem a atenção dos homens e seu respeito. O comentário anterior induz a pensar que o trajar rigorosamente feminino só deva ser utilizado como artifício de sedução, em locais de paquera, por exemplo. Caso a cientista resolva apresentar-se muito feminina em espaço laboral, consolida um estado de caça e sedução incompatível com suas funções e com a imagem que deveria apresentar.

Não pretendo, contudo, afirmar que o discurso da sedução seja totalmente ausente em meios acadêmicos. Melhor é indagar como esta lógica heteronormativa poderia ser aplicada

⁸¹ Estas roupas em nossa cultura são consideradas tipicamente femininas.

⁸² Já li relatos sobre julgamentos de estupro em que a vítima é questionada sobre o que ela estava vestindo, como se devesse ser culpada pelo crime por um suposto incentivo ao desejo do estuprador.

⁸³ Bertha não é a mesma que tem o apelido pejorativo.

ao meio científico. Não acredito em esferas assim tão distintas, no entanto, a percepção que tive foi relacionada às tentativas das mulheres em esconder, se livrar de um corpo marcado, incômodo, pesado. Por outro lado, não parece totalmente descabido que a sexualidade seja invocada em relações de poder, o sexo e a sexualidade em sua heteronormatividade são as bases fortes nas quais são estabelecidas as relações de poder em nossa sociedade: relações familiares, escolares, de trabalho e profissionais, entre outras. O discurso construído para o feminino inclui uma tecnologia de transformar as mulheres em seres desejados, objeto de desejo, e não em seres desejanter, sujeitos de desejo. Uma parcela do poder atribuído às mulheres está na sua capacidade de provocar desejo, ou seja, apesar de não serem formatadas para desejar, a sua ação está em fazerem-se desejadas pelo outro. A pedagogia da feminitude segue o olhar constituidor masculino que cobra das mulheres beleza, simpatia, serenidade, mansidão entre outros. Portanto, não será muito difícil interpretar quaisquer ações das mulheres como um convite à sedução: um vestido, um jeito extrovertido, qualquer elemento pode ser invocado para colocá-la neste papel, um papel que é próprio da estrutura do feminino. A própria posição do feminino já está constituída enquanto algo a ser desejado, a ser apropriado. Neste sentido, o corpo feminino é um cárcere, para elas, e um troféu, para eles.

Conforme dito por Victória, algumas físicas buscam formas mais femininas de se vestir: fazem questão de usar maquiagem ou de usar vestido sempre que possível, mas estas estratégias foram relatadas como resistências ou tentativas de retomar sua feminidade. Algumas dentre elas perceberam e se ressentiram durante o processo de masculinização do vestir e agora buscam se maquiar ou utilizar outros acessórios ligados à exaltação da estética feminina.

Não pretendo fazer apoteose da moda, somente chamar a atenção para a incompatibilidade dos modos de apresentação do cientista e da mulher.

Política e Ciência

Ao longo destes últimos dez anos dirigi a minha força profissional de um lado que eu fique um pouco isenta do jogo que está acontecendo em volta porque realmente não vale a pena. Quando eu era menina eu sempre quis fazer carreira de cientista, eu achava que a ciência era um lugar imaculado que não existia jogo de interesses, eu achava que ciência não era negócio, carreira acadêmica não era negócio. Então, as pessoas se digladiam para serem professores titulares, diretores, chefes de departamento, representantes do Comitê Assessor para ter poder, isto não tem mais nada a ver com ciência... A questão toda é desmitificar, o cientista não é melhor que um dono de uma empresa porque ele faz a mesma coisa na política científica se ele tiver oportunidade. Porque todo mundo tem idéia de que o cientista é uma pessoa desinteressada, que dá a vida pela ciência. Não é verdade, ele dá a vida por si mesmo. Marta

Encontrei algumas pesquisadoras muito decepcionadas com os jogos políticos encenados na arena científica. Suas falas comparam o que acontece no ambiente acadêmico ao ambiente do senado⁸⁴ ou à máfia. O relato desta pesquisadora nos remete à desilusão pela qual passou ao longo da sua carreira. No caso dela, ela havia assumido uma das representações sociais centrais que se faz da ciência como meio onde o mérito prevalece, assim como o interesse coletivo pelo progresso. Também assumiu a representação social do cientista como alguém neutro, desinteressado, afastado da política por um abismo entre as esferas da política e da ciência. Ela expressa o grau de ingenuidade destas imagens, atribuindo-as à sua meninice quando sonhava em ser cientista. Hoje ela compara esta atividade com qualquer outra atividade imersa no capitalismo; ela compara a ciência a um negócio onde acordos são feitos com base no lucro pessoal. Marta preferiu se manter isolada desta luta pelo exercício do poder cujos troféus são cargos e posições: titularidades, direções, chefias de departamento, indicações para o CA (Comitê Assessor). Ao longo da entrevista, confessa não ter nenhum respeito pelo sistema da forma como o descreve, em que o mérito está à mercê das alianças políticas.

A chegada à posição de professor(a) titular⁸⁵ marcou a fala de muitas das entrevistadas. Muitas das que não haviam chegado a esta posição, quando perguntadas sobre

⁸⁴ Grande parte das entrevistas foi realizada de setembro a novembro de 2007, quando o escândalo de corrupção envolvendo o presidente do senado, Renan Calheiros, era amplamente noticiado.

⁸⁵ A chegada a professor titular se faz por meio de concursos públicos que acontecem ao longo de espaços grandes de tempo (às vezes de uma década) e a demanda excede em muito o número de vagas.

onde gostariam de chegar, afirmaram que almejavam alcançar a posição de “professora titular”. Outras colocaram que sua realização está na orientação de alunos, na publicação de artigos, na liderança de um laboratório... No entanto, a vontade de se tornar titular é recorrente em suas falas e grande parte das disputas de poder, conforme contaram, são realizadas em torno da chegada a este posto.

Uma entrevistada afirmou que nunca havia percebido qualquer dificuldade específica por ser mulher e cientista até ter tentado o concurso para titular. Outra física afirmou que, até a livre-docência⁸⁶, a carreira é relativamente fácil porque o fator político não é determinante. Segundo ela, para ser titular você tem que estar exposta, visível, disposta a fazer acordos. Outra física também explica que para ser titular não basta apenas a capacidade científica:

O problema é porque pra você ser titular não é só pra você ser boa, tem que tem que estar engajada politicamente. Não tem um único titular que não esteja engajado politicamente. Ruth

Contrariando a meritocracia pregada pela cultura científica, Ruth admite que não basta ser uma boa profissional para passar para um concurso de titular, o engajamento político é condição necessária para a ascensão profissional. Logo, ainda que haja o intuito de separar a esfera política da esfera da ciência, estas esferas têm emergido nos discursos das entrevistadas como intimamente imbricadas. Por mais que muitas pesquisadoras tenham dito expressamente que não têm interesse em cargos político-administrativos⁸⁷, por exemplo, de diretoria, o engajamento político aparece como pré-requisito para alcançar uma posição tida como importante na carreira científica.

Por mais que a política científica, em seu sentido literal, não seja de interesse da maioria das pesquisadoras, esta influencia diariamente no cotidiano de suas vidas como pesquisadoras, por exemplo, na má-gestão de um laboratório ou mesmo na ascensão a posições: como de titular, no recebimento e enquadramento de nível de bolsa de pesquisador do CNPq, entre outros. Blanka nos explica como funcionam os critérios de julgamento conjugados ao fator político:

Existem critérios externos que são aparentemente muito objetivos. Agora é óbvio que o que vale mesmo são critérios não-explicitados, subjetivos e que envolvem relações de poder violentíssimas, então tem máfia... A diferença é que em ciência a máfia nunca é desvinculada do

⁸⁶ Em algumas instituições, estágio anterior ao concurso de titular.

⁸⁷ Este desinteresse em cargos administrativos se expressa para algumas cientistas como um elemento de subtração do tempo de dedicação à pesquisa.

conteúdo... Nunca o cara só vai proteger o amigo ou só ser sacana com os inimigos como é na política, por exemplo. Você tem que seguir os critérios, mas a maneira de julgamento sempre acaba tendo um momento que a sua parte subjetiva aparece. Você pode ter boa vontade com determinada linha ou com determinada pessoa, com determinado país e má-vontade com outra linha, com outras pessoas e com outros países. Blanka

Blanka descreve os jogos de poder do meio acadêmico como “violentíssimos” e os compara aos ocorridos em uma máfia. Porém, faz a ressalva que, em ciência, os mecanismos de “proteção dos amigos” nunca são desvinculados do mérito. Também é interessante notar que se refere a atores masculinos nos jogos de poder ao dizer “cara”. A vinculação de capacidade técnica com o fator político também aparece na fala de Alice:

Em instituições decentes e respeitáveis, eu não creio que a influência política inverta os papéis, faça um ignorante ter um posto que uma extremamente pessoa brilhante com um currículo lindo queria ter e não teve. O problema é que, e isso aconteceu comigo, os currículos são equivalentes. Equivalentes no seguinte sentido: o que você vai dar mais peso? O currículo de uma pessoa que tem uma carreira inteira e chega a titular é totalmente comparável. Então a decisão política que se dá na escolha da banca não é nada ultrajante. O que você dá mais ênfase? Você dá mais ênfase à argumentação, a número de publicações, à qualidade, a cargos políticos. Ninguém que nunca publicou nada, que não fez nada, vai prestar um concurso de titular. Então, o que acontece é que as regras mudam um pouquinho. Alice

Pelas falas, a política opera como formatadora e flexibilizadora das regras de acordo com o jogo em andamento: os critérios de julgamento ditos objetivos, como os quantitativos (número de publicações...), têm maior ou menor ênfase de acordo com o interesse do grupo em poder, a preferência por determinada linha de pesquisa, entre outras prioridades estabelecidas pelas pautas políticas do grupo no poder. A política, neste caso, aplica critérios, arbitrários ou não, plenamente explícitos nos editais para concurso que muitas vezes têm como objetivo favorecer alguns e algumas candidato(a)s e excluir outra(o)s. Algumas entrevistadas enfatizaram que a formação da banca examinadora já indica os possíveis aprovado(a)s em um concurso. Uma pesquisadora afirma só ter passado em um concurso porque os “candidato(a)s pré-aprovado(a)s” não puderam comparecer nas provas devido a um imprevisto.

Há diferentes posicionamentos sobre se o que prevalece é o mérito científico ou o fator político. Nas falas abaixo, o fator político é mais relevante que o mérito:

Hoje em dia, a política está sendo mais importante do que o próprio mérito. Johanna

E ainda:

Sempre teve, sempre teve, só que não era tanto como agora. Agora esta coisa da política tomou conta da vida nacional, o que está no senado está no instituto de física, entende? Em escala menor, infelizmente! Johanna

Os depoimentos apontam para o fato de que a dimensão política define-se hoje, na ciência, em sua pior acepção: a corrupção, a sujeira, a injustiça, o clientelismo, o favor aos amigos e aliados. A política no campo das ciências aqui tratada pode se referir a dois pontos: 1) a política teórica: a escolha de um tema, agrupamento de cientistas em torno de uma problemática; ou 2) a formação de grupos, em geral, em rede por onde circulam benefícios. É importante destacar que a política, hoje em dia, faz menos referência a convicções teórico-ideológicas que a formação de grupos de pessoas para a concentração de recursos entre seus membros – verdadeiros “aparelhos” que atuam no interior de todas as instituições da nação, reduzindo sua capacidade operativa propriamente democrática (Segato, 2007).

Algumas professoras relataram que este caráter político no meio científico, da forma clientelista retratada, é característica do Brasil e de alguns países da América Latina. Seria esta dimensão política peculiar a países colonizados ou esta assumiria proporções ampliadas nestes locais? As questões permanecem para futura reflexão.

Segundo a visão de Johanna e outras pesquisadoras, os fatores políticos driblam o mérito. Enquanto algumas entrevistadas creditam ao fator político o diferencial para algumas posições, outras pesquisadoras consideram que este é o principal elemento. Enquanto as primeiras pensam que um(a) candidata(o) será escolhido(a) porque o fator político fará a diferença entre perfis semelhantes, as segundas consideram que os ingredientes políticos poderão aprovar pessoas com menor capacidade técnica. Em ambas as posições, como diferencial ou como primordial, o fator político está presente e influencia diretamente para a chegada a posições prestigiadas da carreira. Alice, pesquisadora de destaque em sua área, conclui que o fator político foi um dos elementos que a prejudicou na sua trajetória acadêmica:

O que, aliás, foi outra coisa que me impediu um pouco de subir na carreira foi que eu mantive sempre esta independência de pensamento. Obviamente política universitária sempre há, eu sempre fui uma pessoa não-alinhada, o que certamente prejudica a carreira, o que não significa que seja mulher ou não.

E ainda:

Você sabe as regras do jogo, se você quer ser independente e manter uma posição que seja totalmente sua e não fazer conchavo, você paga um preço, você sabe disto desde o começo, homem ou mulher ou qualquer um. Alice

Sua autonomia de pensamento e sua postura não-alinhada são significadas pela pesquisadora como um preço a ser pago, como a penalidade de haver quebrado as regras do jogo. A penalidade aplicada foi o não-acesso a alguns últimos degraus na carreira científica. A política surge aqui como o diferencial responsável para a escalada final na carreira, últimos degraus construídos aos quais poucas têm alcançado. Os últimos degraus construídos podem ser considerados: os postos de “professora titular”, “membras” da Academia Brasileira de Ciência, titulares de bolsas 1A e 1B do CNPq, entre outros. Estas posições são medidas construídas de reconhecimento inacessíveis sem o fator político.

Em 2007, quando o trabalho de campo foi realizado, não havia nenhuma professora titular de Física na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Estes cargos eram apenas ocupados por pesquisadores do sexo masculino. Em Dezembro em 2007, fiz uma pesquisa no *site* Academia Brasileira de Ciências sobre as acadêmicas, em todas categorias; elas representam aproximadamente 11% do(a)s membro(a)s (são 69 pesquisadoras em um total de 623). Na área de Ciências Físicas, são seis mulheres em um total de 101 cientistas, ou seja, 5,9%.

O mérito, conforme dito pelo discurso central da ciência, parece ser evidente por si só, é representado como algo objetivo e palpável, como se não fosse avaliado por seres concretos e posicionados. Por mais universalizáveis que sejam os critérios de avaliação (número de publicações, número de citações, impacto das revistas publicadas, entre outros) estes são apropriados de formas diversas de acordo com quem avalia e seus interesses por promover determinados grupos e redes. Apesar de certo consenso entre os pares, há uma concorrência ferrenha entre grupos e linhas de pesquisa que podem determinar a preferência por um ou outro critério. Não há uma lente capaz de identificar o mérito puro e simples como parâmetro válido para todo(a)s. O mérito é político na medida em que é feito por pessoas socialmente constituídas e alianças de interesses.

A concepção de campo científico é explicada por Pierre Bourdieu (1983) como um campo de luta concorrencial, onde o que está em jogo é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social. O autor afirma que “os dominantes são aqueles que conseguem impor uma definição de ciência

segundo a qual a realização mais perfeita consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são e fazem” (Bourdieu, 1983: 128). Os grupos que estão no poder são os que representam e determinam o que é a boa ciência e os seus critérios. Estes grupos, até pela história de exclusão das mulheres nas ciências, são majoritariamente masculinos e seguem critérios importados, já que se trata de saberes que trazem sua marca de origem eurocêntrica. É possível falar também de uma política de gênero nas ciências, onde a rede de alianças é a rede dos homens que fazem ciência.

Ruth Hubbard (1988: 22) afirma que a ciência é produzida em “torres de marfim”. Esta metáfora é adotada para enfatizar que o grupo representativo nas ciências são homens, brancos e de elite. Ela aponta que a classe trabalhadora e média baixa estão numericamente bem representadas no sistema científico em postos como de técnico(a)s, secretarias, pessoal da limpeza. Ela considera que o sistema se reproduz pelo que chama de “aprovação por semelhança”, em que este grupo se auto-perpetua e se auto-reflete.⁸⁸

No meio acadêmico são medidas de capital científico: o local de formação e produção de conhecimento (universidade, região, país), área de conhecimento, linhas de pesquisa, pesquisa com colaboradora(e)s reconhecida(o)s (em geral, estrangeiro(a)s), orientador(a) de destaque, entre outros. Assim, as escolhas: de uma universidade, de uma linha de pesquisa, de um grupo de pesquisa, de um(a) orientador(a) representam diferentes capitais científicos. Eis a fala de Blanka sobre os diferentes tipos de capital científico:

É muito difícil para os países em desenvolvimento terem, não apenas porque realmente o conteúdo não consegue chegar no mesmo conteúdo deles, mas porque as relações de poder não permitem. Você começa olhar que quem fez doutorado fora adquire estas relações e todo mundo sabe: fulano fez doutorado com ciclano, então você herda o poder do teu orientador. Então tem linha aqui no Brasil de gente que foi formada nos EUA, linha de gente que foi formada na França...
Blanka

Blanka fala de como o saber científico é um saber pautado por regras e direcionamentos eurocêntricos. Logo, a própria formação no exterior e a colaboração com pesquisadora(e)s estrangeiro(a)s são componentes valiosos do capital científico. Os grupos em poder são os que estão com o maior capital científico: a autoridade científica. Este capital científico traz outros capitais como recursos financeiros, convite para proferir palestras, prêmios, entre outros.

O sistema de capital científico funciona em um círculo vicioso tanto para os mais empoderados quanto para os menos capitalizados: no caso as pesquisadoras mulheres⁸⁹. Assim como o sistema atua para dar mais a quem já tem reconhecimento científico, este também atua para retirar do(a)s que menos têm. Este fenômeno foi denominado “Efeito Matilda”⁹⁰ por Margaret Rossiter (1993), inspirada no “efeito Mateus” de Robert Merton. Este autor, pautado na frase bíblica de Mateus (13:12): “aos que têm será acrescentado e aos que não têm será tirado”, aborda esta dinâmica do capital científico, também apontado por Pierre Bourdieu (1983) com outras palavras. Capital atrai capital, e a acumulação de capital científico é o parâmetro para uma carreira científica considerada de sucesso. Enquanto o conceito mertoniano “efeito Mateus” é principalmente utilizado em relação aos mais capitalizada(o)s, ou seja, em relação à primeira parte da frase bíblica, Margaret Rossiter enfatiza a segunda parte deste mecanismo de retirada de capital científico da(o)s menos capitalizadas, no caso, as mulheres. A autora nos oferece vários exemplos de mulheres obscurecidas por seus colaboradores homens, por exemplo, a física Lise Meitner ou a própria Harriet Zuckerman, assistente e esposa de Robert Merton.

As mulheres estão localizadas em um sistema operado pelo gênero e já chegam com um saldo negativo de capital científico onde os débitos são específicos do feminino: representações sociais sobre mulher e cientista, atuação em um meio androcêntrico da profissão pesquisador(a) em física, deslegitimação pelos *sexismos automático e instrumental*, entre tantos outros fatores. Apesar de Alice afirmar que as regras do jogo são para qualquer pessoa, seja homem ou mulher, a classe das jogadoras mulheres inicia a partida em desvantagem.

A classe dos homens historicamente detém maior capital político científico, uma vez que as mulheres e seus saberes foram excluída(o)s com o processo de institucionalização da ciência. Assim, a arena científica tem jogado com regras masculinas onde os atores principais são homens, em times de homens. A referência do “Clube do Bolinha” para alguns destes espaços acadêmicos é constante:

⁸⁸ Para uma análise sobre a produção do conhecimento científico operado por uma divisão classista do trabalho, indico o capítulo 3 de Sandra Harding (1996).

⁸⁹ Além de recorte de gênero, há outros recortes que atuam em conjunto: geração, localidade, classe, raça... Assim, as mulheres negras do norte do Brasil, por exemplo, podem ser consideradas menos capitalizadas que as mulheres brancas de São Paulo.

Eu acho que isto é praticamente o clube da bolinha, não é por conta que não haja mulheres, a indicação se faz em função por amizade...
Graziela

E ainda:

A ascensão se faz atrás de acordos e existe uma política atrás de toda ascensão. Esta política está comandada pelo gênero masculino, é difícil o gênero feminino conseguir quebrar barreira. Este é o ponto.
Graziela

Eu acho que tem também este clube do bolinha. Tem esta coisa de os homens são melhores. Só por ser homem ele já é melhor. Maria José

Tem uma coisa que eu não sou, eu não estou na Academia Brasileira de Ciências. Isso é outro clube do bolinha, entende? Pelo menos, não sei quantas físicas tem lá, mas sei que são poucas. Johanna

Se você está na posição de você indicar, quem é que vai colocar no comitê? Alguma pessoa que é contestadora, alguém que vai te dar dor de cabeça, que não vai querer aceitar certas coisas e não sei o que? Eu acho que as mulheres, em geral, são contestadoras, vão querer também colocar suas idéias, simplesmente ignoram a presença, se não querem “arranjar encrenca” não colocam, entendeu? Agora por outro lado também, você vê se o clube do bolinha quando precisa de mão-de-obra eficiente, e quem realmente dê duro para por as coisas no lugar, organizar, pode até pegar uma mulher, por ai... Esta é a pequena porcentagem que você, às vezes, acha, encontra, é devido a isto. Elza

Quais são os significados atribuídos ao “Clube do Bolinha”? Esta expressão é, geralmente, empregada a qualquer associação feita entre seus membros cujo ingresso necessário é pertencer ao sexo masculino. O pertencimento ao sexo masculino não garante por si só a entrada no clube, mas é um pré-requisito indispensável. Desta forma, as mulheres estariam excluídas inescapavelmente. Os Comitês de Assessoramento, a Academia Brasileira de Ciências são alguns dos exemplos dados pelas pesquisadoras para ilustrar o “Clube do Bolinha”.

Em suas falas, Maria José e Elza percebem o mecanismo de gênero passível de ser operado no funcionamento destes “Clubes do Bolinha”. Maria José fala da posição de prestígio ocupada pelos homens apenas por pertencerem ao sexo masculino. Elza afirma que a pequena porcentagem de mulheres vista excepcionalmente nestes clubes acata uma hierarquia

⁹⁰ É o caso como visto em um dos efeitos a que chamei de “Camille Claudel”, em que os sucessos das mulheres podem ser atribuídos aos seus maridos ou principais colaboradores do sexo masculino.

e sua presença é funcional e relacionada ao trabalho grosso que ninguém quer fazer. Elas nos apresentam suas percepções e vivências que correspondem à sistemática de um mundo hierarquizado pelo gênero.

Graziela fala que as indicações feitas para a representação no comitê de assessoramento são feitas em função da amizade. Esta fala me remeteu a dois relatos. Um, de uma pesquisadora, Sonja, que foi fazer o doutorado no exterior, já era casada com físico e era mãe. Ela conta que, na época da escrita da sua tese, seu orientador sugeriu que ela ficasse nos intervalos, participasse dos cafés, pois nesta interação com os colegas poderiam surgir idéias e sugestões para seu trabalho. Ela disse que como a principal encarregada da(o)s filhos e da casa, não tinha tempo de freqüentar estes momentos, ou seja, ela afirmou estar privada de tempo para realizar estes contatos que poderiam talvez resultar em convites profissionais, colaborações, etc.

Outra pesquisadora contou da sua dificuldade em preservar a maior parte de suas amigadas com mulheres da física. Eis a sua fala:

Porque os homens e as mulheres se relacionam diferente, os homens tem os clubes do bolinha e vão jogar futebol, os homens saem em bando... Acho as mulheres mais individualistas, não sei. Eu, por exemplo, tive várias amigas de graduação e de mestrado, e hoje em dia, eu tenho duas com quem me correspondo. Eu tenho amigos homens, vários, com quem me correspondo, mas mulheres, não sei, elas acabam cada uma ficando no seu mundo, é estranho, num sei, é um dado... na física, as mulheres bem assim, elas já passaram, elas estão mais amarguradas mais duras, eu acho, por causa desta questão. De estar sempre numa turma muito masculina, de ter que se mostrar talentosa⁹¹, apesar de ser mulher, tem que se mostrar talentosa, elas acabam ficando mais duras, eu acho. Eu não sei explicar, eu me pergunto várias vezes: Por que? Tive várias ai que no final do mestrado e doutorado que começaram a se enfiar em Prozac e coisas assim. É uma realidade terrível, terrível para gente. Vários exemplos, vários... Victória

Victória lamenta esta perda de contato com outras mulheres físicas e explica o fato pela estrutura cultural em que os homens são incentivados a permanecerem em grupo. O exemplo dado se refere ao campo do lazer, afinal, são muitas atividades em que grupos de homens se encontram: futebol, pescaria, entre outros. Atualmente, estas atividades começam

⁹¹ Este mecanismo de “fazer mais” para ser aceita foi explicitado por Lucia Tosi como efeito “Lewis Carroll”: “Precisa-se de todo o esforço para ficar no mesmo lugar; mas se você quiser atingir uma outra posição, precisa correr pelo menos duas vezes mais depressa”. Citada em Nádia Lima et alli (2003: 70).

mais comumente a serem praticadas por mulheres como espaço de diversão e encontro. Também aparecem nesta fala as conseqüências de um mundo violento para o feminino: depressão, amargura...

Rosa Lombardi (2006) relata, ao fazer sua pesquisa sobre as carreiras das engenheiras, que as carreiras masculinas seguem um fluxo linear e os convites para chefia e cargos de comando aparecem como comuns à própria trajetória e como parte do contato social com colegas, enquanto as carreiras femininas sofrem períodos de maior estagnação. O recebimento de um convite para ocupar uma posição de liderança é relatado pelas engenheiras como algo excepcional, um grande voto de confiança.

A própria condição das mulheres imposta pelo gênero não permite que elas tenham a mesma facilidade de compor amizades ou alianças com homens, seja pelo tempo de dedicação que isto exige já que são as principais responsáveis pela estrutura familiar, seja pela divisão de espaço de lazer, seja pela própria estrutura do gênero que as desqualifica como possíveis parceiras.

Sobre esta não-associação das mulheres como um fator cultural que permeia a sociedade como um todo, eis a fala de Bertha:

A sociedade fora do ambiente acadêmico eu acho que este tipo comportamento do clube do bolinha dos homens e as mulheres não terem o equivalente é comum em todos, em qualquer outro nicho que você pegar, em qualquer outra sociedade que você pegar. As mulheres têm isso, as mulheres se unem em algumas situações, as que são mães de filhos pequenos, mas esta aliança, esta fidelidade que os homens aparentemente mostram uns aos outros no ambiente profissional, não é uma característica das mulheres, infelizmente não é assim, pelo contrário. Bertha

Além de perceber nitidamente o “clube do bolinha” como uma instituição masculina encravada na nossa cultura, ela relata a impossibilidade, ainda que de forma essencializada, da cooperação entre mulheres. O número pequeno de relatos que ouvi sobre associação feminina foi sobre a formação de uma cooperativa entre mães bolsistas para o cuidado dos filhos, outra estratégia utilizada para conciliar carreira científica e maternidade. Poucas entrevistadas relataram a convivência entre elas, e poucos foram os depoimentos sobre as associações políticas entre mulheres.

A maior parte das cientistas que entrevistei considera que vem trilhando um caminho isolado. Este caminho isolado não permite que tenham a ascensão ou o mesmo ritmo de ascensão que os colegas homens associados em grupos. É certo que dentro e entre os grupos há uma hierarquia com capitais científicos desigualmente distribuídos. Blanka fala desta

dinâmica dos grupos quando perguntada sobre a possibilidade de agrupamentos políticos entre mulheres:

Difícil, mas é difícil porque como a mulher está sempre na dependência do homem entre se associar a uma mulher ou a um homem que vai ajudá-la, a tentação é muito forte de se associar a um homem que vai ajudá-la. Então, se formam estes conluícos femininos enquanto a cabeça é uma mulher que está ajudando mulheres aí acaba existindo esta possibilidade, mas sempre a mulher vai preferir ter esta associação com um homem do que estar segregada em um grupo só feminino. Blanka

Acredito que a fala de Blanka, além de demonstrar a forma como o *sexismo automático* molda o comportamento das mulheres ao atribuir a outras mulheres menos preferência em estabelecer alianças políticas e científicas, também tem o fator estratégico porque são os grupos masculinos que, pelo caráter engendrado da ciência, tem maior capital científico. Associar-se a grupos de maior prestígio pode representar uma estratégia individual e mais facilmente viabilizada de empoderamento. No entanto, também a associação com homens, como vimos pelo efeito Matilda e, no caso do casamento, pelo efeito *Camille Claudel*, ao invés de ser fator de acúmulo de prestígio, pode ser um mecanismo de retirada de crédito. Entre estes “becos sem saída”, muitas pesquisadoras preferiram trilhar um caminho mais isolado que tem como consequência um ritmo mais lento e que representa, muitas vezes, o não-acesso a certas posições de prestígio na carreira.

Atualmente o sistema *online* de currículos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, a Plataforma Lattes, permite o acesso aos dados e à transparência curricular do(a)s acadêmica(o)s. O cadastramento neste sistema se tornou pré-requisito para a entrada no meio científico⁹², quase comparável a uma carteira de identidade da(o) pesquisador(a). Por sua transparência, seu monitoramento feito por toda(o)s e qualquer um(a), este sistema nos traz a dimensão da concepção de panóptico de Michel Foucault. Um sistema de observação em que a pessoa se sente observada sem localizar o observador. Para o autor, este seria a condição para a passagem para uma sociedade disciplinar em que as regras estariam introjetadas; eis a interpretação de José Silva (2006: 11):

À vista destas considerações, parece razoável a afirmação de que o dispositivo da visibilidade constituiu-se como fator preponderante para o entrelaçamento (“encontro”) do poder com o saber. Dito de

⁹² O cadastramento do currículo é exigência para pedidos de bolsa às agências de fomento e pesquisa, por exemplo.

outra forma, as exigências sociais de finais de século XVIII e início do XIX encontraram na visibilidade da sociedade disciplinar uma maneira de expandir os procedimentos de controle social. Por outro lado, a organização da sociedade disciplinar, precisamente por se caracterizar como uma “anatomia política do detalhe” (Foucault, 2005: 120), significou um mecanismo com capacidade tanto de vigiar quanto de inculcar e espalhar o controle pela sociedade. Não sem razão, por conta da visibilidade, a máxima “ver sem ser visto” modificou-se para o “ver sem ser visto, conquanto eu, talvez, também esteja sendo observado e analisado.”

O monitoramento, avaliação e comparação entre os pares já eram práticas da arena científica. A Plataforma Lattes, lançada em 1999, veio ao encontro desta cultura e ampliou esta engenharia disciplinar em que todo(a)s estão operando e são operado(a)s. Com a visibilidade fornecida pelo currículo Lattes, a(o)s pesquisadore(a)s se comparam e, muitas vezes, não se comprova que este parâmetro pautado a avaliação do mérito que conduz os(as) pesquisadores a posições de destaque.⁹³

A professora física Márcia Barbosa analisou com Jeferson Arenzon as bolsas de Produtividade em Pesquisa da área de física segundo dados coletados do currículo Lattes de bolsistas em 2005. Suas perguntas ao realizar este trabalho foram: qual o perfil do(a) pesquisador(a) do CNPq? Qual o perfil de cada nível? Qual o perfil regional⁹⁴? Existe diferença entre pesquisadores e pesquisadoras? Os autores sugerem que nem o número de publicações, nem o número de doutores orientados são critérios suficientes para explicar a alocação nos níveis 1A e 1B. Também apontam que a idade parece ser um parâmetro bom para ilustrar o perfil do(a)s pesquisadore(a)s nas últimas categorias. No entanto, o mais interessante apontado foi que o número de publicações das bolsistas mulheres é maior que o dos bolsistas homens em dois níveis de bolsa PQ: no nível 2 e no nível 1B. O nível 2 é o primeiro nível de bolsa e representa o ingresso no sistema e o nível 1B é o penúltimo estágio para a progressão ao nível 1A, última categoria de ascensão no sistema. Segundo a autora e o autor, “podemos claramente notar que há um acúmulo em dois níveis: 2 e 1B. No caso das 1B, significa que existe uma barreira maior para a mudança de nível. Já no caso das 2, temos duas possibilidades: ou há uma barreira maior para subir para 1D, ou a barreira está na entrada do

⁹³ Os pedidos de progressão de nível de bolsa Pesquisa em Produtividade (PQ) são analisados pelos Comitês de Assessoramento, independentemente de solicitação, por ocasião do julgamento da proposta da(o) bolsista para uma nova vigência da bolsa PQ e conforme a quota para cada categoria definida pela diretoria.

⁹⁴ Alguns dados regionais enumerados: na região norte havia apenas um único bolsista PQ (no nível 1D) e no Centro-Oeste não havia nenhum(a) bolsista alocado no nível 1A de PQ.

sistema. Ou ambas.”⁹⁵ Uma barreira maior para as mulheres entrarem no sistema e alcançarem o último nível de bolsa.

Tentei até aqui esboçar algumas das barreiras específicas do gênero em atuar e progredir na carreira de física. Barreiras de todo tipo: internas, próprias de um processo de socialização no feminino; e externas, próprias de um sistema pautado no gênero em um campo científico duplamente patriarcal: por ser a própria cultura científica androcêntrica e por ser a física uma área majoritariamente ocupada por homens. Eis uma fala muito significativa de Johanna:

Se alguém te disser que quem é bom, faz carreira e quem não é bom não faz, não é verdade, é muito mais complicado do que isso, muito mais. Eu tenho realmente a honestidade de reconhecer que eu não fui a melhor; eu não sou a melhor, tem muita gente melhor do que eu e não chegou lá. Johanna

Apesar de Johanna ser uma pesquisadora de destaque, ela reconhece que o sucesso não é proporcional e reduzido à capacidade técnica. Esta afirmação deriva da lembrança de uma amiga que considera genial, inclusive, segundo sua opinião, mais brilhante do que ela, e que, ao contrário dela, não conseguiu se destacar na carreira. Ao pensar sobre as possíveis razões pelas quais sua amiga não teve uma carreira de sucesso, ela apontou para a pouca habilidade política dela e para o fato dela “ser sensível demais”. Johanna, apesar de também se considerar com pouca habilidade política, considera-se muito persistente e teimosa. Também afirmou ser uma questão da sorte: de estar no lugar certo, com as pessoas certas. Lembrou que o sistema de avaliação do CNPq, por exemplo, segue um critério mais quantitativo que não beneficiou sua amiga que trabalhava em temas mais teóricos e geralmente publicando sozinha e, portanto, com menor frequência.

Entre tantas barreiras, inclusive de associação e colaboração por parte das mulheres que podem sofrer um isolamento engendrado pelo patriarcado, as histórias de sucesso vêm marcadas pela resistência, pela teimosia e pela persistência. Contudo, pergunto: até quando as mulheres têm que conjugar características tão próximas das super-heroínas, super-mulheres, para atuar e ascender na carreira científica? Certamente enquanto o mundo científico estiver configurado no masculino excludente do feminino não há uma solução imediata e trivial. Também não significa ter um destino cultural imutável que exclui e marginaliza as vozes das cientistas e a possibilidade de uma outra ciência.

⁹⁵ Este trabalho pode ser acessado pelo endereço <<http://www.if.ufrgs.br/~barbosa/>>

Que seja um ponto, mas não final.

Ao longo desta dissertação, analisei os elementos de dois tipos de processos que resultam na exclusão ou “inclusão subalterna” das mulheres e do feminino, no campo científico: 1) as escolhas inerentes à posição feminina, quer dizer, as escolhas de todo tipo feitas, consciente e inconscientemente por cientistas; 2) a diversidade de manobras no campo da sociabilidade e nas práticas propriamente ditas de produção do conhecimento científico que dificultam as carreiras das pesquisadoras. Trata-se de barreiras internalizadas pelas mulheres assim como de barreiras externas constituídas por uma sociedade patriarcal que impedem o acesso, a permanência e a ascensão das mulheres nas ciências.

As teorias discutidas no primeiro capítulo apontam para a diversidade de barreiras constituídas pelo próprio discurso científico hegemônico que define os parâmetros para a prática da ciência a partir de um referente masculino no qual as mulheres, em sua concretude feminina, não estão imediatamente incluídas. Também mostram o quanto os conhecimentos produzidos segundo um formato androcêntrico são sexistas. Estes saberes sexistas excluem as mulheres enquanto sujeitos de pesquisa, ou seja, enquanto pesquisadoras. As mulheres também são excluídas enquanto “objetos” de pesquisa, isto é, seres humanas em sua completude orgânica, não apenas estudadas em função dos seus órgãos sexuais.

A primeira barreira analisada refere-se à dificuldade das cientistas em se reconhecerem na posição de dor por meio das representações sociais que denominei *inteligências descorporificadas* e *super-mulheres*. Este não-reconhecimento pode ser considerado uma estratégia individual de enfrentamento à violência de gênero. Contudo, esta atitude de negação da dor não permite que as cientistas se mobilizem e lutem contra as dificuldades impostas pelo patriarcado nas ciências.

Analiso também as violências de gênero relatadas pelas físicas entrevistadas no decorrer das suas trajetórias profissionais sistematizadas em duas categorias imbricadas: o *sexismo automático* e o *sexismo instrumental*. Estas violências demonstram a amplitude e variedades das dificuldades vividas pelas mulheres ao longo das suas carreiras e explicam, em parte, a ascensão lenta e marginal da maior parte das cientistas.

Finalmente, examino os sentidos dispostos nos discursos hegemônicos que definem

“ser cientista” e “ser mulher” enquanto termos contrapostos. A definição do sujeito da ciência ancora-se em um referente masculino enquanto os termos que compõem o ideal de feminidade são opostos a este referente. Estas definições são formatadas pelo gênero que insere a ciência e o cientista associados ao masculino, que tem criado como oposto e inferior a si o feminino.

Assim, as barreiras impostas às mulheres, internalizadas ou externas, não se referem apenas à dificuldade de “subir” na carreira. O chamado teto de vidro é o resultado e a conseqüência de muitos e disseminados obstáculos. Preferi, portanto, a metáfora “labirinto de cristal” para demonstrar as dificuldades de se estar no feminino e, simultaneamente, transitar no mundo das ciências. Não se trata, portanto, apenas de ascender na carreira científica, mas de atuar neste meio. O “labirinto de cristal” destaca barreiras a todo o momento encontradas pelas cientistas desde a entrada neste mundo, barreiras também invisíveis por não se tratar de barreiras formais, mas nem por isso menos concretas e contundentes.

Ao final de algumas entrevistas, questionei se haveria a possibilidade de políticas públicas modificarem o quadro de inclusão subalterna das mulheres nas ciências, em especial na física; mais uma vez, percebi como minha pergunta parecia descabida para algumas. Citei algumas políticas que poderiam ser formuladas para beneficiar as mulheres, como, por exemplo, a adoção de algum tipo de licença-maternidade ou cotas de representação feminina⁹⁶ em determinadas comissões, como o Comitê Assessor do CNPq. Todas medidas devem ser melhor analisadas e discutidas, mas, afinal, não está na hora deste debate mais amplo sobre o tema ser iniciado? A maior parte das respostas das entrevistadas, no entanto, foi evasiva a este respeito, quando não diretamente negativa.

Após a análise de suas falas e reações, considero dois os principais elementos para a descrença sobre as possibilidades de mudança impulsionadas pela implantação de políticas públicas para a equidade de gênero nas ciências: a representação social do sistema enquanto meritocrático (ainda que não de um mérito desconstituído do político) e a representação social da cultura enquanto cristalizada e imutável ou lentamente mutável. A ciência estaria, na perspectiva dominante, fora da história social e cultural.

A representação do sistema de ciência enquanto meritocrático, assim apresentado no segundo capítulo, não permite a percepção de injustiças. As desigualdades são interpretadas, grosso modo, como merecidas. Nesta ótica, não faz sentido tratar das questões relativas ao gênero nas ciências. O corpo feminino é duplamente apartado das ciências: pelo discurso

cartesiano de separação corpo e mente e pelo discurso androcêntrico que elege o masculino como referente e onde o corpo masculino não incomoda. Nesta lógica, questões relativas ao corpo e ao feminino são representadas como irrelevantes para um sistema tido como meritocrático.

O outro fator refere-se ao determinismo cultural. Se foi possível, em parte, desconstruir o discurso determinista biológico em que o comportamento social era definido por uma variedade de fatores biológicos, de genes a hormônios ditadores, deparamo-nos agora com outro tipo de determinismo: o cultural. O determinismo cultural encontrado nas falas das entrevistadas representa a cultura enquanto estática e dificilmente mutável, isto é, a-histórica. Não somente estamos reduzidas às (in)gerências de um corpo não-adequado, o feminino, como também estamos submetidas a um código cultural que constantemente valoriza o masculino ao retirar valor do feminino. Estes determinismos retiram qualquer possibilidade de luta para uma mudança histórica.

O determinismo cultural é, em parte, impulsionado por saberes androcêntricos como, por exemplo, a “*história do mesmo*” (Tânia Navarro-Swain: 2006). A “*história do mesmo*” é uma história linear, homogênea, evolutiva e calcada na importância da diferença sexual como vetor único de todas as relações sociais. Esta história atua como uma importante “tecnologia de gênero” (Teresa de Lauretis, 1994) que cria e reproduz a idéia de que “sempre foi assim”, e logo, “sempre será”.

A motivação para elaborar esta dissertação e examinar as barreiras impostas ao feminino e às mulheres no sistema científico é tornar (re)conhecida a situação de marginalização das cientistas, bem como impulsionar a elaboração de medidas que possam alterar este quadro de desigualdade de gênero nas ciências. Os direitos das futuras gerações de mulheres ao exercício das ciências se concentram entre as minhas preocupações.

Algumas medidas a favor da equidade de gênero nas ciências têm sido implementadas no âmbito do *Programa Mulher e Ciência* da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres – SPM. O programa realizou, em 2006, o “Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisa - Pensando Gênero e Ciências”, que possibilitou a discussão da temática e a formulação de algumas recomendações ao governo. Em 2005, foi lançado um edital de pesquisa para projetos enfocados em gênero, mulheres e feminismo. Também foi lançado o Prêmio “Construindo a Igualdade de Gênero” que está na sua terceira edição. Trata-se da iniciativa de premiar redações, no caso do Ensino Médio, e artigos científicos, no caso do

⁹⁶ Estas duas medidas foram listadas entre as recomendações do Encontro Nacional “Pensando Gênero

Ensino Superior e Pós-Graduação, na área de gênero, mulheres e feminismo. Apesar da importância destas medidas, estas apenas representam um primeiro passo na busca da equidade de gênero nas ciências.

A adoção de políticas públicas em favor da equidade gênero é, como em outras categorias como a racial, em geral, polêmica. Tratar de questões referentes às relações de gênero é necessariamente questionar certezas e alterar comportamentos arraigados. É uma batalha travada contra a cultura hegemônica patriarcal na qual estamos inserida(o)s. É como pensar em implodir um prédio prisional estando no interior desse. Não há terreno neutro ou um ponto de fora que nos garanta segurança. No entanto, esta é uma luta não somente necessária para possibilitar uma verdadeira participação das mulheres nas ciências como para criar condições de maior circulação de saberes plurais e diversos. Ao considerar que o conhecimento científico constitui um dos pilares da cultura patriarcal e principal discurso legitimador e normatizador de posturas e comportamentos, não é possível pensar em transformar a sociedade sem aceitar os desafios impostos pela questão de gênero à ciência.

Bibliografia

BACZKO, Bronislaw. “A Imaginação Social” Em *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, n. 5, p. 296-332, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*, São Paulo: Martins Fonte, 1992 .

BARBOSA, Márcia; ARENZON, Jeferson Produtividade em Pesquisa – CNPq – 2005: uma análise estatística <http://www.if.ufrgs.br/~barbosa/>

BENSUSAN, Hilan Observações sobre a libido colonizada: tentando pensar ao largo do patriarcado *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2004, vol. 12, no. 1 pp. 131-155.

BOURDIEU, Pierre O Campo Científico Em: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia* 1983 pp.122 -155.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. (trad. Renato Aguiar). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Carla. *O conhecimento dialogicamente situado: histórias de vida, valores humanistas e consciência crítica de professoras do Centro Tecnológico da UFSC*. Tese

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Decolonizar La Universidad La Hybris del punto cero y el diálogo de saberes 2006*

CALDWELL, kia L. “Fronteiras da Diferença. Raça e Mulher no Brasil”. Em: *Estudos Feministas*, vol.8 n° 2/2000

CHODOROW, Nancy. “Estrutura Familiar e Personalidade Feminina” Em: *A Mulher A Cultura A Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CITELI, Maria T. *Fazendo Diferenças: Teorias sobre Gênero, Corpo e Comportamento*. *Rev. Estud. Fem.*, 2001, vol.9, no.1, p.131-145. ISSN 0104-026X.

COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília Maria B. (orgs.) *Feminismo, Ciência e Tecnologia* Coleção Bahiana, Salvador, Redor, 2002.

DESCARRIES, Francine. “Teorias feministas: liberação e solidariedade no plural” Em: SWAIN, Tânia N. (org.). *Feminismos: Teorias e Perspectivas*. Textos de História. Em: revista do programa de pós-graduação em história da UnB, Brasília: UnB, 2000, vol.8, n1/2

DELPHY, Christine. “L’ennemi principal” *Partisans*, Paris, 1970 vol. 54-55. pp.157-172

EISENDRATH-YOUNG, Polly. “A Pessoa do Sexo Feminino e como Falamos Dela” Em: GERGEN, Mary (org) *O Pensamento Feminista e a Estrutura do Conhecimento*. Brasília:

Edunb, 1988.

FARGANIS, Sondra. “O Feminismo e a Reconstrução da Ciência Social”. Em: JAGGAR, Alison M.; BORDO Susan R. *Gênero, Corpo, Conhecimento* Coleção Gênero Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

FLAX, Jane. “Pós Modernismo e relações de gênero na teoria feminista” Em: HOLANDA, Heolisa (org) *Pós Modernismo e Política* Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FOX KELLER, Evelyn. *Reflexiones sobre Género y Ciencia* Valencia: Edicions Alfons el Magnànim: 1989.

____ Qual foi o impacto do feminismo na ciência? Em: *Cadernos Pagu* nº 27 Campinas, 2006 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso* 12ª edição São Paulo: 1996.

____ *Microfísica do poder*. (trad. Roberto Machado). 20.ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

GERGEN, Mary. “Rumo a uma Metateoria e Metodologia Feministas nas Ciências Sociais” Em: GERGEN, Mary (org) *O Pensamento Feminista e a Estrutura do Conhecimento*. Brasília: Edunb, 1988.

GEERTZ, Clifford. 1998. “Do ponto de vista do nativo: a natureza do entendimento antropológico”. Em: *O Saber Local*. Petropolis: Vozes, 1998.

GARCIA, Marta I. G.; SEDEÑO, Eulália P. “Gênero Tecnologia e Gênero” Em: Santos, Lucy W. *et alii. Ciência, Tecnologia e Gênero. Desvelando o feminino na construção do conhecimento*. Londrina, IAPAR, 2006, pp.33-72

GEERTZ, Clifford. 1998. “Do ponto de vista do nativo: a natureza do entendimento antropológico”. Em: *O Saber Local*. Petropolis: Vozes, 1998.

HARDING, Sandra. *Ciencia y feminismo*, Barcelona: Morata, 1996.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 1995, pp.7-42.

HUBBARD, Ruth “Algumas Idéias sobre a Masculinidade das Ciências Naturais” Em: GERGEN, Mary (org) *O Pensamento Feminista e a Estrutura do Conhecimento*. Brasília: Edunb, 1988.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo* Rio de Janeiro: Imago, 1988.

JENKINS, Keith. *A História Repensada* São Paulo: Contexto, 2005.

JODELET, Denise. “Representações Sociais: um domínio em expansão”. Em: JODELET,

Denise (org). *As Representações Sociais*. (Tradução Lílian Ulup). Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001.

LEWONTIN, R.C.; ROSE, S; KAMIN L. J. No está em los genes Racismo, genética e ideología Barcelona: Crítica, pp. 158 - 199, 2003

LIMA, Nádia R.L.B.; DUQUE-ARRAZOLA, Laura S.; ALVES, BEZERRA, Carla Suely; Maria de Fátima P.; SILVA, Maria Z.T. ; CAVALCANTI, Odalisca. M. . *A cientista e sua identidade de gênero*. Maceió: EDUFAL, 2003

LIMA e SOUZA, Ângela M. F. “O Viés androcêntrico em Biologia” Em: COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília Maria B. (orgs) *Feminismo, Ciência e Tecnologia* Coleção Bahiana, Salvador, Redor, 2002.

LOMBARDI, Maria Rosa. “Engenheira & Gerente: Desafios Enfrentados por Mulheres em Posições de Comando na Área Tecnológica” *Revista Tecnologia e Sociedade* Dossiê: Gênero e Tecnologia Curitiba, 2006.

LOPES, Maria Margaret. “Aventureiras nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências no Brasil. Em: *Cadernos Pagu*, v.10, p. 82-93, 1997

____ “Sobre convenções em torno de argumentos de autoridade.” Em: *Cadernos Pagu*, v. 27, p. 35–61, 2006

LOPES, Maria Margaret; COSTA Maria da C. “ Problematizando ausências: mulheres, gênero e indicadores na História das Ciências” Em: Moraes, M. L. Q. de. (Org.). *Gênero nas fronteiras do Sul*. Campinas, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero Sexualidade e educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997 5ª Edição

LÖWY, Ilana. “Universalidade da ciência e conhecimentos ‘situados’” Em: *Cadernos Pagu*, v. 15, p. 15-38, 2000.

LAURETIS, Teresa de. “Tecnologias do Gênero”. (Tradução de Suzana Funck). Em: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. 1ª. edição. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

MACKINNON, Catherine A. “Crimes o War, Crimes of Peace” em Shute, Stephen and Susan Hurley (eds): *On Human Rights. The Oxford Amnesty Lectures 1993* New Cork: Basic Books, 1993 p 83-111.

MARTIN, Emily. *A Mulher no Corpo: Uma Análise Cultural da Reprodução* Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

MARTINEZ, Alexandra F. “Introducir a las mujeres en la producción científica o lograr la democracia cognitiva?” Em: VEJA, Silvia; CUVI, Maria; MARTINEZ, Alexandra *Gênero y Ciencia Los Claroscuros de la investigación científica en el Ecuador*. Equador: Abya-Yala, 2001.

SOIHET, Rachel. "História, Mulheres Gênero: Contribuições para um Debate" Em: AGUIAR, Neuma *Gênero e Ciências Humanas – desafio às ciências desde a perspectiva das Mulheres*. Coleção Gênero Rio de Janeiro Ed. Rosa dos Tempos, 1997.

NAVARRO-SWAIN, Tânia "A Invenção do Corpo Feminino ou a Hora e a Vez do Nomadismo Identitário?" Em: SWAIN, Tânia N. (org.). *Feminismos: Teorias e Perspectivas*. Textos de História. Em: revista do programa de pós-graduação em história da UnB, Brasília: UnB, 2000, vol.8, n1/2

____ Identidade, para que te quero? In: *História e escrita. Intelectuais e Poder*. Goiânia:UFGO, 2004.

____ Você disse imaginário? Em SWAIN, Tânia Navarro (org) *Histórias no Plural*, Edunb, Brasília: 1996

____ *Os limites discursivos da história: imposição de sentidos* Labrys Junho/2006 <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys9/libre/anahita.htm>>

____ *As heterotopias feministas: espaços outros de criação* Labrys Julho/2003 <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys3/web/bras/anah1.htm>>

____ *Entre a vida e a morte, o sexo* Labrys Julho/2006 <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys10/livre/anahita.htm>>

NICHOLSON, Linda. "Interpretando o gênero". *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso – princípios & procedimentos*. Campinas, SP: Ed. Pontes, 2005.

PATEMAN, Carole *O contrato sexual*. São Paulo: Paz e terra, 1993.

RAGO, Margareth. "As marcas da pantera: Foucault para Historiadores." Em *Revista Resgate*. Campinas, n. 05, Centro de Memória da UNCAMP, 1993.

____ "O efeito-Foucault na historiografia brasileira". Em: *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*. São Paulo, v. 7, n. 1-2, 1995.

____ "Epistemologia Feminista, Gênero e História". Em PEDRO, Joana & GROSSI, Miriam. (orgs). *Masculino, Feminino, Plural. Gênero na interdisciplinaridade*. Ilha de Santa Catarina: Ed. das Mulheres, 2000.

RODHEN, Fabíola. *Uma Ciência da Diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

ROSALDO, Z. Michelle e LAMPHERE, Louise. *A Mulher a Cultura a Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

SCOTT, Joan. "Experiência" In: SILVA, Alcione Leite et alli. (orgs.) *Falas de Gênero*. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999.

____ “Relendo a História do Feminismo” Em: A Cidadã Paradoxal Santa Catarina: Editora Mulheres, 2002.

SCHIEBINGER, Londa. *O Feminismo mudou a ciência?* São Paulo: EDUSC 2001.

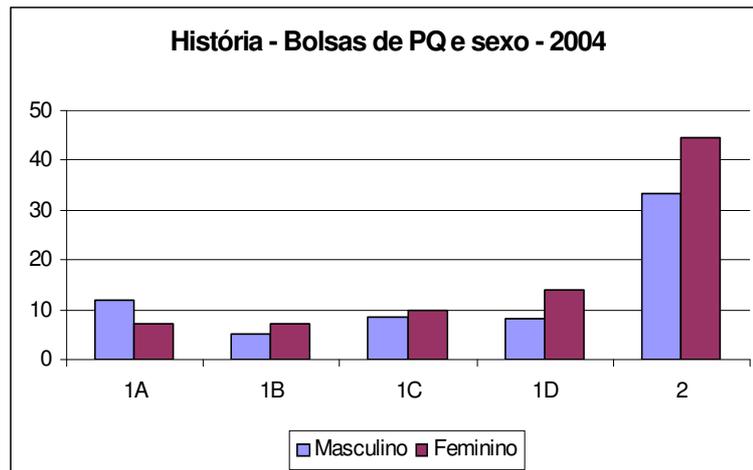
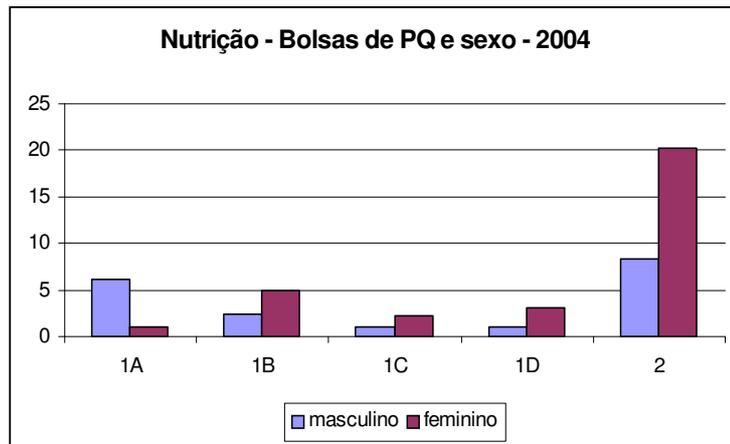
SEGATO, Rita L. *Antropología y Psicoanálisis. Posibilidades y Límites de un diálogo.* Brasília: Série Antropologia: 330, 2003.

____ *Las Estructuras Elementales de la Violencia: Contrato y Status en La Etiología de la Violencia* Brasília: Série Antropologia: 334, 2003

____ *La faccionalización de le República y el paisaje religioso como índice de una nueva territorialidad*” Em: La Nación y sus otros: raza, etnicidade y diversidad religiosa en tiempos de políticas de la identidad Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

ANEXOS

ANEXO I



ANEXO II

Roteiro Aberto de Perguntas para as Entrevistas

A visão de si

- Como você se enquadra enquanto classe e raça?

Início da Carreira e Opção de Área

- Gostaria de saber o processo de decisão em se tornar pesquisadora na área de...?
- Houve alguma influência especial de alguém: pais, professores...? Algum brinquedo?
- Alguma vez pensou em outra área?
- Como foi sua trajetória acadêmica? Em algum momento você pensou em desistir?
- Quais foram os incentivos encontrados? Quais as dificuldades?
- Você faz parte ou lidera algum grupo de pesquisa? Se sim, quantos integrantes? De ambos os sexos?
- Já tentou alguma vez bolsa de pesquisa: CNPq, Capes...?
- Você orienta? Quantos alunos? De ambos os sexos?

Ascensão na Carreira

- Você gostaria de chegar ao topo da carreira? Qual a sua ambição? Como se imagina enquanto profissional realizada?
- Quais são os obstáculos tem encontrado para chegar aos seus objetivos?
- Qual é o topo da carreira científica na sua área? Quem são os pesquisadores brasileiros, na atualidade, quem você considera como ocupantes deste lugar?
- Já exerceu algum cargo de liderança ou chefia (chefe de departamento, líder...)? Por que não? Ou como foi?
- Já pensou em ter uma experiência acadêmica fora do Brasil? Se já, como foi o processo de saída para estudar/pesquisar no exterior?

Família

- Qual é seu ambiente familiar? Mora com alguém? Exerce o cuidado com filhos ou alguém da família?
- Como foi conciliar a família/vida pessoal e o trabalho?
- Já recusou algum cargo ou outra oportunidade de trabalho (como trabalhar em outra universidade ou estudar no exterior) por dificuldades em arranjar família e trabalho? Ex: escola para crianças, cuidado de um parente mais velho.

- Já deixou de ir a algum compromisso de trabalho ou viagem a congresso por não ter com quem deixar os filhos ou cuidado de algum outro membro da família?
- Houve algum tipo de desentendimento com seu/sua companheiro(a) ou filhos por dedicar-se muito ao trabalho? Algo como viajar muito? Passar muito tempo lendo ou no laboratório?
- Já recusou alguma proposta por optar pela vida a dois?

Interação com os colegas

- Alguma vez algum colega fez algum tipo de brincadeira fazendo referência ao fato de ser mulher? Do tipo: “só podia ser mulher mesmo!”.

Há brincadeiras sexistas no seu ambiente de trabalho? Entre os colegas ou entre os alunos?

Isso a incomoda? Há maneiras de evitar isso?

- Já se sentiu, alguma vez, assediada no seu trabalho?
- Alguma vez, em alguma roda de homens ou reunião, sua presença foi ignorada ou esquecida?

Perguntas sobre percepção de Gênero

- Qual o rótulo que tem o cientista?
- Quais as principais dificuldades para uma jovem optar pela carreira científica? E permanecer? Se sim, quais as medidas que deveriam ser tomadas? Ou o mérito sempre é recompensado?
- Há áreas tipicamente femininas? Por que?
- A maioria dos cargos dos que fazem política de C&T são ocupados por homens? Isto faz alguma diferença?
- A “ciência” poderá progredir sem a maior participação das mulheres?
- Há um jeito feminino de fazer ciência?

Pergunta Ampla: Em algum momento, sofreu algum preconceito por ser mulher?

- Alguma vez, em semelhantes condições, foi preterida por ser mulher? (na escolha de um representante, na liderança de um grupo...)
- É possível afirmar que para a mulher cientista ser reconhecida é necessário que ela faça muito mais por merecer?
- Quais são os obstáculos tem encontrado para chegar aos seus objetivos?
- A alocação no sistema de Ciência e Tecnologia é uma questão de mérito?

ANEXO III

The Program

Time-Table

The program consists of:

1. **Invited Talks**
2. **A Round Table**

There will be a round table about: Research Funding and Women in Physics

3. **Posters**

The participants will be able to participate in two different poster sessions:

- Poster session about gender: Each country team will have the opportunity to present a poster about the situation of the country's team. Please, contact the team leader of your country ([click here to find the email of the team leader for details](#)). Exceptionally individual posters will be accepted ([click here for getting more details about individual presentations](#)).
- Poster session about scientific research: All participants will have the opportunity to present a poster about her/his scientific work. Each poster will have a space of:
1m wide per 2.2m long.
- The list of posters can be found at <http://www.sbf1.sbfisica.org.br/eventos/wp/ii/programa/>

4. **Discussion Groups**

The conference will have discussion groups about the following teams:

- Attracting Girls into Physics
- Launching a Successful Physics Career
- Getting Women into the Physics Leadership Structure Nationally and Internationally
- Improving the Institutional Climate for Women in Physics
- Learning from Regional Differences
- Balancing Family and Career

In each one of these topics, we will discuss barriers and strategies to overcome them that has shown to be successful. At the end of the event we shall succeed in having a number of practical suggestions of how to improve the situation of women in physics at the individual and global level.

ANEXO IV

Tabela 2.9.2 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa por categoria/nível segundo o sexo do bolsista - 2001-2006 Número de bolsas-ano (1)

Categoria/ Nível	Feminino						Masculino					
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2001	2002	2003	2004	2005	2006
1A	228	227	241	250	248	249	792	803	809	802	821	832
1B	195	209	209	203	243	302	523	543	560	545	606	692
1C	298	330	375	393	405	418	765	855	934	947	948	952
1D	459	485	527	548	531	495	964	990	1.022	1.039	1.008	921
2	1.279	1.253	1.233	1.423	1.508	1.566	2.164	2.069	2.040	2.303	2.498	2.647
Total	2.458	2.505	2.584	2.818	2.935	3.030	5.208	5.260	5.365	5.636	5.880	6.043

Percentuais

Categoria/ Nível	% feminino						% masculino					
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2001	2002	2003	2004	2005	2006
1A	22	22	23	24	23	23	78	78	77	76	77	77
1B	27	28	27	27	29	30	73	72	73	73	71	70
1C	28	28	29	29	30	31	72	72	71	71	70	69
1D	32	33	34	35	34	35	68	67	66	65	66	65
2	37	38	38	38	38	37	63	62	62	62	62	63
Total	32	32	33	33	33	33	68	68	67	67	67	67

Fonte: CNPq/AEI (2.9.2-Sexo_GA_PaisExt_0106_nº)

Notas: Inclui as bolsas custeadas com recursos dos fundos setoriais; Não inclui bolsas de curta duração (fluxo contínuo);

- (1) O número de bolsas-ano representa a média aritmética do número de mensalidades pagas de janeiro a dezembro: nº de mensalidades pagas no ano/12 meses = número de bolsas-ano. Desta forma, o número de bolsas pode ser fracionário. Exemplo: 18 mensalidades/12 meses = 1,5 bolsas-ano.
- (2) Tabela disponível no site do CNPq: <http://www.cnpq.br/estatisticas/bolsas/sexo.htm>

ANEXO V

Data: 11/14/2005 |
Para: Betina S. Lima
De: Arthur 4º série C.

